BENTO MORENO

COMEDIA DO CAMPO

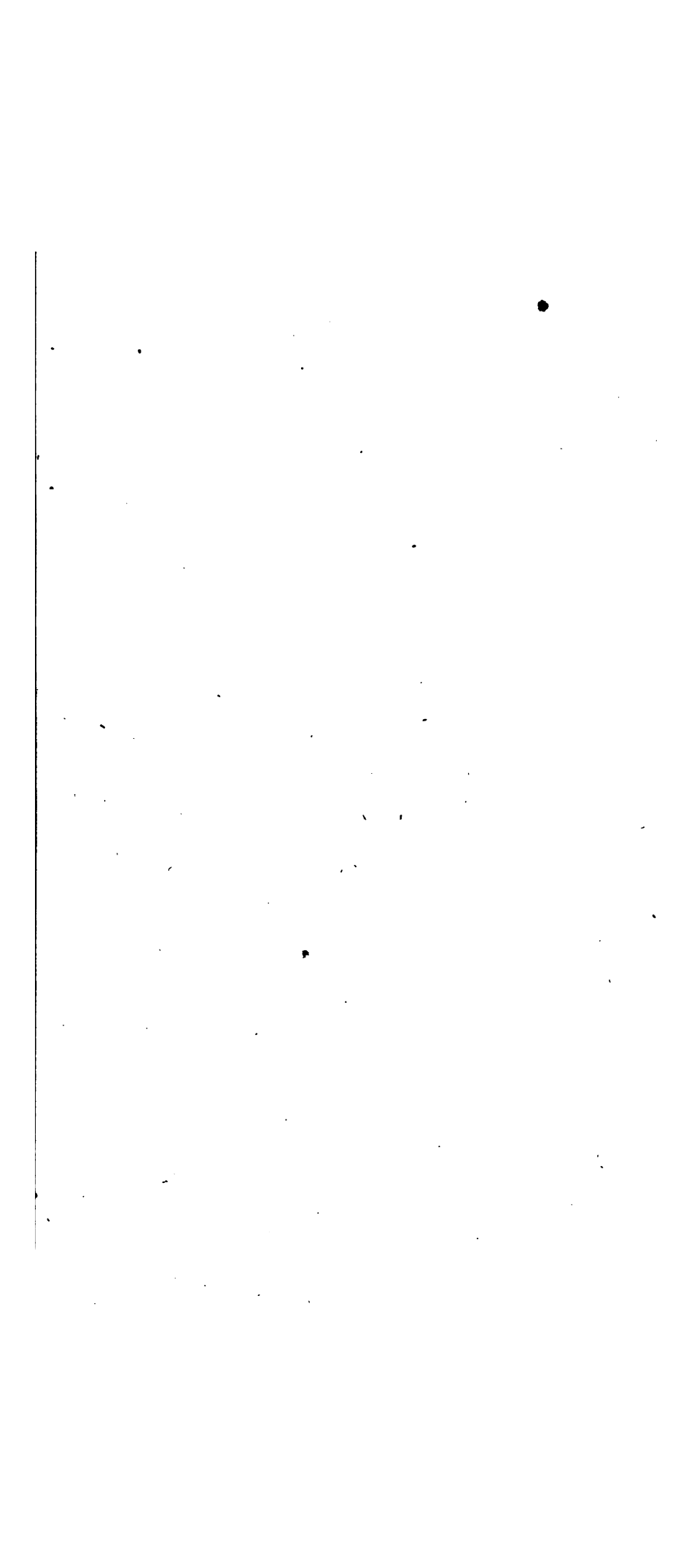
SCENAS DO MINHO

Volume II

AMOR DIVINO

(ESTUDO PATHOLOGICO D'UMA SANTA)

LISBOA
DEPOSITO — LIVRARIA DE PACHECO & CARMO
Rua do Ouro
1877

COMEDIA DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

COMEDIA
DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

POR

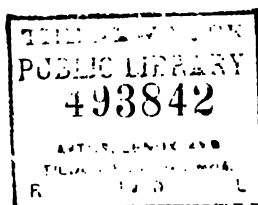
BENTO MORENO

Là plupart des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âme convertit en tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère.

H. DE BALZAC—*Modeste Mignon.*

Volume II

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1877

O proprietario d'esta edição, no Brazil, é o sr. Lourenço Lins de Hollanda, subdito brazileiro, residente no Pará.

AMOR DIVINO

(ESTUDO PATHOLOGICO DE UMA SANTA)

La passion la plus excitante sur le système nerveux vaso-meteur et la plus déprimante sur les fonctions nutritives c'est l'amour, et sur tout l'amour divin.

DR. CHARBONNIER — DEBATTY — *Maladies et facultés diverses des mystiques*.

On subordonna l'amour calme et raisonnable qui convient au mariage, à l'amour extatique et desordonné qui se rencontre hors du mariage.

H. TAINE — *Philosophie de l'Art*.

AMOR DIVINO

(ESTUDO PATHOLOGICO DE UMA SANTA)

PRIMEIRA PARTE

I

Em 1874, diziam os jornaes de Paris, que monsenhor Guillemin, bispo de Canton, presenteára o jardim de acclimatação com uma raridade botanica, mandada da sua diocese. É uma planta singular, n'esse tempo unica na Europa, e que tem o predicado curioso de mudar tres vezes de matiz durante o dia. Chamam-lhe, vulgarmente, em Paris *planta camaleão,* alludindo á inconstancia de suas côres. Os naturalistas, desejando significar o mesmo predicado, applicaram-lhe a denominação significativa de *hibiscus mutabilis*. Tal maravilha, producto dos caprichosos processos, para nós desconhecidos, que os chinezes empregam na sua floricultura, excitou vivamente as organisações parisienses, principalmente as das senhoras. Nos seus buliçosos

olhos inquietos, podia-se reconhecer, que uma frenetica curiosidade as excitava, que uma sympathia, para ellas inexplicada, as attrahia.

Ora, ha muitos observadores, que desejam affirmar, que a volubilidade é um predicado do modo de sentir das organisações femininas, um distinctivo de impressionabilidade exquisita, uma das suas modalidades mais caracteristicas. No vestir a mulher mostra caprichos e extravagancias que o homem nunca teve, nem sob a lubrica civilisação do Imperio Romano, nem sob o periodo phantasioso do Directorio. Os caprichos do trajar tem relação estreita com o estado mental dos individuos e das sociedades. Todas as expressões da alma nos factos do amor—n'essa velha paixão intrigante—tem intima ligação com os adornos e enfeites, que servem para occultar defeitos ou para realçar certos dotes naturaes.

Por isso é que dizem que o phantasioso, o mutavel, o inconstante é traço vigoroso na mulher para o vestir e para o amor. É por isso tambem, que, na similhança das particularidades d'aquella planta, com as da organisação feminina, está, para muitos, a explicação da curiosidade das parisienses para a observarem.

E quando uma individualidade é definida caracteristicamente n'um predicado, ella gosta que lh'o reconheçam e apreciem. Para isso exagera-o, muitas vezes levanta-o bem alto para o tornar visivel, d'um modo que muita gente póde julgar atrevido.

Era o que se dava com Rosaria, o typo da inconstancia feminina no campo. Confessava ella com vaidade, que nunca tivera namorado que lhe agradasse por oito dias. Mas tanto somos pueris, tanto o homem é ingenuo e incauto, que, apesar d'isto, os pretendentes de Rosaria eram de cada vez mais, a ponto de a enfastiarem.

Porém, a verdade é que, a filha de Thomaz do Monte era uma rapariga com muitos attractivos, com uma grande potencia de sympathia. Não quero dizer que ella tivesse a serena expressão de Cybelle, que, segundo Pausanias, é de marfim de hippopotamo; nem o ar romanesco e gracioso dos desenhos de Tempeste; nem a pelle fina e setinosa dos retratos psychologicos de Reynolds. Rosaria era simplesmente uma bellesa de carne e osso, uma alegria travessa, communicativa, grosseira e toda minhota.

Largos hombros, espadaúdos e masculinos. Braços carnosos, um nada tostados das soalheiras, com uma leve pennugem que os tornava macios e provocantes. Nos quadris salientes pregava-se a cinta delicada, como um ramo n'uma camoêsa. Expansivo, sensual e em curva graciosa, erguia-se o peito. Sobre o tronco airoso e flexivel, cinzeiro de amores esquecidos, levantava-se a cabeça airosa como uma papoula.

Os cabellos eram fartos e d'um negro profundo. O fresco rosto moreno, tinha a suavidade carnal do das Manolas de Goya. A testa pequena, voluntariosa, cheia de vigor e tambem de voluptuosidade, parecia a de

Venus de Milo, que, entende Gautier, convir tanto a Clytemnestra como a Messalina. As sobrancelhas espessas, obscureciam, d'um modo tenebroso e provocador, uns olhos suavemente brilhantes como dous espelhos negros — dous olhos perigosos. O pequeno nariz, travesso e rispido, animava-lhe as feições com uma graça inquieta e revoltante. Os beiços eram espessos e carminados, tinham certa humidade sensual. O queixo terminava este rosto com rapidez e via-se o pescoço convidativo.

Esta rapariga tinha óptimas condições para ser o *segundo* peccado original.

Parecia gosar uma mocidade sadia, risonha, alegre, com todos os dotes palpitantes da carne saudavel e do espirito despreoccupado. Porém esta apparencia era alguma cousa mentirosa; porque a saude já lhe tinha sido interrompida por doenças graves.

Sua mãe morrera depois d'um prolongado padecimento, em que deitou muito sangue pela bocca. Os que tinham conhecido esta boa mulher, que Rosaria não conservava na sua memoria, affirmavam haver entre ambas notavel similhança, e prediziam á filha uma terminação como a d'ella. O proprio Thomaz do Monte é que mais vezes fazia este triste prenuncio, com ar melancolico, concentrado, e, ás vezes, até com lagrimas — ella era a sua unica ambição na velhice.

Porém no momento em que a consideramos, n'estes seus vinte e dous annos, Rosaria era alegre, namorava pelo interesse da vida, porque achava o sol vivificador,

e a matinal frescura dos campos cheia de exuberancias. Era uma rapariga de apparencia forte, com muitos dotes de masculinidade—trabalhava com vontade, dançava loucamente e jogava o pau como um valentão de feira.

Nas sementeiras, nas segadas, nas malhadas era sempre um espirito benefico, soltando alegrias pelo ar, e fazendo do trabalho uma cousa appetitosa. Quando ella faltava, cahiam todos n'uma somnolenta monotonia, sentiam-se vasios de palavras e de satisfação. Ella era a abundancia de vida, a opulencia d'um bom sangue, um temperamento vivaz, que se repartia pelos que a cercavam.

Muitas vezes vinham-lhe uns excessos que não lhe ficavam mal. Se Zé Maximo lhe mostrava veleidades amorosas—porque Zé Maximo as tinha realmente—e que lhe dizia algum gracejo galanteador, Rosaria, alem das respostas agudas e promptas, dava-lhe sempre um safanão no chapeo, atirando-lh'o ao chão e dizia:

— Ora ahi tem seu velho. Não vê que póde ser meu pae?!

Ao que o barbeiro respondia amarello de vergonha:

—És o diabo, o vivo diabo, rapariga!

E sacudia o chapeo empoeirado.

Com o Agrella, as pugnas, as rixas fingidas eram diversas e mais variadas. Ella mostrava-se ternamente apaixonada pelo velho alfaiate. Umas vezes era doce e meiga como Julia, outras ciumenta, vigorosa, quasi othelica.

Hoje parecia indifferente, despreoccupada, desconhecida; depois vinha cheia de communicações, de amisades dizer muitas cousas intimas, submissa como uma gata. Diante da propria victima, projectavam dar morte horripilante á velha Gertrudes e, depois, irem, para muito longe, para uma terra desconhecida, fazer vida de esposos, em legal consorcio cheio de esperanças. Mesmo á vista dos que tinham aspirações reconditas á sua mão, é que Rosaria planiava, com o Agrella, delirios extravagantes, motivados por uma paixão violenta. Diziam ambos as suas cousas com uma seriedade comica, por entre as risadas dilatadas e boçaes dos muitos indifferentes que ouviam.

Ás vezes era no adro da egreja, depois da saida da missa conventual. Formavam-se circulos de ouvintes, todos de cara risonha, de chapeo para cima da testa, com as mãos nos bolsos ou atrás das costas e os beiços entre-abertos.

—Então o dito, dito, *Rosaira?*—indagava o Agrella. Não me enganas moça de mil demonios?!

—Tenho só uma palavra e só um coração—respondia requebrando-se.

—És firme até á cova? firme como aquelle penedo, que está acolá?!—perguntava de novo o alfaiate com intimativa.

—*Acradita* que te não faltarei.

—Deixa que seremos muito felizes.

—Tomára eu já—respondia Rosaria com optima seriedade.

E o Agrella voltando-se para os assistentes, affirmava:

—É para verem. Com os meus sessenta, que aqui estão, ainda derroto estes rapazes que não servem...

—Nem para uma mésinha—concluia Rosaria.

E produziam-se grossos estalos de risadas com muitas palavras avulsas, e bulhentos repiques de sino, por alguma promessa cumprida.

Sentia-se, n'estes momentos, a frescura do bom ar que vinha dos arvoredos proximos. Os travessos pardaes, em caprichosas luctas, passavam ás revoadas da torre para os cyprestes, onde, os não deixa descançados, a sagacidade cruel do rapazio que lhes descobre os ninhos. A distancia levantava-se a corpulencia d'um escuro monte, que se rendilhava no azul com recortes deseguaes. Mais perto, uma sonora corrente d'agua, tangia um engenho de serragem e um moinho. Lá dentro o moleiro, só dependente da agua e do seu trabalho, apertava frequentemente a *mó*, e olhava, de vez em quando, para a *quelha* d'onde cae o milho graeiro a graeiro, ao som impertinente e monotono da *chamadeira*. Os cevados familiares, que vinham ao cheiro da farinha, eram vigorosamente enxotados por umas creanças sujas e fortes que appareciam á porta do moinho, com as suas caras enfarruscadas. Lá dentro, o bom moleiro, levava a sua vida fadigosa e independente, ralhando com a mulher e com os filhos e enchendo repetidas vezes a *dorneira* de bom grão secco.

II

Porém, esta monotonia campestre, veio a ser cortada por um acontecimento que sempre altera os corações populares.

Annunciavam-se os missionarios para a freguezia, contigua a esta, em que pastoreava o cura Clemente Carvalhosa.

Antes de chegarem, começou a espalhar-se a grande fama d'aquelles santos. D'elles se contavam maravilhas com muitas phrases opulentàs. Chegou a fallar-se em milagres verificados, em communicações divinas por meio de certas cartas que se vendiam em lettra dourada, em arrebatamentos celestes durante o sacrificio da missa e em muitas outras cousas! N'este tempo, houve importantes descobertas, sobre as penas do inferno, e referiam-se com semblante pasmado.

Um dos missionarios, porém, destacando-se dos seus companheiros por circumstancias de pessoa, de edade

e de saber, conquistára em toda a parte maiores sympathias, maior confiança, signaes evidentes d'um maior respeito que os collegas lhe não disputavam.

Era um rapaz alto, muito pallido e magro! Chamavam-lhe simplesmente *padre Antonio.* Tinha singularidades que muito impressionavam: fallava pouco e com voz mediocre e branda; nas respostas era extremamente comedido e reservado — nunca olhando de frente, ou pelo menos fixamente, o interlocutor; caminhava com a cabeça ligeiramente pendida e trazia as palpebras um tanto descahidas.

O padre Antonio tinha uns modos e uma vida de muita severidade. Não o viam sahir de casa para recrear os olhos nas largas paisagens cheias de frescura. Conversava ordinariamente com um proposito religioso. Importava-se pouco com as mundanidades, não desfitava a patria celestial, parecia ter sempre em vista a salvação eterna da sua alma.

Quando chegaram, Fr. Thomaz e Fr. Anselmo, seus companheiros, hospedaram-se em casa do parocho. Era na *residencia,* perto da egreja, entre sombras de carvalheiras, com uma paisagem graciosa, limitada n'um alto cerro penhascoso, e com alguns regatos que se viam da janella. Eram dois velhos frades de sessenta annos, homens d'uma gordura vulgar, sinceramente vermelhos e com um bom genio pacifico e commodista. Gostavam muito de conversar, rir e comer á vontade, sem ceremonias. Tinham as asperas rudezas d'uma educação de lavradores, e ás vezes,

mostravam geitos improprios do *habito*—gostavam de comer as pernas dos gallos com a mão.

É verdade que no pulpito eram outros, tomavam um ar convencional e proprio. Principalmente contra o peccado do luxo chegavam a ser violentos e malcreados. Golfavam raivas estudadas contra Satanaz e contra os penteados. Um vestido que arrastasse era, para elles, uma infernal imitação da prolongação caudal que têem os macacos e os demonios. E quando diziam isto, tinham geitos facetos, imitando o andar petulante das peccadoras, que elles tinham visto em Braga *arrastando cambraias pelas ruas!*

Descreviam com vigor os tormentos que flagellariam estas pobres mulheres. As particularidades das fogueiras infernaes e todos os meios de atormentar expunham claramente, com muita audacia. Os velhos frades eram violentos, tinham largos arremeços de colera e cuspilhavam frequentemente sobre o povo, que se apinhava na egreja, com grande rumor.

Contra o *inimigo das almas* eram sinceramente rancorosos—inventavam coisas insignificantes para o desacreditar. Calumniavam-no de um modo cruel, contando particularidades obscenas e factos criminosos d'este Lovelace romantico. No dizer dos dois ecclesiasticos não havia maior enredador de familias, nem mais provocante seductor de donzellas. E accrescentavam, que nem o mais astuto namorado podia comparar as suas empresas galantes, com as mais simples da vida do diabo.

A certas imaginações desejosas, este anjo das trevas, não se mostrava absolutamente detestavel. Muitas

donzellas perguntavam, mentalmente, se elle seria bello, gentil, airoso... Mas algumas lembranças desalentadas, alguns dos toques referidos pelos missionarios, vinham afeiar os bellos quadros em que o demonio era seductor — os prégadores tinham-no figurado com um enorme rabo, dois cornos retorcidos e pés de cabra. Porém, tambem affirmaram, que elle tinha o poder curioso de occultar estes defeitos, mostrando-se, aos olhos peccadores, simplesmente humano e até sympathico; *e por isso que muitos d'esses janotas que viam, eram o proprio diabo em pessoa.*

Quando, a voz de qualquer d'estes dois missionarios, se levantava na discreta escuridade do templo, todos sentiam sobre a cabeça o peso sinistro das grandes coleras do céo, e, no fim da *pratica*, abatiam-se no pavimento frio da egreja, com as faces angustiadas. Os penitentes lamentavam-se com chóros altos e, esbofeteando-se, pediam perdão em vozes extensas e uivadas. Mas saindo da egreja, desvaneciam-se-lhe muito as tetricas visões, conversando vulgarmente.

Comtudo, estes velhos missionarios, eram tidos por homens triviaes — fallavam, cá fóra, lhanamente a todo o mundo, deixavam-se penetrar do espirito terreno, descendo ao mundo das cousas insignificantes e aconselhando em assumptos de occasião. Os lavradores lembravam-se que talvez elles tivessem campos e déssem gado a ganho... Viam-nos interessar facilmente nas conversas e fazer contas de cabeça!

Por isso, estes bons homens, não eram tidos no conceito de padres superiores, e a sua palavra no pulpito deixou de ter uma auctoridade imponente.

O mais novo dos tres, o padre Antonio, comportava-se de modo differente, e tinha, cá fóra, os mesmos respeitos, os mesmos olhares submissos e admirativos que no pulpito. Viam-no, quasi sempre, no caminho da egreja, n'um passo largo, com as mãos occultas nas mangas, um livro debaixo do braço, o tricorne na cabeça e olhando severamente para a terra. Ás vezes ia fallando só — diziam que recitava orações. Não cumprimentava ninguem, porque, quando caminhava, parecia ver sómente a linha da sua estrada. Não abria os olhos para ver este mundo de torpezas; porque a sua patria desejada, não era cá em baixo. O seu espirito, sempre absorvido na sublimidade da oração, não descia das altas regiões, onde o espaço é infinito. Velhos ou raparigas que lhe fossem pedir a benção, recebiam-na amoravelmente, sem o poderem tirar da sombria convicção do seu nada — o padre Antonio era pó e em pó se havia de converter. Todos que o conheciam o tomavam sob este aspecto sublime e melancolico.

Era um homem doente que tudo sacrificára ao sacerdocio — mocidade, alegria e, dizem, que dinheiro. Contavam que fôra um rapaz robusto e de genio — um bulhento morgado de feiras. Isso tinha sido nos tempos da sua mocidade, em que phreneticamente desejára gastar-se no peccado, como Francisco de Assis. Tivera amasias, companheiros atrevidos—uns trovadores de cacete, que raptaram muita donzella e namoraram, assiduamente, meninas enclausuradas nos conventos bracharenses. O padre Antonio, como elles, tinha sido um provocador de escandalos, um seductor audacioso. Eram

conhecidas as suas romanticas proezas nocturnas, que os velhos libidinosos não reprehendiam e, simplesmente commentavam, com um sorriso satisfeito, penetrado de recordações.

— É levado de mil diabos! Mas sabe-as arranjar, lá isso sabe! Ah! tempos, tempos! Que digo eu ó Araujo? — perguntava um homem calvo para um clerigo.

Ao que este respondia:

— Não fallemos n'isso, não fallemos. Agora contas e borracha *meu amiguinho.*

Porém um dia, esse conhecido estroina — não se sabe bem porque! — appareceu regenerado. Diziam todos que fôra certamente um milagre, um toque divino; porque o haviam conhecido corrupto e desgraçado, e, esta mu. dança de vida, não podia ter uma explicação humana-

Era transmontano e senhor de um extenso morgadio, que cedeu generosamente em favor de um irmão, para entrar pobre, conforme á letra do evangelho, no seio da religião, onde o conforto e a paz são verdadeiros e infinitos. Assim, tinha os signaes do convertido por influxo celeste — a pobreza voluntaria e a martyrisação — ; porque se dizia, com desconfiança, que se disciplinava todas as noites, com umas cordas, até escorrer o sangue de suas carnes. Muita gente affirmava que debaixo d'aquella batina preta, trazia, como José Cupertino, alguma coisa que lhe rasgava o corpo. A sua apparencia, notavelmente ossea e amarellenta, justificava todas as supposições.

Como depois de presbytero frequentára theologia na universidade de Coimbra, o novo missionario era respeitado, entre os proprios collegas, pelo seu saber ex-

cepcional em materias religiosas. Em certo periodo da sua regeneração, leu com afinco os perfumados livros de um idealismo transcendente, e, ás vezes, de uma metaphysica curiosa, em que se celebram e discutem os factos da vida dos santos mais afamados pelo seu martyrio e pelos seus milagres — leu por muito tempo de la Rue, Goerres, Boaventura, etc.

Por ser muito doente, quando ia missionar, era sempre hospedado em casa de senhoras piedosas que lhe podessem dar um tratamento condigno. Todas desejavam receber o celebre missionario; mas esta dignidade era recusada a algumas. Por este motivo, muitas devotas trocavam expressões calumniosas e indecentes, guerreando-se no empenho de o terem em casa. Houve muitas contendas cheias de raiva mundana; os doestos, os improperios e a intriga perturbavam aquellas boas almas pacificas e caridosas.

D'esta vez a casa de Refuinho é que deu hospedagem ao missionario.

Dentro do velho palacio ia uma azafama excepcional, antes da promettida chegada. Saíram dos enormes bahús, lençóes finissimos e as melhores colchas adamascadas. Lavaram-se excepcionalmente os antigos soalhos. Os serviços de loiça dourada, esquecidos nos fundos armarios de castanho, e aos quaes se prendiam recordações de familia, desceram para receber o hospede e foram cuidadosamente limpos. O quinteiro desde o portal até á escada do pateo, foi coberto com uma boa camada de barro fresco — aceio excepcional de que usavam

sómente no dia de cruz, quando, o bom Christo resuscitado, visitava Refuinho.

D. Maria, a velha fidalga, magra e devota, sentia-se fóra de si, opprimida de occupações, de fadigas e de cuidados. A todos os momentos revistava com minudencias escrupulosas os cantos, para ver se encontrava alguma falta. Andava pela casa, sem direcção determinada, com os olhos em toda a parte, com o rosto em todas as direcções, como uma pessoa que sentisse um tremor de terra, ou como um peixe estonteado pela cóca. Ás vezes já tinha resado, estava deitada e tinha a luz de azeite extincta; mas lembrava-se de qualquer cousa que podesse faltar, accendia de novo uma vela, vestia-se n'um desalinho improprio, calçando os ourelos sem meias, e lá ia pela casa fóra, como o phantasma das lendas, passando compridos corredores, com a mão adiante da luz para verificar.

Nas suas minuciosas pesquizas matinaes encontrou uma teia de aranha, que escapára á limpeza recommendada. D. Maria atou as mãos na cabeça, correu pelas salas fóra como uma pessoa infeliz, e apopletica de razões, principiou a recriminar vagamente.

—Ahi está, ora vejam que limpesa esta! Uma teia de aranha d'aquelle tamanho! E se o senhor missionario a vê? Que vergonha, Virgem Mãe! que vergonha!

E com o seu todo magro e frenetico subiu a uma cadeira, allongou o corpo, estendeu os braços compridos, sustendo momentaneamente a respiração, e, com o piassá d'uma vassoura, desfez acintosamente a teia e matou a aranha. Depois desceu, ralhando impacientemente e tossindo d'um modo secco e pequilhento.

— Olhem, meninas — dizia para as sobrinhas que tinham acudido — se não vigiam hade passar muita cousa, lá isso hade. E eu é que não posso estar em toda a parte.

— Mas que foi, tia Miquinhas? — indagavam as cuidadosas meninas.

— Que foi, que foi!? Ainda o perguntaes? Uma teia de aranha do tamanho d'um lençol. Se o senhor missionario visse isto? Que vergonha!

— Valha-nos Deus!...

— Não é valha-nos Deus, é fazerem alguma cousa. Vejam por ahi com cuidado. Bem sabem que isto só a gente. As creadas não olham, vós bem sabeis, que as creadas não olham. Já viram se o quarto do senhor missionario está prompto? Elle chega por ahi ámanhã.

— Já vimos, tia Miquinhas.

— Pois não me fio, não me fio. Eu lá vou. Vou eu ver; porque a gente sempre é a gente.

Para se chegar ao quarto, passava-se na salla de visitas, que tinha altos tectos de castanho ennegrecidos pelo tempo. Aos lados, encostadas ás paredes, d'onde pendiam antigos retratos respeitaveis, estavam umas cadeiras de palhinha defumada, sensatamente postas em linha. O quarto era uma comprida salleta irregular, mais espaçosa para o fundo. Tinha duas janellas envidraçadas que deitavam sobre o quinteiro e d'onde se via um prado de herva, com a sua larga poça na cabeceira. O tecto era egualmente alto, como o da salla e havia abundancia de luz; porém ao entrar ali dentro,

respirava-se um ar abafadiço, como o das casas que estão longamente fechadas — sentia-se a gente comprimida n'uma atmosphera immovel. É porque este era o logar onde se guardavam as frutas, da gulodice das creadas. Nos frisos e em redes pendentes do tecto, viam-se duzias de camoêsas sazonadas e appetitosas, como aquellas que o padre Vieira agradeceu a certo fidalgo que o presenteou. Estavam ali, esperando um lento apodrecimento, ou a chegada fortuita d'um hospede considerado.

Quando a fidalga, nos seus exames frequentes, reconhecia que alguma ia apodrecendo, tirava-a cuidadosamente do seu logar e depois de supprimida a parte inutil, offerecia-a ás sobrinhas na sobremesa. No inverno, quando as fructas são desejadas, eram estes bocados que se comiam no fim do jantar. Muitas desciam do friso em estado de serem regeitadas até pelos cevados, e então serviam para augmentar os adubos das terras de Refuinho.

A mobilia do quarto destinado ao missionario, era d'uma velha simplicidade. Entre as duas janellas estava uma commoda escura, com um par de fortes argolas amarellas, já oxidadas, em cada gavetão, e coberta com uma chita de ramagens. Sobre ella via-se um crucifixo d'uma côr antiga, tendo dos lados uns castiçaes de prata com velas de cera amarella. Em frente das janellas um cabide melancolico, desempoeirado, despido, parecia ter intimos desejos d'um capote, d'uma batina, d'um tricorne de missionario e d'umas botas de canos vermelhos que se pendurassem pelas presilhas.

A cama era muito alta e d'uma edade avoenga. Subia-se para ella por um escadório que se via perto da cabeceira. Como estava feita de lavado, sentia-se ali perto o cheiro fresco, penetrante, do linho novo. Um rodapé de cassa branca transparente, com ramagens opacas, escondia o quer que era e dava ao leito uma apparencia fofa e convidativa. Sobre a colcha de seda vermelha adamascada, estendia-se espalmadamente a dobra do lençol, com os seus abertos salientes e a sua alva finura. Atravez dos bordados da travesseirinha sobresahia o panninho vermelho da fronha. Ella esperava n'uma immobilidade silenciosa, que viesse, uma cabeça fatigada, confiar-se-lhe n'um somno reparador.

Quando D. Maria entrou, precedida das sobrinhas, as janellas do quarto destinado ao missionario estavam amplamente abertas. Tudo se via em boa ordem e n'uma limpesa raciocinada—a cama feita, com a larga dobra d'abertos sobre a colcha vermelha adamascada; os frisos da parede espanejados do pó accumulado; a commoda coberta de chita nova; e o soalho cuidadosamente varrido. Porém, como a fidalga tinha um temperamento de censura que lhe não deixava passar nada n'um silencio approvativo, principiou a resmungar, a encontrar defeitos.

—Valha-me a Virgem—dizia impertinente—E esta dobra do lençol como está? Parece que não veem isto, meninas!

—Pois que tem, tia Miquinhas?—pergunta Clotilde.

—Mas que foi, minha tia?—indaga Joaquina.

—Ora o que hade ser? É que não tem olhos na

cara. Não veem esta dobra do lençol? Não sei que lhe acho. Ora assim não fica melhor?

E puchava-a mais a baixo, com pequenos repellões methodicos. Depois passou o dedo no friso que estava limpo e disse:

—E este pó? santo nome de Maria! Se o senhor missionario faz isto? Chamem essas creadas, que tragam rodilhas.

E freneticamente, com muitos gestos miudos, ordenava outra limpesa, para tudo *ficar como um brinco.*

—E os gavetões tem alguma cousa, meninas?

—Estão ahi as teias.

—Pois tirem-n'as; é melhor tiral-as. Póde o senhor missionario querer metter-lhes roupa.

E as pesadas peças, coradas nos verões antecedentes, sahiram dos seus jazigos. Tinham a brancura defumada do linho que está fechado por muito tempo. Ao tacto davam uma sensação agradavel de humidade e frescura. Sentia-se-lhe um cheiro agreste, campesino, salutar.

D. Maria continuou a voltejar pela casa, sem fim determinado, procurando motivos para accusar as sobrinhas de pouco cuidadosas e as creadas de calaceiras. A tenebrosa idéa de que o senhor missionario podia encontrar alguma falta, fazia-lhe passar somnos inquietos e embrulhava-lhe a comida na bocca: andava entontecida, como se tivera bebido um vinho forte e perturbador.

Para lhe não escapar nada, foi, mais uma vez, visitar o armario onde guardava as cousas appetitosas. Esse armario era uma velha reliquia; nenhuma pessoa de

casa lhe conhecia o interior, as particularidades, os escaninhos. Era como um pequeno quarto onde D. Maria andava de pé á vontade. Abria-se uma larga porta, que era considerada pelas creanças, que a conheciam, como a entrada d'um palacio phantastico, onde sobravam as sonhadas delicias mundanas. De tempos a tempos, viam-se para ali entrar, nas esqueleticas mãos da fidalga, os doces frescos, desejados e convidativos. Estavam lá mezes, annos até, e sahiam com um mau cheiro, com um sabôr ao pôdre, incapazes de serem comidos. Era então que D. Maria chamava os filhos dos caseiros e da gente pobre da visinhança, e os fartava d'aquelles doces estragados. As creanças cheias de gulodice e de fome, questionavam estes manjares, no meio d'uma enorme algazarra feliz. Porém, muitas vezes faziam-lhes mal — sobrevinham inflammações intestinaes, colicas e diarrheias prolongadas.

D. Maria, entrando no seu armario, contou, com o dedo, até vinte e um pires de marmellada. Depois veiu, com cada um separadamente, á janella, para os examinar, e cheirava-os com demora e com impertinencia.

— Não se póde ter um bocado de doce para uma occasião — dizia com semblante frenetico. Não se póde. Umas vezes são os ratos, outras o pôdre... que é mesmo uma consumição.

Depois, entrando novamente no espaçoso armario, metteu o nariz dentro d'um pote de ginja que levantou á altura conveniente. Afastou repentinamente a

cara, com um descontentamento visivel, com signaes de pessoa contrariada. Pegou n'uma colher de pau e fez grandes esforços para remexer a ginja; mas não o conseguiu facilmente.

— É preciso destemperal-a, dar-lhe um ar de lume — dizia. Ó Quina, ó menina? — chamou com voz mais alta.

— Minha tia — respondeu a sobrinha d'uma salla proxima.

— Olha, vem cá. É para levares esta ginja. Precisa lume. Uma coisa assim!...

D. Joaquina examinou olfativamente o doce, e considerou com voz respeitosa:

— Ella o que está é azêda, tia Miquinhas. Está estragada.

— Qual azêda! És uma tola. Uma ginja que só tem dois annos! Manda arranjar isso; mas vigia as creadas, que são muito gulosas.

— Mas a tia para que deixa chegar o doce a este estado?!

—Sim, fallas bem, hasde ser uma grande mulher de casa. Ha uma precisão, uma doença, um hospede... e depois nicles. Por esse andar nunca se tem nada. Quem não guarda, não tem, menina. Olha que já o dizia a tia Genoveva, que Deus tem no céo.

—Mas, tia Miquinhas, deixar apodrecer as coisas é uma perdição, um estrago!

D. Maria offendida com esta insistencia da sobrinha, volta-se com certo ar aggressivo e os olhos muito abertos.

— Olha, sabes que mais, menina? Queria-t'o dizer;

mas não t'o digo. Estas raparigas d'agora são uns panninhos d'armar. Muita léria, muita léria; mas se a gente não guardasse, queria vêr como se havia de arranjar com um hospede de ceremonia.

E ficou a contar os copos de geleia de marmelo e de mão de vitella. Eram quinze, estavam sobre uma tabua, em longa fila, como velhos camaradas, como sinceros amigos resignados a esta reclusão. Remexendo n'uma papelada, encontrou uma brôa de *pão leve* esquecida. Estava rijo, d'uma consistencia pétrea. Apalpou-o com visivel desgosto, quiz enterrar-lhe a unha do polegar mas não poude. Estava estragado, aquillo nem para os ratos.

—Mas como me esqueceu isto aqui! Desde quando estará? Ora deixa ver... (e principiou a recordar-se com o indicador contra os dentes). Hade ser do dia de cruz de ha tres annos, que não veiu o abbade, e eu não dei *pão leve.*

E depois d'uns momentos pensativos, concluiu:

—Melhor se comesse. A Quina ás vezes tem rasão... Mas quem não guarda não tem—rematava.

III

Quando os missionarios chegáram, era noite fechada. O abbade tinha-os ido buscar a Braga.

O dia da jornada foi nevoento, com um céo triste, sem effeitos de luz. Não havia a dilatada animação do sol na paisagem, nem as estiradas manchas de sombra das arvores se projectavam nos caminhos. Era um dia monotono, quieto, sem um vento forte que fizesse levantar ao longe, nos macdams, altas columnas de poeira. Esta immobilidade desagradavel intorpecia.

Os ecclesiasticos tinham de andar a maior parte do caminho no commodo de uma insupportavel diligencia minhota. O restante, seria no variado chouto de cavalgaduras indolentes e lanzudas.

O abbade dizia, aos seus convidados, que em *tal ponto,* onde corria uma forte levada de agua, n'uma taberna de portas vermelhas, encontrariam o criado com *as bestinhas,* e d'ali seguiriam para a freguezia.

Fr. Anselmo, que já tinha missionado mais vezes para aquelle sitio, dizia:

—Bem sei, homem. É mesmo no fim d'aquella grande descida, d'onde se vê uma egreja. Ha ali umas alminhas.

— *A-qu-i-qui* meu fr. Anselmo — confirmava, risonho e bom, o parocho. É isso mesmo.

— Costumam dar ahi bom bacalhau frito com ovos — recorda fr. Thomaz, que tambem era conhecedor do sitio.

O abbade instrue com semblante animado:

— Bom bacalhau e bom presunto.

— Tambem não é mau, não — concluia fr. Thomaz.

Isto conversavam os tres, perto da diligencia, que estava para partir, emquanto o padre Antonio ouvia piedosamente uma velha beata *conhecida* que, choramingando, lhe relatava os seus escrupulos.

— Lá está elle, que paciencia! Arre... — dizia fr. Thomaz.

— Eu nunca vi uma cousa assim! Fosse, commigo, mandava-te ao diabo — acrescentava fr. Anselmo.

O abbade rematou sorrindo-se, cheio de bondade:

— Aquillo é um bom rapaz. Coitado...

Como parecia não haver mais passageiros, os clerigos communicavam uns aos outros esta feliz circumstancia, esfregando as mãos e acenando approvativamente com as cabeças. O parocho, n'um contentamento egoista, dizia em tom de confidencial:

— Parece que não ha mais. E é assim muito melhor. Vae-se á larga.

Mas lembrando-se de que se podia enganar, raciocinou:

— Mas eu pergunto ao cocheiro. Sempre quero saber ao certo. Isso é que era um regalo!

E dava estalos com a lingua. Depois dirigindo-se a um homem de barba preta e d'uma pequena testa energica, perguntou-lhe:

— Ora diz-me cá... Não temos mais ninguem?

— Por ora mais ninguem — respondeu n'uma voz desattenciosa.

— Melhor, muito melhor.

E chegando-se para os seus amigos affirmou, sorrindo-se com goso:

— Não ha mais ninguem, não. Vamos assim muito melhor, mais á vontade.

Porém o cocheiro, com o mau ar vingativo, quiz amargurar este prazer, e disse:

— Pois sim, meus senhores, sim. Lá no fim da cidade entra muita gente.

Os desilludidos abriram os olhos, a bocca, e avincáram a testa de um modo interrogativo:

— Ó co'a bréca! Isso é o demonio!

E abrindo amplamente, com um gesto largo, a porta da diligencia, disse o abbade:

— Mas cá dentro não cabe!...

— Qual não cabe, se o carro é de onze pessoas.

— Onze pessoas?! Isso não póde ser!

— Sim senhor, onze. Seis dentro e cinco fóra.

— Isso não póde ser! — insistiram os tres clerigos, calculando a capacidade interior do carro.

— Pois é — confirmou o cocheiro com um sorriso

cruel. Vossas Senhorias escusam de ir de capote. Lá dentro não chove.

— E o frio, o frio? — allegaram juntamente.

— Ao frio vou eu cá fóra.

— Mas tu andas affeito, homem.

— Ando affeito, ando. Ainda ha pouco sahi de S. Marcos, por causa d'esta perna.

E mostrou-a, estendendo-a forçadamente, de um modo comico, para causar riso.

— Soffre com paciencia, seja em desconto dos teus peccados — diz fr. Anselmo.

— Cantilenas, cantilenas.

E principiou a assobiar. Depois voltou-se rapidamente para os ecclesiasticos, e concluiu:

— Sabem Vossas Senhorias qual é o meu peccado? É a falta de *chelpa*.

E com uma voz de um bom amigo disse, voltando-se para o abbade:

— Mas, sr. reitor, contra o frio não ha como meia canada do rascante. Ao sair da cidade temol-o de se lhe tirar o chapeo.

Uma risada, extensa e escarnecedora, partiu da garotada que cercava a diligencia e assistia á conversa. Os padres riram de um modo concordante, sem mostrarêm contrariedade.

E os companheiros do cocheiro, que ali estavam de folga, dialogavam com elle.

— Deixa, que vaes hoje ricamente, meu Tranca — dizia um.

— Lá isso vou. Se me não acontece desgraça, é porque tenho algum santo a pedir por mim.

— Não cabes na pelle de contente.

— Dá-lhe d'essas. Anda-lhe assim, que lhe não andas mal.

— Ora não sejas mal obrigado a Deus. Tomára eu metade da vinhaça, que estes senhores padres te hão de metter nas tripas.

E, o que disse isto, fez uma larga reverencia aos ecclesiasticos, que lhe responderam com um aceno de fingido bom humôr.

Mas um cocheiro novo, imberbe, cara de atrevido, dizia a meia voz para o Tranca:

— Prega-me com esses demonios no rio, quando passares na ponte.

O Tranca respondeu:

— Parece que lhes dou um molho real. Se não pagam o vinho, prego com elles por uma ribanceira abaixo.

Depois, voltando-se para os passageiros, disse com voz mais alta do cimo da diligencia.

— Então essas bagagens! Ficamos hoje aqui?

Uma rapariga nova, de cara cheia, com o cabello cortado como um garoto, aproximou-se do carro e, estendendo os braços, deu ao cocheiro tres pequenas saccas, onde os missionarios levavam a sua modesta roupa branca.

— Venha de lá isso, meu amor — diz o Tranca. Quer vir no carro comigo? Vae aqui ao pé da gente.

Um cocheiro observou:

— Não é má peça.

— É sobrinha do sr. reitor? — pergunta o Tranca com geito trocista.

— Não é sobrinha, burro. É afilhada... — emendava outro gaiatamente.

E voltando-se para os ecclesiasticos, que olhavam indignados, accrescentou:

— Não façam caso Vossas Senhorias. Isto não é para mal. A rapaziada o que quer é divertir-se. Aquelle Tranca é um grande garoto e gosta da pinga. Tenham Vossas Senhorias cautela.

Continuava o Tranca para a rapariga:

— Tinha alma de a levar de graça. Antes a ella do que aquelles estafermos — concluiu a meia voz.

E os clerigos, que ouviram estas ultimas palavras, consideraram entre si:

— Isto de cocheiros é uma má gente. É a maior canalha que Deus ao mundo deitou — disse o abbade.

Fr. Anselmo, que era muito medroso, considerou:

— E embirram com os padres, estes patifes! É preciso cautela com elles. Será bom dar-lhe uma pinga; porque só com isso é que se amaciam.

E a rapariga, cheia de rubor pelos ditos maliciosos dos cocheiros, foi despedir-se dos missionarios, beijando-lhes humildemente a mão.

O padre Antonio fez-lhe estas ultimas recommendações:

— Agora vae direita para casa. Vê lá. Diz á senhora que se *precisar* que mande á Porta Nova, que eu lá recommendei.

— Sim, meu senhor, a sua benção.

— Adeus, não te esqueças. Olha lá se te demoras n'alguma conversa.

O cocheiro, sobre o tombadilho do carro, continuou n'uma voz alta:

— Aqui sou eu prégador. É o meu pulpito. Não ha mais bagagem lá dentro?

— Lá vae já. Está-se a pesar — respondeu do fundo da loja uma voz auctoritaria, emquanto o caixeiro dizia ao parocho:

— Tem Vossa Senhoria a pagar trezentos e quarenta réis.

— O que? Trezentos e quarenta réis?! Trezentos e quarenta réis porque?! — perguntava o abbade com semblante amarello.

— Pelo excesso da bagagem.

— Qual excesso de bagagem?! Não pago. Trezentos e quarenta réis, quanto é?

O caixeiro responde seccamente:

— Dezesete vintens. Espere um bocadinho, menina, que já a sirvo. São dezesete vintens, sr. abbade.

— Mas quanto pesa este bahú?

— Vinte e cinco kilos. Tem Vossa Senhoria oito que leva de graça. É o dado a cada passageiro. Os dezesete de sobra pagam-se a vinte réis cada um.

O patrão, que se tinha aproximado, affirma concisamente:

— É a conta.

— Qual conta, nem meia conta! — volta-se o abbade de um modo aggressivo. Não pago, tenho dito. Tenho ahi muito amigo, *n'esse* Braga. Sou todo do administrador. Não pago. Vou ter com elle. Só quero ver se não ha auctoridade n'esta terra. É o que me falta ver!

— Isto não é com o administrador. Vossa Senhoria

devia saber isto; porque está bem explicado nas costas do bilhete — observou-lhe com uma voz prudente o negociante.

— Não entendo cá d'essas modernices. Não quero entender. Mais peso trazia o meu criado, quando eu vinha a cavallo. Não pago.

— Ninguem o foi lá buscar a casa para vir na diligencia — insiste o patrão com uma ligeira insolencia.

— Não foi, é verdade; mas eu é que não estou para *ladroeiras*. Entende o senhor?

— *Ladroeiras?!* Ah! seu patife de padre, que o arrebento! — diz o negociante, com face colerica, querendo saltar o balcão para aggredir o abbade.

Este retorquiu-lhe arrogantemente:

— Ora venha para cá. Póde vir para cá que lhe não tenho mêdo.

Já se tinham aproximado os missionarios. O abbade, amarello de colera, estava de peito firme, contra o aspecto violento do negociante, que se esforçava por vencer a prudencia de umas pessoas que o tinham agarrado, e queria lançar-se ao ecclesiastico.

O cocheiro, do alto do carro, ainda disse:

— Se não ha mais bagagem, vamos embora.

Mas ouvindo o barulho, accrescentou suspeitoso:

— Que diabo de sarrabulhada é aquella!

E desceu do tombadilho e viu o negociante, que dizia:

— Ladroeiras! Vá-a cozer, seu bregeiro. Ainda é de manhã e já vem assim! Vá-a cozer, que não foi na minha casa que se emborrachou.

O abbade viu-se offendido, enxovalhado e adiantou-se com passo largo dizendo:

— Borracho, eu! Muito boas testemunhas. Os senhores são muito boas testemunhas, em como este homem me chamou borracho.

Porém os missionarios tomáram o seu amigo pelo braço e retiráram-no do bulicio, da multidão curiosa, que principiava a agglomerar-se attraída pelo escandalo. Leváram-no para a diligencia, com muitos conselhos sensatos, mostrando-lhe que era uma vergonha questionar com *aquelle homem*. Lembráram-lhe que podia aquillo chegar aos ouvidos de Sua Excellencia, o sr. Arcebispo. Por fim o abbade quietou-se dentro da diligencia, e fr. Anselmo disse-lhe que tinha pago.

Serenado o tumulto, o cocheiro lançou os ultimos olhares indagadores sobre os arreios. Com um puchão valente examinou a segurança dos tirantes. Depois olhou a barbella, reparou na certeza das guias, passou amoravelmente a mão pela anca poeirenta dos cavallos, terminando por lhes dar uma palmada sonora. Como este exame se demorasse os outros cocheiros escarneciam:

— Ó Tranca, parece que vaes com teu mêdo, home.

— Se te parece... Com tal fazenda no carro!...

— Não é de todo má — escarneciam.

— Não é feia de cara, não.

E depois de um momento concluiu:

— Nunca elles me appareçam. Quando levo d'esta gente acontece-me sempre alguma.

No entretanto, dentro da diligencia, os sacerdotes ageitavam-se aos cantos, embrulhando-se nos seus am-

plos capotes azues, e fallavam, com violencia surda, contra a impiedade d'este seculo irreverente.

Os cavallos esperavam a primeira chicotada, somnolentamente, com um pé no ar. Eram magros e chagados, lazarentos como o burro de Tolentino. O primeiro grito do cocheiro acordou-os, quando da porta da loja uma voz masculina disse:

— Pódes largar ó Tranca.

Era o caixeiro, que trazia uma cara de triùmpho, cheia de escarneos. Dentro, o negociante, ainda fallava alto, n'uma voz atrevida. Quando a diligencia ia largar veiu elle á porta, com uns gestos offensivos, arremetter contra o abbade, dizendo:

— Grande pedaço de bregeiro. Chamar-me ladrão! Cuida que me importa com batinas. Estou-me mi...

E não concluiu, porque *passavam senhoras*. O ecclesiastico, com um rosto afogueado, ameaçava-o de uma das janellas da diligencia, dizendo:

— Eu lhe fallarei. Conheço muita gente. É o que eu quizer. Até o sr. Arcebispo. É o que eu quizer. Ha de ir por uma barra fóra. Você não sabe com qúem falla!

E lançou á loja os ultimos olhares raivosos, cheios de uma furia recondita, sem ouvir o que lhe respondia o negociante, do meio da rua, com um grosso punho no ar. Os cavallos principiáram a andar ao som das chicotadas e dos gritos roucos do cocheiro, que berrava:

— Ohue, ohue! Errre!

A diligencia movia-se n'um rodar incerto e incongruente. As desegualdades do lagedo da rua, produziam grandes solavancos, e, os corpos dos ecclesiasticos, os-

cilavam com movimentos contradictorios, chocavam-se, afastavam-se impellidos por uma força que a vontade de cada um não podia dominar. As pessoas que iam passando, olhavam distractivamente para a diligencia, e os negociantes da Fonte da Carcova, vinham ás portas em chinelos de liga e com olhares curiosos. Nas aberturas das janellas do carro viam-se as faces dos clerigos, animadas por uma conversa palpitante; mas as suas vozes eram absorvidas no barulho das rodas.

O cocheiro, na arrogancia da sua alta posição, chicotava freneticamente as fatigadas alimarias. Ouvia-se, com uma aspereza irritante, o bater sobre os magros lombos. Quando passavam no Campo da Vinha, viram contramarchar os recrutas, obedecendo ás insolentes vozes dos cabos de esquadra. Ainda usavam, por baixo das correias brancas e dos amarellos polidos, as suas velhas jaquetas de briche. Na cabeça, alguns traziam bonets de soldados, que tinham ido com baixa, outros o seu velho chapeo da lavoura, outros não traziam nada. Aquelles rapazes, valentes e cheios de atrevimentos nas feiras e nas romarias, estavam ali opprimidos, tinham o passo incerto e a vontade irresoluta dos recrutas de Raffet.

O abbade, vendo este quadro simples e vulgar, teve um accesso de vingança contra aquelle caixeiro imberbe, que lhe pedira dezesete vintens pelo excesso da bagagem.

— Se não fôra aquelle brejeiro — disse — não era nada! Aquillo só com uma farda ás costas. Eu conheço *meio* Braga e eu te fallarei — ameaçava. Hasde andar ali como aquelles.

— Ora não se lembre mais d'isso. Elle encontrará — concordaram os missionarios.

Mas a lembrança d'este successo foi-se desvanecendo, com os muitos casos vulgares que os missionarios referiam. Passada uma hora uma ligeira somnolencia se apoderou dos viajantes. O cocheiro, sentado na almofada, com as pernas cruzadas, ia assobiando umas modas que ouvira a um realejo. Os cavallos puchavam com resignação, de cabeça baixa.

A paisagem desdobrava-se amplamente. Estava-se no principio do inverno. O dia era triste e as folhas amarellentas cahiam desleixadamente das arvores. Uma atmosphera nevoenta e fria aconselhava o somno aos ecclesiasticos que se aconchegavam aos seus capotes.

— Que dia! — disse fr. Anselmo olhando o céo.

Os ecclesiasticos entraram na aldeia, de noite, montados commodamente nas suas eguas. O padre Antonio, conforme estava assentado, tinha de ser hospedado em Refuinho. Os dous frades ficavam na *residencia:* — não gostavam de etiquetas, queriam comer á vontade, em mangas de camisa, encostados aos cotovellos e beber por copos grandes. Tinham declarado ao abbade, quando elle os convidou para missionarem na sua freguezia, *que não estavam para senhoras*, que eram velhos, que não serviam para *aquellas cousas.* E mencionaram achaques, fallando d'uma colica, d'umas tonturas de cabeça e d'uns ataques de figado.

A *fidalga de Refuinho*, avisada convenientemente, esperava o seu hospede. Mal ouviu o bater de ferradu-

ras no lagedo do caminho, sobresaltou-se-lhe o coração assustadiço e chamou logo o creado com uma voz nervosa:

—Ó João, não ouves, João?! Abrir aquelle portal. Parece que sinto...

E com um rosto contente, escutando, concluiu para as sobrinhás.

—Hão de ser elles. Pararam burros ao portal. Anda depressa João, parece que tens os pés atados, homem!

E toda alterada, tomou um castiçal e foi, precedida pelas sobrinhas, á porta da entrada que era sobre o pateo. A sua figura velha e mirrada pelas devoções e pelas despezas domesticas, appareceu na largura da porta, protegendo a luz com a mão direita e olhando por cima para ver melhor. Mas presentindo que as meninas a tinham seguido, observou-lhes prudentemente:

—Parece mal, olhem que parece mal. Esperem antes na sala de jantar. Isto de homens reparam em tudo. São duas meninas novas... Vão lá para dentro, andem.

As sobrinhas retiraram-se, contrariadas, cheias de desejos de ver o missionario. Por isso, em vez de irem para a sala, entraram n'um quarto, que dava sobre o quinteiro para espreitar por dentro das vidraças. E quando iam no corredor escuro, empurraram-se amigamente, fizeram cocegas uma á outra, com um riso opprimido e dando pequenos gritos nervosos, cheios de segredos.

— Que te parece Quina, será bonito?—perguntava Clotilde.

— Por ahi algum estafermo!...

—Não, dizem que é novo. Eu não gosto de padres velhos.

—Cheiram a rapé. Vamos espreitar do quarto da torre?

E foram n'um arruido contente, n'um contacto intimo, abraçadas.

N'este momento já dous padres subiam a larga escada de pedra. Era o missionario e o abbade. As cavalgaduras tinham ficado em baixo. Na escuridade distinguiam-se as manchas claras dos lençóes de linho, que estavam sobre os selins com a sua brancura saliente. D. Maria esperava, senhorilmente, o seu hospede no alto da escada.

—Ora cá o temos, senhora D. Maria—disse o abbade que tinha uma voz rude. Muito boa noute minha senhora. Aqui lh'o deixo, muito cançado da jornada. Eu cá levo os meus.

—É uma hospedagem má, senhor padre missionario; mas terá paciencia.

—Oh! minha senhora, ha de ser de mais forçosamente—responde com entono modesto.

—É tudo cá da aldeia. Mas queiram entrar que está a noute fria.

—Eu retiro-me, tenho ali em baixo os meus. Cá lh'o deixo minha senhora, cá lh'o deixo—dizia o abbade.

—Então até ámanhã abbade?

—Adeus minha senhora. Adeus reverendo amigo. Até ámanhã.

E apertava-lhe as duas mãos.

—Adeus collega. Muito obrigado por tudo.

—É deitar cedo. Eu venho cá de manhã.

—Então já temos *pratica?*—indaga D. Maria.

—Tenciona-se, tenciona-se. Mas é conforme o cançaço.

Remata o parocho, descendo apressado, batendo com as pesadas botas nas escadas de pedra.

A fidalga e o missionario dirigiram-se para a sala de jantar, onde já estavam D. Clotilde e D. Joaquina:

— São minhas sobrinhas. O abbade talvez já dissesse a Vossa Senhoria.

— Fallou-nos muito das virtudes de Vossas Excellencias.

— Virtudes! Nem fallemos n'isso senhor! Umas peccadoras! Todas temos de fazer a nossa confissão geral. Estas meninas e eu precisamos muito.

— Quem não precisará reconciliar-se com Deus!?

A fidalga indagou com uma voz commum:

— O senhor missionario ha de querer ceia. O caminho faz fome.

— Um golo de chá e nada mais — affirma o sacerdote com modestia.

— Então nada de trincar?

— Não, minha senhora, insiste o missionario com firmeza.

— Ora...

O padre Antonio, com as palpebras caídas e o rosto n'uma serena compostura de austeridade interrompe:

— Nada mais, minha senhora.

— Então eu mando já.

E apontando-lhe uma cadeira alta na cabeceira da mesa accrescenta:

— Queira fazer favor, senhor padre missionario.

Na sala de jantar ficaram as meninas e o padre Antonio. Houve um silencio embaraçado.

Ellas tinham mil idéas para conversa — podiam-lhe perguntar se fizera bem a jornada, se não chovera, se sentira frio... — mas opprimia-as uma estrangulação, não lhes occorria a palavra necessaria. Por isso olharam-se mutuamente e trocaram palavras confidenciaes, imperceptiveis que o missionario não desejou ouvir, indo á janella espreitar o céo, passando a mão na cabeça, ao arrepio, e dizendo em monologo:

— Talvez haja chuva:

— Ai que hoje sempre foi um frio! — acrescenta Clotilde.

— Eu até fui para o lume — affirma Joaquina.

Porém estas respostas frivolas, casuaes, dispertaram um impertinente riso nas sobrinhas da fidalga.

O padre Antonio não quiz perceber, distrahiu-se a olhar a atmosphera. Depois fingiu na vidraça um rufo de tambor com as pontas dos seus dedos magros.

D. Maria entrou n'este momento e conversaram familiarmente, como pessoas que ambicionavam aquella intimidade, que se desejavam penetrar sympathicamente, que se queriam absorver, confundir nas mesmas idéas.

IV

No interior da casa de Refuinho, todos os semblantes, modelando-se pelo da velha fidalga, tinham uma compostura especial, uma tristeza de convenção como a dos rostos doentes dos ascetas. Sentia-se ali um ar poeirento, uma amarellidão de santos carunchosos.

Para com os individuos que não eram padres, as meninas de Refuinho, mostravam-se timidas e desconfiadas; mas na convivencia de alguns clerigos *divertidos* tinham affabilidades e risos naturaes.

Estes ecclesiasticos preparavam, ás vezes, scenas de uma vida agradavel com attractivos e anecdotas. Jogavam o voltarete e faziam ouvir cantigas mundanas e sentimentaes, moduladas por suas optimas vozes tenorinas, ao som dos lamentosos violões.

Porém, fóra d'estes momentos excepcionaes, D. Maria era uma senhora accentuadamente religiosa:—exercia com ostentação as melhores virtudes christãs. A cari-

dade para ella, não significava sómente um rebate sentimental pelas infelicidades do proximo, era tambem uma obrigação imposta pelos confessores, uma virtude indispensavel, um appenso ás melhores reputações religiosas.

Por isso é que, no quinteiro de Refuinho, se reuniam todos os sabbados de manhã, algumas dezenas de pobres, rotos, sujos e malcreados com o fim de receberem a esmola de uma tigella de milho que elles guardavam n'uma sacola, resmungando sempre.

A fidalga além das esmolas tinha outras manifestações de sinceridade religiosa:—resava aturadamente, jejuava com frequencia e diziam que, na quaresma, desciplinava, as carnes turbulentas, como Santa Rosa de Lima, a quem era particularmente affeiçoada.

As sobrinhas, meninas de pouco mais de vinte annos, respirando este ar asphixiante, não tinham as expansibilidades naturaes, o desafogo desejado pelas suas organisações cheias de impetos. Porém, como boas irmãs pelo sangue e como amigas intimas pela convivencia, cediam idealmente aos rebates do temperamento, formando um mundo de imaginação em que viviam em segredo, muito unidas, dando largas aos instinctos poderosos. Era antes de se deitarem, no momento feliz das intimas confidencias, que ellas conversavam em voz baixa, fallando, com enthusiasmo infantil, do goso no casamento, á similhança d'aquellas duas recolhidas que depois figuraram na *Comedia Humana*, com os nomes espectaculosos de Luisa de Chaulieu e Renée de Maucombe. Mas estas vagas aspirações, estes desejos sem norte, eram contrariados, como falsa moeda

de sensibilidade exaltada, pelas resas e jejuns obrigatorios.

Depois que o missionario entrou em Refuinho, até no semblante da fidalga, se modificou a tristeza ordinaria. Elle era um homem bom, macio no tracto, benevolente na convivencia intima. Em casa nunca mostrava a rigidez do pulpito e do confissionario, nem o semblante perturbado que usava na rua. Á mesa principalmente, n'essa hora vulgar de expansibilidades, elle tinha palavras de franqueza, uns sorrisos benevolos e complacentes, sentimentos vulgares e pontos de vista como toda a gente. Limpando os beiços ao fresco guardanapo, e tomando attenciosamente o seu vinho a pequenos golos femeninos, chegava a contar cousas que lhe tinham succedido nos tempos de estudante, anecdotas que ouvira em Coimbra.

Outras vezes porém, ao café, n'uma varanda cheia de bom ar e com larga paisagem animada, a fidalga de Refuinho entrava, a sós com o ecclesiastico, em conversas de religião que lhe deleitavam o espirito.

O missionario ouvia-a, resignadamente; com a cabeça encostada ao espaldar alto da cadeira de sola, as palpebras meio cerradas, os beiços quasi unidos, n'um ar benevolo e meditativo. Então, D. Maria, fallando monotonamente como o chiar perpetuo d'uma nora, contava as más lembranças de peccados, os seus escrupulos tenebrosos, julgando-se, em certos momentos, irremediavelmente condemnada ás fogueiras eternas. Fazia a si propria recriminações extraordinariamente severas!

Revoltava-se contra os seus instinctos de ferocidade, desejava comparar-se aos melhores peccadores.

Porque ella, antes de saber que era peccado, tinha morto muitos *percevejos, pulgas e piolhos.* Fizera-o com serenidade de mão, com sangue frio, mostrando fecunda tendencia para o crime. Explicava, miudamente, como praticara estas cousas:

Era ao deitar da cama, nas quentes noutes estivaes. Sentia-se uma atmosphera dilatadora que enlanguescia com torpes sensações e convidava ao resfriamento agradavel, com as janellas abertas e uma comprida lingua de luar estendendo-se no sobrado. N'estas convidativas circumstancias é que, a infeliz senhora, commettia os seus crimes, sem pensar muito, sem saber o que fazia... A pulga mordia-lhe, ella tomava-se de raiva nervosa contra a pulga e procurava-a com uma sagacidade diabolica. Era por exemplo n'uma perna... Descalçava a meia de linha fina, chegava-se para junto da vela e olhava o interior da meia, descobrindo a infeliz pulga na transparencia do tecido. Depois recolhia a meia, subtilmente, em pequenas dobras n'uma das mãos, em quanto que, com dous dedos da outra, apanhava a victima.

Confessava com ingenuidade, que o peccado augmentava certamente, pelo bestial prazer que sentia, esfregando entre esses dous dedos o misero animal, martyrisando-o lentamente, até que, sobre a borda d'uma cadeira, a comprimia com a unha do polegar, ouvindo com delicia o estalo secco e breve que a pulga dava *esborrachando-se.* Arrependia-se e confessava que, se soubera que, isto era peccado, não o teria feito.

E como estava n'um momento especial de relatar

confidencias, accrescentava que ainda ha poucos dias, no meio da *oração mental*, durante o santo sacrificio da missa, mesmo entre o calis e a hostia, tivera um momento de coleras sombrias e apopleticas, contra os pequenos animaes, que se lhe occultavam nas dôbras escondidas da sua propria camisa.

Confessava todas estas culpas, com uma boa simplicidade sem rubôr, como só a póde haver depois dos cincoenta annos ou na meninice.

O missionario não a desculpava inteiramente; mas, serenava-lhe as attribulações do coração. N'uma voz arrastada e monotona, contava-lhe o caso do *Fradinho*, que está sepultado no Carmo de Braga e que tem feito a riquesa d'aquelle santuario, com a fama dos seus milagres. Enumerava esses milagres. Os mais simples e triviaes eram: dar repentinamente vista a cegos de nascença com os olhos estourados, fazer andar paralyticos de mais de oitenta annos, dar falla a quem nunca articulou um som. Este santo, fr. João da Neiva, nunca se lavou. Era tão docil e paciente, que nunca matou um sequer dos numerosos piolhos que povoaram seu corpo sugissimo.

Porque elle entendia, e o missionario auctorisava este pensar, que aquelles piolhos eram o seu martyrio, o martyrio de que não póde prescindir um santo e que é sempre mandado pela Divina Providencia.

E a senhora de Refuinho, ficava com os olhos muito abertos, a olhar para o chão fixamente, n'uma profunda meditação. As vezes vinham-lhe umas lagrimas de arrependimento. E depois d'isto tinha grandes desejos de viver coberta de piolhos, de percevejos e de todos

os animaes repellentes. Á vista do caso de fr. João, ella concebia duvidas sérias, sobre a sua entrada no reino do ceo. Exhorava piedosamente o missionario, para que a desenganasse, dizendo-lhe d'um modo claro se estava irremediavelmente perdida, se não chegaria a ver a resplandente face do Senhor.

Então o padre Antonio, com muitas palavras repassadas d'uma suavidade christã, affirmava-lhe *que Deus Nosso Senhor deixou remedio para toda a ordem de peccados*. Aconselhava-a a que persistisse na oração e na caridade, que só com estas virtudes se póde entrar no reino *desejado*.

Estas palavras boas, penetradas de muita franqueza, ditas d'um modo confidencial, eram um grande beneficio para a alma de D. Maria de Refuinho.

As sobrinhas eram mais discretas. Tinham o pudor dos vinte annos, essa manifestação ideal da sensibilidade feminina. N'esta epoca de bençãos extraordinarias, tambem se propunham a fazer confissão geral com os missionarios. Tambem tinham os seus escrupulos, os seus cuidados pelo futuro depois da morte, e fallavam n'isto ao padre Antonio, mas com menos oppressão e desconfiança do que sua tia. Ás vezes até se riam, porque o ecclesiastico tinha momentos bondosos de intimidade e de anecdota, que muito realçavam, no fundo escuro da sua batina cheia de desconsolações.

Era antes do chá, alumiados por um candieiro amarello de tres bicos, que espalhava no ar reflexos brilhantes. A sala era ampla e os tectos elevados e escuros. O

ecclesiastico encostava a cabeça n'uma das mãos, em posição descançada e conversava com desleixo, tendo um palito nos dentes. As meninas, com o rosto ligeiramente expansivo, escutavam-no attenciosas, recostadas nas cadeiras e com as mãos no regaço, torcendo a ponta d'um lenço ou a franja d'um chaile. D. Maria não estava, tinha ido para a cosinha entender-se com as creadas. Era um quadro da escola Holandeza, repassado de intimidade familiar.

Dizia D. Clotilde:

—Não que diz a mana que é peccado mortal a gente arrenegar-se quando dá uma topada!...

—E não digo bem, senhor padre Antonio?—indagava D. Joaquina.

O sacerdote olhou para a toalha de linho forte, passou por cima a mão espalmada para lhe sentir as asperezas agradaveis e disse com uma voz indecisa:

—Mortal... não digo; mas é um peccado de que devemos ter severo arrependimento...

—Ora ahi tens!—aggredia Clotilde triumphante, com leve modo escarnecedor.

—...com proposito firme de emenda—concluia o sacerdote.

—Mas é um peccado—insistia a Quina.

—Mas não é mortal—emendava Tilde aggressivamente.

O clerigo interrompe com moderação:

—Mas dos veneaes se passa aos mortaes.

—Vês!?—nota Joaquina.

—Mas não é mortal—repete a mana com uma expressão facial vingativa.

N'este momento entrou D. Maria, com um mólho de chaves pendentes d'um dedo e precedida d'uma creada que trazia o bule preto. Ao entrar na sala a fidalga disse á creada:

— Traz a chaleira.

E voltando-se para o clerigo, que assistia ao debate, com um semblante sereno, acrescentou:

— É para destemperar o chá, se Vossa Senhoria quizer. Já podia ter vindo nos outros dias. Ha pessoas que não gostam d'elle forte. A prima Zéfinha é assim. Quasi agua.

O missionario concordou com um movimento de cabeça. D. Maria encheu as chavenas douradas, chegou uma para sua reverendissima e o assucareiro e os doces. E continuou:

— É uma matação com estas raparigas. Vossa Senhoria não faz uma ideia. Deus Nosso Senhor me leve tudo em desconto.

— O nosso martyrio está em qualquer cousa — confirma o missionario.

— Ai que este é grande — acrescenta a fidalga. Tudo desleixo. Pois não vou dar com tres grandes achas no lume sem necessidade! E tudo para estarem *elles* e *ellas* em volta, n'uma grande risota... Talvez a peccarem...

E tinha um ar indignado, com as faces vermelhas, os olhos brilhantes e os beiços tremulos.

As sobrinhas olhavam-se obliquamente, com riso de escarneo, como indicando cada uma, que tinha vencido a outra.

O padre Antonio tomava o chá a pequenos golos;

porque o achava quente. De vez em quando, molhava uma sopa de *pão-leve*, que sugava primeiro e depois engulia com morosidade, com paciencia.

E D. Maria chegando-lhe os pratos de doce offerecia:

— Então não se serve mais?

Elle agradeceu com um «oh!» ceremonioso. A fidalga acrescentou:

— Estas meninas não reparam em nada. Não sei onde tem a cabeça. Ora queira tomar um bolinho!

— Eu me sirvo, excellentissima senhora. Obrigado, eu me sirvo.

E terminada a ceia, todos se levantaram em solemne oração de graças, pronunciada pelo missionario. Agradeciam ao Altissimo, o beneficio immerecido que n'este momento lhes fizera, dando-lhes algum chá e doces variados.

V

Para ouvir a palavra inspirada dos missionarios, correu á freguezia onde elles estavam, muita gente dos arredores. Era uma affluencia excepcional; porque todas as pessoas que ouviam uma vez *aquelles santos*, não voltavam, sem levar novos companheiros.

As *missões* eram nas quintas e domingos de tarde. Nos outros dias havia *pratica* de manhã cedo e confêsso depois.

Nos dias de missão corria para a egreja o poder do mundo! Logo á terceira, a gente não coube no templo e houve desordem. Os missionarios resolveram então, prégar fóra, no adro, diante da paisagem viçosa, em frente das montanhas corpulentas e debaixo do ceu azul. Para isso arranjaram um pulpito ao pé da egreja, que é no alto d'um monte, e nos dias de sol cobriam-no com um toldo de lençóes.

Horas antes de principiar a missão, já se sentia um borborinho que de todos os lados confluia para o adro. Este borborinho augmentava gradualmente,

quando se ia approximando a hora. Eram os magotes de homens e de mulheres que vinham conversando em cousas triviaes e ás vezes em cousas religiosas. Momentos antes do sacerdote subir ao pulpito, os fieis hiam-se aconchegando demasiadamente, apertando-se com inveja. Cada um fazia os seus esforços para se chegar mais perto, para não perder uma só palavra das que cahiriam do pulpito.

Esperavam o prégador de pé, na promiscuidade dos sexos, unindo-se desacauteladamente, sem leves resistencias de pudôr. Alguns homens, sem aquella elevação celestial necessaria, tinham liberdades repellentes. As *aggredidas*, na cubiça da palavra santa, supprimiam as suas queixas, occultando o rosto nas dobras da saia preta, que traziam pela cabeça, e fingiam desconhecer a intenção peccaminosa dos apalpões.

O grupo das beatas, distinguia-se. Tinham o cabello cortado, como os militares. Por conselho dos missionarios, haviam offerecido á Virgem, os seus mais opulentos dotes de belleza corporal, as suas fartas tranças negras. E tinham-no feito gostosamente, sem repugnancia e com santa devoção; porque os confessores diziam *que os cabellos é que prendem as peccadoras ao demonio* e era forçoso, necessario quebrar essas ligações. Só lhes era permittido e até aconselhado, para ficarem mais feias, o deixarem no limite frontal dos cabellos, alguns mais crescidos que acamavam para a testa. D'este modo, as saliencias osseas da cara, os defeitos faciaes, avultavam, sobresahindo com um exagero disforme.

Os rostos saudaveis d'estas raparigas, amarellavam-se e emmagreciam com as tristesas de suas novas preoccupações celestes. Até áquella epoca, ninguem tinha dito, diante d'aquellas arvores cheias de vigor de ceiva, cousas tão extraordinarias! Os missionarios vieram abrir áquelles cerebros incultos, um novo mundo infinito, de castigos insupportaveis. É este o que todos temos certo e seguro, pela nossa fraquesa genial. Para conquistar o *outro,*—o cubiçado mundo celestial, com os seus bellos anjos d'uma formosura divina, com as santas irradiantes de luz, com a Virgem, fóco de *Graça,* no seu throno elevado, com o grande Jesus á mão direita de seu eterno Pae, sereno e magestoso, e isto durante a primavera absoluta em que não ha *noite nem sombra*—é necessario o martyrio, a afflicção, a falta de alegria, a *morte durante a vida.* Era este o sentido obrigado de todas as missões.

Á porta de Refuinho e da residencia do abbade, onde se hospedavam os missionarios, havia magotes de mulheres e alguns homens. Eram pessoas que já tinham o privilegio de serem ouvidas de confissão, ou que o desejavam ter. Porém os homens que ali se viam, eram, quasi todos, d'aquelles que seguem os missionarios, e que são os intermedios d'estes sacerdotes para o povo. Quem deseja obter alguma cousa dos *varatojanos,* mede-se na influencia para com estes caudatarios piedosos. É n'este ponto que principiam as difficuldades, que o reino do ceo começa a ser fortemente questionado.

Das muitas péssoas que ouviram a ultima missão de

fr. Anselmo, com a sua eloquencia sanguinea, houve uma mulher que ficou u'm estado deploravel de consternação e de arrependimento. Quiz-se confessar, communicar as suas grandes culpas a este homem magestoso, e dirigiu-se á casa da residencia. Ali estava, fallando vulgarmente, o homem da Zefa Coixa, que era tido como *o particular* do missionario. A mulher que era peccadora arrependida, que desejava emendar-se para seguir um caminho melhor, sabendo que havia difficuldades para se confessar, quiz peitar este valido de fr. Anselmo, corrompel-o, arranjar aquella influencia em seu proveito, mesmo com prejuiso *das outras* egualmente peccadoras e arrependidas. Dirigiu-se ao homem da Zefa Coixa, puchou-lhe pela manga da véstia, e apartando-o do resto da gente, fallou-lhe em voz de segredo.

— Ó santinho, sabe-me dizer, por caridade, se os senhores missionarios se demoram muito?

O homem, de barba toda, e com um aspecto vigoroso, respondeu n'uma voz meliflua:

—Olhe não lhe sei bem, não posso dizer com certesa; mas já ouvi que vamos para a semana. Temos missões lá p'ra baixo de Braga.

E a mulher ficou com um rosto opprimido, demasiadamente contrariada e quasi com as lagrimas nos olhos.

—Tão pouco tempo! Valha-me a Virgem mãe dos homes! — disse.

—Então que quer? Não póde ser tudo a uns. Os outros *tamem* querem *salbação.*

— É que tanto precisava de que o sr. fr. Anselmo me ouvisse...

—Isso agora!—responde o confidente do missionario com um rosto difficultoso. Tem muita confessada. São assim, como milho.

E juntou os dedos, n'uma grande intimidade, apresentando-os diante dos olhos da pretendente para lhe symbolisar a concorrencia.

Mas a desejosa queria vencer, esta difficuldade aguilhoava-a. E diz ao homem da Coixa n'uma voz confidencial.

—Vomecê bem podia arranjar se quizesse...

—Ai mulher com o que você vem! Olhe, aquellas que acolá estão sentadas, tambem querem. Eu não posso. Até já tenho vergonha.

—Ora aquellas, tem outro confessor. Ellas são do sr. abbade. Eu é que preciso muito...

E depois, com a cara mais proxima, n'um fallar mais imperceptivel, mais intimo, accrescentou:

—E olhe que lhe havia de agradecer bem. A gente nas occasiões...

E o homem de barba, que tinha a falla feminina, voltou-se para ella, n'um verdadeiro aspecto de difficuldade, crusando os braços:

—Mas ó creaturinha, diga-me, que hei-de eu fazer se eu não posso?!

—Pois era uma alma que tirava do inferno. Tenho peccado de *concenciá*—insiste ella.

E depois ainda repetiu:

—E olhe, eu não me importava agradecer-lhe bem.

—Não é por isso, não é. Mas eu é que não sei que hei de fazer a tanto pedido. Eu verei... mas não prometto, não prometto, que ainda *honte* o sr. fr. Anselmo

me disse que não podia. Olhe que lh'o juro por esta que nos *alumia*.

E a mulher com um rosto aprasivel e esperançoso confidenciou-lhe.

—Pois arranje que eu lh'o agradecerei. As outras não precisam, como eu. Tem confessor. São do abbade e d'outros—concluiu com um movimento de ligeiro despreso.

O homem da barba, depois d'um silencio reflectido, disse n'uma voz protectora, repassada de benevolencia, de favor:

—Olhe quer você um conselho? Compre um *libro* dos do senhor fr. Anselmo. Depois eu lhe fallarei. É mais facil assim.

A desejosa abriu pasmadamente os olhos e com um todo ignorante perguntou:

—Que *libro*, hominho?

—Ai não sabe? Olhe que tem muitas orações. Quem as rezar tem o céo aqui.

E mostrava-lhe a mão esquerda fechada.

—Mas eu não sei ler, não entendo—volvia desconsolada.

—Peça a quem leia. Aquillo até tem indulgencias para quem o traz. Basta andar com elle no seio, para se ganhar um *rôr* d'ellas.

Pergunta-lhe a devota com interesse:

—E onde se merca?

—Ao pé da egreja. Na tenda da Coixa. Você sabe! Aquella mulher da porta da egreja.

—E são *libros* santos?—indaga desconfiadamente, olhando para cima, para o rosto do homem e pousando o queixo no punho.

—Santos?! Santissimos! É o melhor que ha. E só custam dois pintos!

—Dois pintos!—repete com semblante difficultoso.

O valido do missionario olha-a penetrantemente, enrugando a testa e disse com desembaraço:

—Peça emprestado. Olhe que é o melhor dinheiro que se póde gastar. Para bem da nossa alma!...

—E depois arranja?—pergunta-lhe a mulher com insistencia.

O amigo de fr. Anselmo aconselha com muita confiança:

—Compre o *libro*, que lh'o digo eu. Elle assim que o vê na mão d'alguem, logo percebe que é gente de devoção. Compre hoje que ámanhã ha benção. E vá com isto — concluiu retirando-se.

E a mulher pediu emprestado o dinheiro que lhe faltava e comprou o livro. Um visinho que lhe fez o emprestimo, andava em confissão com fr. Anselmo, e confirmou tudo que o homem da Zefa Coixa tinha aconselhado.

Ella ficou contente, e quando tinha o livro na mão, persuadiu-se ter ali o céo. Julgava-o uma cousa divina, achava delicioso aquelle contacto, aquelle cheiro da encadernação.

Depois o missionario explicava na confissão, com uma voz arrotada e uma grammatica ordinaria, a benefica influencia do seu livro, para conseguir o reino do céo. Affirmava elle, que todo o producto da venda era para a exaltação da fé e para *extirpação* das he-

resias. Ia para Roma, para um cofre do Padre Santo, e servia para sustentar seminarios, onde se ordenam meninos pobres. O dinheiro que se dava pelo livro, ou por qualquer outra reliquia, tinha este fim piedoso, para o qual os missionarios recebiam qualquer esmola. Todo o peccador devia concorrer com o que podesse; porque este era o meio mais seguro de agradar ao *Senhor* e desarmar a Sua colera. Por isso estes ecclesiasticos aconselhavam a compra de bentinhos, de veneras de Santa Theresa e do Coração de Maria, da correia de Santo Agostinho e de rosarios tocados no Santo Sepulchro.

Estes penhores da bemaventurança, vendiam-se ali, nas tendas armadas no adro. Os rosarios, em pequenos mólhos, estendiam-se methodicamente com as veneras metalicas pendentes, reluzindo ao sol. As correias de Santo Agostinho e os bentinhos estavam symetricamente do lado opposto. Os livros de fr. Anselmo, com a sua forte encadernação de carneira, tinham, os magnificos dourados da lombada, na evidencia. Pendurados n'uma vara, expostos provocantemente com a sua borla de retroz vermelho, viam-se os rosarios tocados no Santo Sepulchro, que tinham sido trasidos da biblica Jerusalem, da Jerusalem historica e santa, com as suas contas de pau aromatico. Custavam simplesmente um cruzado novo — eram reliquias de muita virtude, e desejal-as mais baratas era um grande peccado.

Certas mulheres, companheiras dos homens que seguem os missionarios, eram as encarregadas da venda. Tem uns modos bruscos, caras sardentas e são mal penteadas. Não usam carinhos, nem blandicias com-

merciaes, porque sabem que é obrigação de todo o mundo comprar aquillo que póde garantir a felicidade perpetua.

Fr. Anselmo, o mais velho dos missionarios, recebia á noute o producto da venda diaria das reliquias. Elle mesmo dava n'essa occasião a percentagem estipulada, dizendo sempre com um riso galhofeiro e contente, recostado n'uma cadeira e com o peito da camisa desabotoado:

— Anda minha rapariga, minha *manquitó* (era o nome porque sempre designava a Zefa) que te não vae mal d'esta feita. Ainda levas os teus pintos no sacco.

— Se não fosse aquelle ladrão d'aquelle meu home, senhor, podia ter pregos de ouro — queixava-se.

— Então elle continua, continua, ein? — indagava com um riso benevolo.

— É que não posso ter um vintem.

— Mas o que lhe faz elle?

— É o jogo e não sei se mais alguma cousa...

Fr. Anselmo ria dilatadamente, com prazer, accrescentando:

— Alguma moça, alguma moça. Ora deixa-te d'isso, não desconfieis. Vae que são horas, vae.

Toda a pessoa que assistia a qualquer missão, tinha necessidade impreterivel de ter alguma cousa para benzer; porque o missionario ao subir ao pulpito, dizia com voz desleixada e olhar indagador:

— Vae-se dar a benção...

E depois, passado um longo minuto de silencio concentrado, durante o qual, sua reverendissima espalhava pela multidão um olhar penetrante, completava:

—... Agora benzem-se rozarios do Santo Sepulchro. Quem os tiver chegue-se para aqui.

Ouvia-se então um forte borborinho, acompanhado do movimento ondulatorio d'uma multidão que é impellida por uma forte idéa imperativa, como a corôa escura d'um pinheiral, quando é agitado por uma corrente de vento forte.

D'este modo conseguia-se separar os bons dos maus, os que concorriam para a estirpação das heresias e propagação da fé dos que não concorriam. Depois, no decorrer da missão, o prégador dirigia-se aos ultimos, com uma voz carregada e geitos persuasivos fazendo-os chorar, n'um arrependimento alarmante, com vozes soluçadas que se alargavam pela amplidão dos campos e pelas quebradas dos montes.

As praticas eram de manhã cedo. Ainda era noute e já estava reunida, á porta da egreja, muita gente, esperando o sachristam que vinha passado tempo resmungando sempre e dizendo n'uma voz monologada e impertinente:

—Diabos de beatas que parece que não dormem. Ainda ellas vão para as profundas dos infernos.

E abria a porta da egreja encostando-lhe um joelho, para a chave desandar.

—Jesus, santo nome de Jesus! Este tio Domingos sempre tem palavras...

E elle volta-se rasgadamente, com esgares cheios de raiva, para a que dissera isto e aggredia-a:

—Santo nome de Jesus, santo nome do diabo que

a leve. Se você trabalhasse como eu, havia de ter mais somno sua...

E suspendia a frase, terminando com um movimento de beiços, de quem diz alguma cousa intencionalmente. Depois ia tocar o sino, com umas badaladas fortes, de mau humor e accendia novamente as lampadas apagadas, remoendo umas injurias contra as beatas.

Dentro da egreja, na economica escuridade, propagava-se um zumbido de resa. De vez em quando sentia-se bater sobre as lages das sepulturas, com um som claro, os tamancos ferrados das pessoas que entravam. N'outros momentos estendia-se sobre aquella multidão devota, a voz dolente e piedosa d'um d'aquelles homens que seguem os missionarios, dizendo:

—Resemos cinco *paters-nostres* e cinco *aves-marias*, em louvor das cinco chagas do *Nosso Redemptor*, que veío ao mundo para nos salvar. *Pater nostro*, que estaes no ceo, etc...

E o restante da multidão em voz mais resumida, mas perceptivel, acompanhava submissamente:

—Padre nosso, que estaes no ceo, etc...

Estes mesmos homens que provocam a devoção com resas, tambem fazem as suas *praticas*, em voz chorada. Tem uma larga consideração entre o povo que os compara aos missionarios. O homem da Zefa Coixa, era o mais respeitado, pela sua figura alta, o seu comprido rosto cheio de solemnidade, o seu nariz adunco como o bico d'uma arara. Fazia praticas sem livro e por isso lhe perguntou uma devota, subjugada pelo esplendor d'aquella sabedoria, *porque elle se não ordenava*. Respondeu, que tinha mulher e filhos.

As manhãs eram frias e a egreja humida. A illuminação insufficiente dava a este quadro o tom sinistro e criminoso dos *caprichos* de Goya. Quando o missionario subia ao pulpito, accendiam-se duas velas em cada altar. As pessoas que ficavam proximas das luzes, francamente illuminadas por um só lado, tinham os grandes effeitos luminosos dos quadros de Rembrand. Em todos os semblantes se espalhava um tom de amargura e de infelicidade.

Eram estes que, havia ainda pouco tempo, abertos em alegria, descuidados, expansivos, incorrectos como a naturesa em que tinham vivido, animavam as romarias da visinhança. Tinha-se operado n'elles grande transformação á custa d'uma energia diaria, monotona e sempre egual. Os que frequentavam aturadamente as missões podiam ser conhecidos pelo olhar paciente, pelos gestos cançados e pelas palavras molles de que se serviam nas conversas ordinarias. Andavam de vagar e, cheios de arrependimento, batiam na bocca peccadora, quando lhes sabia alguma praga irreflectida.

SEGUNDA PARTE

I

Rosaria e muitas raparigas da sua aldeia, foram ouvir os missionarios. Era n'uma tarde d'um domingo de sol, em que havia uma viva animação campestre.

N'esse dia a missão foi do padre Antonio. A sua palavra quente, o seu pallido semblante nervoso, a sua rethorica banal e cheia de invectivas, faziam d'elle um prégador excellente e desejado. Nas mentes desoccupadas d'aquelles ouvintes sabia marcar, com traço vigoroso, os horrendos quadros de afflicção que formam as penas do inferno. Chegou a descrever e a nomear os animaes de mau conceito popular, que estavam a serviço de Satanaz para atormentarem os condemnados. Eram dragões e outros de olhos chammejantes e linguas de chumbo quente! A imaginação humana, a mais phantastica e pueril, difficilmente concebe o que, na opinião do missionario, o demonio tem inventado para receber mal os seus hospedes, que são os seus companheiros n'aquella eternidade de fogo.

E terminou a descripção colorida dos tormentos,

n'uma voz cançada e com esta ameaça cheia de carinhos e de conselhos:

—«Immensa é a sabedoria do Senhor, como grande é a sua misericordia! Porém o Seu furor não tem limites, nem a Sua colera cabe n'este mundo (abria os braços significando immensidade) se um misero peccador perde a occasião de se arrepender. Eia pois! Arrependei-vos, meus filhos, entrae na graça do Senhor que vos está chamando de cima d'aquelle altar, do alto n'aquelle madeiro onde foi pregado pelos vossos peccados. Elle tudo soffreu por vosso amor, elle veio ao mundo para vos remir, salvar e dar exemplo. Segui a Jesus e deixae, para isso, todas as cousas do mundo.

«Porém, nunca penseis desgraçados,—invectivava com mais colera—nunca penseis que a vida do justo, n'este valle de lagrimas, é de prazeres e de consolações! Não o penseis! A vida do justo deve correr cheia de difficuldades e de tristesas. A alegria é o melhor signal de que se não está em graça do Senhor.

E n'este ponto citou varios exemplos: o de Santa Theresa com as suas famosas tentações diabolicas, cheias de espertesa e sagacidade de Satanaz. Ella mesmo o confessa, que a saude e a alegria são obras do *demonio*, e um signal evidente de que se está em peccado. Porém como ella conhecia isto por inspiração divina, quando se sentia alegre e peccadora, augmentava os tormentos do seu corpo martyrisando-se crùelmente, para vencer o *inimigo*. Por isso foi uma grande santa, e, durante a vida tormentosa, chegou a ver a Jesus em toda a sua *humanidade*.

Em seguida trouxe o exemplo de Francisco d'Assis,

o vaidoso rapaz, que se converteu, depois d'uma grande enfermidade que Deus Nosso Senhor lhe mandou. Com jejuns prolongados, com martyrios e com orações successivas é que venceu o demonio, que o maltractava tão duramente que, em certa noute infeliz, lhe chegou a dar muita pancada!

O padre Antonio aconselhava, com uma voz convidativa, os castigos corporaes, systematicos e reflectidos, como os d'estes bemaventurados. Não se devia mostrar no exterior falta de paciencia, nem sombra de vaidade. Um recolhimento soturno, nos incomprehensiveis abysmos da alma, era necessario para se conseguir a *Graça.*

E intimidava com uma palavra energica e bem timbrada, tendo uns gestos decididos e cortantes:

—«Se não fazeis isto, sereis eternamente condemnados! Aquelle que não levar d'aqui, no coração, estas lembranças, verá em sonhos os animaes que o atormentarão no inferno durante uma eternidade!

E passado um longo minuto de turpor, repetia vagamente, como um echo longinquo:

—«Durante uma eternidade!

Depois pegava n'um dos dois lenços que estavam pendentes do pulpito, limpava silenciosamente a fronte suada e tomava um golo d'agua com chá que a fidalga lhe mandára para o pulpito.

Durante este curto espaço de silencio, abrandava o chôro maguado das mulheres e os homens, tossindo alto, olhavam-se distrahidos.

Em seguida o missionario retomava a palavra, n'um

tom confidencial e bondoso convidando á confissão e ao arrependimento.

Rosaria ficou fortemente perturbada com esta missão. O seu rosto vivo e alegre carregou-se d'uma tristesa oppressora. Foi uma das pessoas que chorou mais salientemente, com uma voz mais alta e prolongada! O missionario, em muitas cousas, parecia ler-lhe no coração. Ella convenceu-se de que lhe eram dirigidas pessoalmente estas palavras ameaçadoras!

—«Em vam te escondes peccadora! Em vam te esescondes, digo-t'o eu! Nunca poderás fugir á vista d'Aquelle (apontava para o altar-mór) que está em toda a parte, que está mesmo dentro do teu coração ingrato, para saber os teus sentimentos.»

Depois d'isto, não perdeu uma só das missões que se seguiram. As mudanças no seu espirito, foram rapidas e fulminantes. A ideia de que o Senhor estava dentro d'ella mesma, para a observar, apavorava-a, vinha-lhe á mente com uma frequencia caprichosa e cruel, enchia-a de amarguras, de confusões e de sustos!... De alegre que era principiou a ser distrahida, não gostando do trabalho, evitando a convivencia, fugindo timidamente e fechando os olhos quando via homens. Surprehenderam-na muitas vezes sosinha, occulta nos arvoredos das mattas, com o olhar pasmado, as pupillas immoveis, e um brilho de lagrimas. É que estava a passar em rol a sua tenebrosa vida, o seu passado de alegrias e de vaidades. Tinha offendido muito ao Altissimo, conhecia-o agora, depois que ouvira o missio-

nario. Porém ella ignorava o que eram peccados, ninguem a tinha instruido n'aquellas cousas, o padre Clemente Carvalhosa não os sabia.

E principiou a recriminar mentalmente o padre Cura. Accusava-o de não saber tanto como o missionario. Queria que todos os padres fossem assim. Elle era alto, magro, tinha a pallidez doentia dos que soffrem resignados. Contavam-se d'elle cousas que o punham, em vida, no melhor logar do ceo, junto dos mais justos e n'uma visivel competencia com elles. Viver assim, na alta communhão dos espiritos superiores, devia ser d'um goso ineffavel! — pensava Rosaria comsigo.

Mas ella não estava ainda excluida do ceo. O missionario citára exemplos de santas que eram pobres e ignorantes — algumas eram simples pastoras! Se ella seguisse os dictames d'um homem santo como elle, podia ainda cair na graça do Senhor... ser uma santa!... Quem sabe o que ella seria?!

Rosaria viu estas cousas com grande simplicidade e com penetração natural; porém tinha minutos tormentosos e perturbados. Era-lhe necessario alguem que a amparasse, que lhe désse conselhos bons, affaveis. Lembrou-se de Lindoria e foi-lhe contar os seus escrupulos, os seus receios, as suas aspirações. Queria saber se ainda era tempo de se reconciliar com Deus, de salvar a sua alma. O padre Antonio é que lhe podia dizer alguma cousa, Rosaria desejava que elle a ouvisse de confissão.

Lindoria — aquelle velho coração impedernido — teve pena da rapariga. Disse-lhe algumas palavras de coragem, fez-lhe revelações indiscretamente cynicas, mos-

trando-lhe o que ella—antiga frequentadora de sachristias e creada de freiras—pensava de tudo *isto de religião*.

—Olha rapariga—dizia confidencialmente—aquillo nem tudo é assim, como te parece. Aquelles santos não mentem, palavrinha de honra que tudo que lhes sae da boca é verdade; mas muitas cousas são para aterrar os peccadores que não tem emenda, os *empedernidos*, como diz o senhor padre Antonio.

—E que sou eu tia Lindoria? Nunca fiz uma confissão geral! A minha alma está no inferno. Até já sonhei que a vi lá—concluia com muitos soluços lacrimosos.

—Cala-te, rapariga, que não está—affirmava-lhe Lindoria corajosamente.

—Está, está sim senhora—insistia Rosaria chorando muito.

E Lindoria com um meio riso experimentado tornava-lhe:

—És uma tola... A confissão geral sempre é boa. Já cá estão sete e dizem que se não salva, quem não faz pelo menos uma. Porque não vaes tu mesmo fallar ao senhor padre Antonio?

—Ora...

—Ora que? Não tenhas vergonha. Aquillo é trigo limpo. Tem um modinho que é um regalo. Eu não quero outro. Gosto d'um padre novo e bonito, aqui onde me vês. Os velhos cheiram a rapé e tem tosse.

E dava uma risadinha mediocre, sem larguesa, limpando o seu nariz adunco.

—Eu queria tia Lindoria, lá isso queria; mas tenho vergonha—responde enleiadamente.

— Vergonha de que? Ora sempre tens cousas! Elle não é nenhum pápa mulheres.

E depois d'um momento indeciso concluiu a beata:

— Não tem duvida. Eu arranjarei. Elle gosta de confessar raparigas novas e bonitas. São as que é preciso tirar das garras do demonio. Vae essa mocidade perdida. Eu fallarei á senhora D. Maria de Refuinho.

— Olhe que vocemecê ganha o céo — diz com um sorriso de meia felicidade. Já me sinto mais alliviada. Sempre tinha aqui um peso que abafava.

E mencionava a região cardiaca.

— Pois descança. Arranja-se tola. Talvez eu mesmo falle ao senhor padre Antonio. Senão, vou contar tudo á senhora D. Maria e ella arranja. É uma santa.

— Pois veja lá. É uma esmólinha.

— Não tenhas medo. Não scismes, que aquillo que elle disse, não é comtigo — affirma-lhe com auctoridade.

— Se Deus Nosso Senhor a ouvisse...

— O senhor missionario desengana-te. É um anjo. Tem uns modos de encantar.

E Rosaria ficou um nadita mais consolada com a respiração mais facil. Lindoria era entendida, podia-se a gente fiar n'ella, commungava todas as semanas, e agora, no tempo dos missionarios, diariamente.

No dia seguinte era quinta feira. Missionava fr. Thomaz, um frade gordo, vermelho, farta organisação bem nutrida. O povo era muito. Um sol claro illuminava a encosta da egreja, que era uma pinha de gente. Suspenderam-se n'este dia muitos trabalhos urgentes; porque

a palavra de Deus estava primeiro, os conselhos que levavam ao céo mereciam mais que os bens terrenos. Rosaria, n'esse dia, foi novamente pedir a Lindoria, impellida por uma grande afflicção. Ia debulhada em lagrimas, uma preoccupação infernal lhe opprimia o peito. É que durante a noite precedente, depois d'um sonho máu em que lhe appareceram demonios e mais cousas horrendas, acordou n'um grande sobresalto e com muita sêde. Foi á cosinha beber uma tigella d'agua e tomára contra o frio a simples precaução d'uma saia pelos hombros. Quando entornava o cantaro para si, um enorme sapo nogento deu um salto e cahiu-lhe pesadamente no casto seio mal resguardado. O pae, ouvindo-a gritar, acordou e veiu depressa, encontrando-a n'aquelle *desarranjo*. Isto devia ser um grande peccado! O senhor padre Antonio tinha dito que os peccadores encontrariam *sapos* no caminho. A ella acontecera-lhe peior — cahira-lhe no seio. É porque estava fóra da Graça.

Lindoria confortava-a:

— Não sejas tola rapariga. Não entendes mais, é o que é. Isso no senhor missionario é um modo de fallar.

— Mas elle disse sapos e ainda outros bichos — confirmava novamente.

E Lindoria com o seu olho sagaz refutou..

— Mas não são d'esses sapos.

— Então?...

— São outros sapos — concluiu triumphantemente.

— Deus o queira — disse Rosaria tomando ar mais desafogadamente dando um suspiro doloroso e gemido.

E Lindoria concluiu:

—Mas deixa que hoje mesmo te desenganas. Eu vou fallar ao senhor padre Antonio. Elle hade fazer a caridade.

E foi logo, directamente, sem pedir á fidalga de Refuinho.

O missionario estava na sachristia, na roda dos ecclesiasticos, onde, antes de principiar a missão, se conversava em cousas triviaes, rosto a rosto, com muito agrado, n'uma intima familiaridade.

Fr. Thomaz é que missionava n'este dia. Encostava o seu pesado tronco ao gavetão, e tinha o ventre em grande saliencia. A sua lustrosa batina caindo-lhe lisa adiante, vinha-se-lhe reunir, sobre os calcanhares em pregas numerosas. O crucifixo de pau preto com o Christo de latão, estava pendente sobre o peito. Fr. Thomaz ouvia com riso bondoso o abbade que o fazia rir.

Fr. Anselmo com as pernas muito abertas, as mãos atraz das costas e com o rosto satisfeito innundado de luz, arrotava espaçadamente o seu jantar.

O padre Antonio contrastava na sua magresa e na sua figura austera com os collegas. Ria mediocremente dos gestos comicos do abbade, que se sentia feliz, vendo os seus hospedes n'aquella suave dilatação corporal, n'aquella felicidade vegetativa.

Porque n'esse dia houvera á sua mesa, uma petisqueira excepcional que tinham mandado as senhoras da Lombada, uma das quaes gosava da fama de excellente cosinheira.

Fr. Thomaz chegára a dizer com rouco enthusiasmo,

estendendo os braços por cima da mesa, com firmeza e convicção que *aquellas mãos mereciam ser encastoadas em prata.*

Esta affirmação, esta lembrança energica e opulenta teve um assentimento ruidoso e o abbade levantou-se como um homem convencido, repetindo com afinco muitas vezes:

— E tem razão. Tem carradas de razão. Já o deviam estar ha muito tempo.

Fr. Anselmo, mais pacifico e ordeiro confirmava sereno, recostado na cadeira e saboreando a comida longamente como um ruminante.

— Na realidade, isto està divino — dizia sorrindo.

Quando Lindoria entrou a porta da sachristia, familiarmente, com um modo comedido e modesto, dando umas passadas imperceptiveis, os sacerdotes conversavam. Ella tinha o ar mansamente grave, o geito de quem vae pedir um favor. Abeirou-se dos ecclesiasticos e com uma certa covardia calculada, puchou com subtilidade pelo capote do padre Antonio, segredando-lhe com uma voz humilde:

—Uma palavrinha, se faz favor...

O missionario olhou-a de lado, franziu ligeiramente o sobre-olho e respondeu com seccura:

—Vae já.

Lindoria então, retirou-se com habilidade para um angulo escuro da sachristia, e ficou-se a dar uns *ais* espaçados, resando piedosamente e, de vez em quando, erguendo os seus olhos para a imagem de Christo, que, silencioso e macilento, estava no alto da cruz sobre o gavetão.

O padre Antonio largou depois os collegas e veio todo curvado, com as mãos occultas nas mangas e as palpebras descahidas com rigidez ouvir a beata, que os outros padres olharam levianamente n'um relance, quasi despresivel.

—Então que temos?—pergunta com ligeiro enfado.

—Uma boa raparigulnha, que está ali fóra e pede a Vossa Senhoria se a ouvia por caridade...

O missionario respondeu com uma palavra sacudida e rapida, encolhendo os hombros:

—Não póde ser, bem sabe que não póde ser...

—É uma esmollinha que faz. O Senhor lhe dê tantos dias de vida e de saude...

—Pois sim, sim; mas tenho muitas. Você bem sabe. São hoje as da Lombada e outras. Já não posso.

Lindoria franzindo os beiços com resignação, acrescentou:

—Pois seja pelo Divino Amor de Deus! É uma boa occasião que se perde.

E o padre Antonio ainda repetiu com uma voz mais moderada, menos aspera:

—Tenho até á noute. São muitas, não ha tempo.

E ia-se a retirar, quando Lindoria disse:

—E então que é uma rapariga linda, como os amores.

O padre voltou a cabeça machinalmente, instinctivamente para dizer:

—Mas se eu não posso! Você sabe... Não posso, são muitas.

E mostrava um rosto frenetico, contrariado.

Lindoria aproveitou este momento feliz para acrescentar:

— Bonita e que está hoje com uma contricção do céo. Parece mesmo tocada pelo Altissimo, para entrar em bom caminho.

O missionario com um geito impacientado, respondeu depois d'um longo minuto reflexivo:

— Ora seja pelas cinco chagas. Olha, filha... que espere. Depois das da Lombada, que devem estar ahi.

— Estão, sim senhor.

— Então depois d'ellas.

— Sim senhor, muito obrigadinho. Nosso Senhor é que lh'o hade agradecer.

E beijou-lhe a manga da batina, com um riso familiar, abaixando-se sobre o joelho n'uma comica mesura.

O missionario terminou:

— Mas não voltes cá. Já tenho muitas.

Lindoria retirou-se toda curvada reverenciando os outros padres. Veio dizer a Rosaria, que a esperava anciosamente, qual a resposta do missionario. A rapariga procurou, mesmo de longe, interrogal-a com um olhar intelligente, quando a beata descia pela egreja abaixo; porém Lindoria vinha impenetravel. Atravessou um conciliabulo de mulheres que segredavam as suas confidencias e veio ajoelhar-se junto da filha de Thomaz do Monte. Tendo feita a sua reverencia ao altar mór, disse:

— Arranjou-se. Custou; mas sempre se arranjou.

Rozaria respondeu desopprimida:

— Muito obrigadinha. Eu lh'o pagarei. Vá amanhã lá a casa sim?

Lindoria acrescenta:

— Depois das senhoras da Lombada, que estão acolá, mette-te. Põe-te á espreita, não deixes ir mais ninguem.

— Não deixo. Credo! Custou tanto, não é agora para as outras — respondeu com ligeira soberba.

— Tanto pedi, que elle não teve remedio — nota com um sorriso de valôr.

— Pois muito obrigadinha. Ámanhã vae lá a casa? Queria-lhe uma cousa.

— Pois sim, talvez vá. Agora é fazer boa confissão, é reconciliar com Deus.

— Sim, senhora.

— Ainda que seja á noutinha é o mesmo. Mette-te depois das senhoras da Lombada. Primeiro ellas.

—Sim, senhora, muito obrigadinha, eu lh'o pagarei.

E Lindoria sahiu pouco depois para ouvir a missão que era no adro.

II

Rosaria foi-se esconder, n'um logar escuro, por traz da pia d'agua benta, esperando o momento de se ajoelhar aos pés do confessor. Procurou instinctivamente, esta escuridade discreta, para melhor ficar no recolhimento de si mesma e recordar novamente os feios peccados de sua vida impensada, recomeçando o seu exame de consciencia.

Quando saiu a ultima das senhoras da Lombada, ella approximou-se com timidez, covardemente, como um cão que vae ser castigado. Levava o rosto escondido nas dobras d'uma saia azul e ia dando uns ligeiros gemidos cheios de contrição.

O padre Antonio deitou a cabeça pela janella do confessionario, para ver quem estava. Cá fóra, no adro, ainda era dia alto; mas no interior da egreja entardecia e o missionario n'aquella luz egual vendo approximar-se, sem ruido, com os pés descalços, um vulto de mulher perguntou-lhe n'uma voz apressada:

— É por quem me pediram? é por quem me pediram?

— Sim, meu senhor, a Lindoria — responde Rosaria com palavra sumida, pouco distincta.

— Pois ajoelha, ajoelha depréssinha. Vamos a isso, que não é cedo.

E olhou uma janella que estava na frente para conhecer a hora. Depois dirigiu a pupilla prescutadora para a penitente, com o fim de lhe ver o rosto, talvez para lhe calcular a edade. Rosaria, teve um intimo repellão de castidade, sentiu a face afogueada e olhou para o lado, instinctivamente... O missionario, recolhendo-se, disse lá de dentro, n'uma voz que ressoava:

— Pois ajoelha e uma boa contrição. Lembra-te que estás aos pés do teu Deus, que Elle conhece o teu interior, que está no teu coração. Vens disposta a fazer boa confissão?

— Sim senhor — responde com assento chorado.

— Pois diz lá com o teu coração: *Eu peccadora me confesso...* e vamos a isto.

Cá fóra, a voz grave e potente de fr. Thomaz, estendia-se dilatadamente pelo espaço infinito. Dentro do templo ouvia-se-lhe a ressonancia alta, com um timbre quasi metalico, como se o missionario gritasse á bôca d'um tunel. O povo, na agglomeração e no arrependimento, absorvia-lhe, por vezes, a palavra energica levantando o seu chôro maguado, em concordancia com a fortalesa das invectivas do prégador.

Para os lados do confissionario, podia-se ouvir um zum-zum reprehensivo e impertinente, cortado por umas respostas breves e cheias de magua. Durante

mais d'uma hora, estas alternativas de vozes differentes, uma secca e cortante, outra lacrimosa e afflicta, foi o que se percebeu.

Porém a missão acabou e o murmurio do fallar do povo que se dispersava, enfraquecera-se lentamente e desappareceu ao longe como o som do vento. Fr. Thomaz e os outros padres entraram na sachristia, com um grande ruido de vozes que se entremiavam. Tomando os seus capotes e bebendo d'uma garrafa *de Porto,* que o abbade reservava cuidadosamente *para as occasiões,* perguntaram ao sachristão; *se o senhor padre Antonio já tinha acabado.* Ao que o Domingos respondeu bruscamente:

— Eu não sei. Elles ainda para lá estão.

Foi então que os ecclesiasticos, sahindo por uma porta lateral, vieram dizer juntamente, n'um unissono, da capella mór:

— Adeus ó collega. Até ámanhã. E' acabar; são horas!

E o missionario interrompeu-se, respondendo com accento ordinario.

— Adeus, reverendos amigos. Cedinho, ouviram?

— Sim. Adeus.

E sahiram pela sachristia.

Fr. Thomaz soltou no adro um arroto sonóro e franco.

Na egreja ficou sómente, o padre Antonio e a sua confessada. O sachristão, á porta assobiava, com as chaves pendentes d'um dedo e esperando, que sahissem, para fechar.

Depois, a penitente levantou-se apressada, sem ab-

solvição, e sahiu da egreja soluçando para continuar no dia seguinte a meuda resenha da sua vida.

Durou sete dias esta confissão geral.

O padre Antonio fez perguntas caprichosas, principiando com uma palavra segura e fria, como só a póde dar o habito de entrar nas consciencias. Com o muito que ouvira no confissionario, elle tinha formado um conceito inexoravel e rancoroso da vida humana!

Perguntou com serenidade, como um discreto juiz, as particularidades do vestuario da penitente — se era garrido e alegre, se se costumava vestir para agradar.

Inquiriu da qualidade da fazenda de que eram feitas as suas camisas e se, nas suas carnes, lhe appareciam sensações apraziveis, ao contacto da roupa fresca. Quiz precisar severamente, de que naturesa eram essas sensações.

Indagou, com uma seriedade respeitavel, se a peccadora tinha cocegas. E n'este caso que desejos lhe tinham vindo á mente, quando lh'as produziam nas brincadeiras com outras.

Coçava-se algumas vezes? Que prazer resultava d'esse acto?! (Insistia impertinente sobre este ponto). Gostava de repetil-o?... Com que intensão?! Com que fim?!

Quiz saber, se a presença dos homens lhe tinha alguma vez, dispertado appetites sensuaes, reprehensiveis e criminosos e se a sua imaginação, depois d'isso, ficára por muito tempo impressionada, presa a lembranças...

E fez uma reticencia demorada e guttural, concluindo com um modo enfadado:

—... A lembranças *menos* virtuosas.

Mas depois, retomou a palavra, para emendar apressadamente com mais energia:

— A lembranças, *nada* virtuosas.

E repetiu mais accentuadamente, com vingança:

— *Nada* virtuosas.

Que mysterios, que particularidades deshonestas lhe tinha revelado a carne, quando, alguma vez, em apertos, se tinha encontrado casualmente, em prolóngado contacto com homens, com raparigas, *com outros corpos emfim?!*

Desejou que lhe dissesse quaes eram as palavras mais simples, mais inoffensivas do pudor, que ella ouvira da bôca peccadora dos seus namorados. Obrigou-a a repetir essas palavras, *emprestando-lhe algumas,* ajudando-a d'um modo capcioso e concluindo sempre que lhes tinha deitado mau sentido e por isso a reprehendeu severamente, com acrimonia.

A lembrança de casar que desejos e appetites lhe despertára? A idéa de ser mãe, trazia-lhe outros pensamentos, que não fossem, *só e unicamente,* o de dar filhos para bem-servir e amar a Deus Todo Poderoso?

E fazia todas as interrogações, muitas vezes, d'um modo insistente e tenaz.

E n'este assumpto de vontades, desejos, aspirações, appetites, esperanças, etc., inquiriu primorosamente, com paciencia, com sagacidade, empregando a linguagem comprehensiva, auxiliando-se habilmente de rodeios e insistindo com muita crueldade. Tinha n'isto phanta-

sia, rendilhava o seu curioso edificio de filagrana com o cuidado e esmero d'um artista caprichoso.

No cerebro inculto da Rosaria, este exame fez apparecer extraordinarias ideias novas, ácerca dos gozos e dos peccados. O missionario procurava com tenacidade saber das sympathias, das amisades com outras raparigas, e perguntou pelo que se passava nas conversas particulares que tinha com ellas, obrigando-a a repetir as palavras deshonestas que n'essas occasiões tinham pronunciado. E com uma grande pertinacia, obrigou a confessada a enumerar-lhe quantas vezes na sua vida dormira *com outras* e que recordações lhe tinham ficado d'essas noites, em que o torpe calor lhe devia forçosamente acordar desejos infernaes.

Para matar o pudôr natural, para fazer desapparecer a resistencia que Rosaria oppunha a confessar certos actos nas suas particularidades, a repetir certas palavras que o missionario queria que repetisse, elle dizia-lhe reprehensivamente, com um accento nervoso e energico; *que quem foi capaz de fazer um peccado, devia ter a coragem de o confessar, e que exigia isso para que a peccadora se emendasse.* Porém estas invectivas adoçava-as contando-lhe em voz confidencial, n'uma voz protectora e amiga, a historia de algumas santas que foram enormemente peccadoras, que tiveram desejos inspirados pelo demonio. Animava-a sagazmente com estes exemplos valiosos, mostrava-lhe assim d'um modo pratico, que o arrependimento é o meio de sahir do peccado, para entrar na bemaventurança eterna.

E então fallava com uma verbosidade impaciente de Maria Magdalena — a lendaria arrependida, com as suas lagrimas eternas e os seus optimos cabellos, desleixadamente caídos pelas espaduas nuas. Ella tinha offendido muito ao Senhor, com as suas vaidades; mas as lagrimas que chorou, a confissão publica que fez das suas enormes culpas e a sua grande fé na misericordia divina, é que a salvaram.

— Porque o peccado é uma tentação do inimigo — rematava elle — e o peccador nunca deve ter vergonha de dizer, o como elle o tentou.

E n'uma linguagem propria, historiou o modo por que Satanaz quiz desviar Theresa de Jesus do bom caminho do céo; e como tractára cruelmente a Maria Moërl, a celebre stigmatisada do Tyrol, a quem apparecia na fórma d'um *gato preto*, só porque ella persistia na oração e na penitencia, guiada pelo seu confessor, o bom padre Capistram. Fez o elogio d'este sacerdote attribuindo-lhe virtudes excellentes: um magnanimo coração, uma intelligencia clara, uma vontade forte — uma vida toda dedicada á santa religião.

Rosaria, aquecida por esta voz sonora e bem timbrada, por esta palavra enthusiasta e cheia de valôr, quiz-lhe dizer n'uma confusão de lagrimas; que elle era o seu confessor, que podia ser o seu padre Capistram, que ella queria seguir uma vida de martyrios, ter um futuro como o d'estas mulheres. Porem, como era uma camponesa, não tinha as palavras para dirigir estes pensamentos, e mostrava a sua contrição chorando alto, com fortes soluços.

O missionario perguntou ainda muito, mas com uma

insistencia cançada, sobre os mandamentos da lei de Deus, as obras de misericordia, os mandamentos da egreja e sobre os restantes peccados mortaes até á preguiça nas cousas do Senhor.

Terminou por aconselhar com muitas palavras bôas, confidenciaes, amigas a obediencia absoluta e incondicional á vontade do Senhor, ensinada pelos seus ministros na terra. Sem isto ninguem poderá chegar á felicidade eterna. Por amor de Deus devem-se deixar todas as cousas d'este mundo, pae e mãe, inclusivamente; porque a verdadeira familia é *Elle*.

A penitente, durante estes septe dias tormentosos, confessou tudo que fizera e o que sonhára fazer. Confessou talvez mais que isso; porque tinha grandes desejos de se tornar criminosa, para ser mais digna de piedade.

Recriminava mentalmente a sua vida passada, horrorisava-se de si mesma pelo que fôra sem o saber. Sahiu a ultima vez dos pés do confessor, carregada de attribulações, de sustos interiores, de remorsos; porém muito confiada na infinita misericordia do grande Deus; por que a palavra consoladora do padre Antonio, lhe dissera que *Elle* deixou no mundo remedio para todo o genero de peccado.

Era uma rapariga de entendimento claro, muito impressionavel e que abrangeu com sufficiente lucidez, e com arreigada convicção a metaphysica da penitencia, reconhecendo a enormidade das suas culpas.

Porem depois da communhão sentiu-se mais alliviada, — respirava melhor, dizia que lhe tinham tirado um grande peso do coração. D'ahi por diante continuou a

commungar todos os dias, fazendo sempre, com Deus, uma *reconciliação* preparatoria. Mas antes de se ajoelhar á santissima mesa, procurava um logar escuro *para melhor entrar em si* (frase do missionario) e fechando os olhos, examinava-se pacientemente, para não *receber a Deus* com algum peccado esquecido. N'estes momentos terriveis, levantavam-se-lhe grandes escrupulos, lembrava-se de cousas que não tinha dito no confissionario e procurava novamente o padre Antonio.

Se elle estava ouvindo outras peccadoras, Rosaria esperava-o muito tempo, resignadamente, com as mãos erguidas e as palpebras cerradas, para lhe dizer:

—Meu senhor, ainda me esquecia... Não quiz commungar sem dizer...

O missionario a principio escutava-a com paciencia, com brandura e perguntava-lhe n'uma voz cheia de penetrabilidade:

—Então que é? Ora diz lá...

—Esqueceu-me dizer que hoje, quando vinha para a egreja, molhei um pé n'um charco; voltei a casa para enxugar o sóco e tive falta de paciencia... arreneguei-me.

—Pois bem, bem. É preciso soffrer, é preciso ter paciencia. Ás vezes são *ciladas do inimigo* para tirar a gente do bom caminho.

—Mas foi peccado?—indagava cheia de medo.

O padre Antonio ficava n'um ar de duvida, inclinando lateralmente a cabeça, allongando os beiços e com os olhos ligeiramente piscos como quem *se decide*. Depois respondia espaçando as palavras:

—Venial... um peccado venial. Para a outra vez, quando vieres para a egreja, não penses em nada.

Mas como estes escrupulos se repetiam com frequencia, como ella o interrompia muitas vezes, o missinario principiou a impacientar-se interiormente, o que se lhe conhecia no tremulo das palpebras e no disfarçado convulso da palavra. Porém reprimia-se, apertava dentro em si estas coleras, esforçava-se por não ter temperamento; mas escutava-a de pé, singelamente, sem irem ao confissionario. E dizia-lhe estas palavras d'um modo apressado:

—Bem filha, bem. Estás perdoada. O Senhor lê no teu coração e vê que és boa. Vae á communhão... podes ir á communhão.

Mas ella dominada pela sua ideia, tornava-se impertinente, insistia.

Era então que o ecclesiastico, com um gesto ligeiramente sacudido acrescentava:

—Ora diz lá, se tens alguma cousa; mas depressa. Bem sabes que tenho obrigações.

—É que honte, quando sahia da sagrada communhão, um home deu-me com um braço...

—Mas não foi de proposito, com maus pensamentos?.,.

—Isso não sei...

—Sim, não sabes; mas tu pelo menos não os tiveste?

—Creio que...

Elle então cortava bruscamente:

—Talvez tivesses; mas isso foi ligeiro. Resa uma estação e beija a terra em signal de humildade. Depois pódes ir á communhão.

E deixava-a perplexa, entrando furtivamente para a sachristia, onde o esperava o seu almoço de café com leite que a fidalga lhe mandára.

Por estas intimidades repetidas, que toda a gente via, a Rosaria do Monte principiou a ser considerada, como a escolhida do afamado missionario. De todas as confessadas ella era a mais submissa — as opulentas tranças do seu negro cabello, tinha-as offerecido á Virgem e o seu vestuario era severo, com o fim de afastar os maus pensamentos dos homens.

As outras, porém, viam-na com olhos rancorosos de inveja, desde o momento em que o padre Antonio, irreflectidamente, a apontou no confissionario, *como um exemplo*. Algumas mais colericas e sanguineas, não respeitaram aquelle logar, responderam ali mesmo ao confessor d'um modo inconveniente, terminando por lhe affirmarem *que ella não era melhor que as outras*.

Depois, vieram cá para fóra e disseram de Rosaria cousas infamantes, que lhe chegaram a repetir na propria cara, com palavras gritadas e gestos violentos. Ella chorou muito e queixou-se ao missionario, que a fortaleceu na paciencia, affirmando-lhe d'um modo positivo e claro, com voz firme e austera, que aquellas raparigas eram, sem o saberem, *instrumentos do demonio para a atormentarem* e que talvez fosse aquelle um dos martyrios que o Senhor lhe mandava *para a experimentar*.

Aconselhou-lhe que persistisse na prudencia, que não tivesse ouvidos para ouvir aquellas cousas mun-

danas, que continuasse cheia de resignação na estrada que seguia que era a do céo. Prometteu-lhe tambem que no confissionario reprehenderia as que diziam aquellas cousas e perguntou-lhe os nomes.

Assim o fez; mas as censuradas não tiveram aquella paciencia, nem aquella moderação que se devia esperar. Mudaram de confessor e algumas até deixaram de se confessar, continuando a dizer de Rosaria do Monte, cousas vergonhosas, abocanhando-lhe os creditos de honestidade com palavras indecentes.

Como ella, n'uma grande oppressão de vergonha, se queixou novamente ao confessor, este exasperou-se e fallou n'isso aos collegas que ficaram colericos. No pulpito referiram-se ao caso, com palavras evidentes e expressivas.

O abbade, chegou a prometter a excommunhão a uma rapariga, no meio d'uma estrada, ameaçando-a com um punho no ar, chegando-lh'o á cara, quasi em termos de lhe bater. E dizia:

— Assim tu fôras como ella minha... (e fazia uma larga reticencia). Podias dar uma perna ao diabo. Olha que to digo eu.

E como era um homem brusco e malcreado, a rapariga teve-lhe medo e principiou a chorar, fugindo. Depois obrigaram-na a pedir perdão á offendida e este *exemplo*, obrigou as outras a callarem-se.

Isto fez com que o padre Antonio se interessasse mais tenazmente pela sua confessada, que era submissa e boa. Por isso, affirmou á fidalga de Refuinho,

com a intimativa d'um homem convencido, que aquella rapariga *era já de Deus.*

Era á noute, quando tomavam chá. A luz do candieiro de azeite, illuminava fracamente a ampla sala, havendo sobre as paredes um esbatido de sombra. Os grossos morrões, espirravam de vez em quando suas faiscas, com um breve som impertinente. Clotilde e Joaquina, que ficavam á esquerda, olhavam-se com intelligencia, dando risadinhas sumidas e acotovelando-se com acinte. D. Maria, do lado direito, ouvia attenciosamente o ecclesiastico, que do alto da sua cadeira de sola, deixando cahir com moderação umas palavras mansas, olhava com naturalidade, para as meninas, que ao vêrem-lhe voltar a cabeça, compunham com rapidez a sua seriedade.

O missionario dizia:

—Foi uma grande conquista a satanaz. Deus nosso Senhor permitta que elle m'a não roube; mas com a ajuda do Altissimo, espero que não — concluia com um modo convencido.

—Bemdito e louvado seja o Todo Poderoso! — levantava a fidalga os olhos supplicantes, com o seu bonito modo de piedade.

E vendo que as sobrinhas estavam distrahidas, uma com a outra, dirigiu-se-lhes:

—Ó Tilde, não tens vergonha do senhor missionario? São modos?

—É a Quina, tia Miquinhas.

—Ora vejam se eu fiz alguma cousa. Ó tia...

—Vamos, levantem-se que o senhor missionario dá licença. Meninas d'essa edade, já podiam ter juizo.

E depois, emquanto ellas, no corredor, teimavam e se esbofeteavam brincando, o missionario continuava:

—Do que ella precisava era de mais descanço para dar a Deus. Em casa do pae, os trabalhos terrenos tiram-lhe o melhor tempo.

A fidalga diz com piedade:

—Se ella quizesse vir para cá...

—Isso era um grande beneficio á religião. N'esta casa christã, haviam-lhe de deixar para as devoções. Ella tem boa disposições, lá isso tem das melhores.

—Eu fallarei ao pae; mandarei lá o abbade. Elle arranja.

O missionario affirma sinceramente:

—Ganha o céo minha senhora, ganha o céo.

—Mandarei ámanhã. O abbade conhece bem o Thomaz do Monte. É homem de boas contas, foi nosso caseiro muito tempo.

Na realidade o abbade foi e fallou, auctoritariamente, em seu nome e no da fidalga; mas o velho oppoz resistencia vigorosa, dizendo que precisava muito da filha em casa, alludindo *ao só* que ficava sem ella e queixando-se com modos asperos de que os missionarios lh'a fizessem doente, quando ella d'antes era saudavel e alegre.

Thomaz não cedeu, apesar das ameaças do abbade que lhe disse cousas insolentes com um modo brusco; mas Rosaria principiou a faltar em casa dias seguidos, que passava em Refuinho. D. Maria mandou-lhe, por um creado, prevenir o pae de que não tivesse cuidado, que a filha estava lá.

Elle respondeu ao mensageiro:

—Diz á senhora fidalga que não quero saber. Que mande a rapariga ámanhã, senão que vou lá e trago-a de rastos. Não quero saber de historias. Eu sou aqui alguma copa de palha?!

E estava irritado e violento.

III

E no primeiro dia em que Rosaria chegou a casa, elle reprehendeu-a, disse-lhe tudo que lhe veiu á cabeça e chamou, com voz irritada, *patifes* aos missionarios. Algumas mulheres, que lhe ouviram dizer isto n'um grande accesso de colera, ralharam-lhe muito, chamaram-lhe *um herege* e disseram-lhe que estava no inferno. E mesmo ali aconselharam á filha, com muitas palavras indignadas, que fugisse, que deixasse *aquelle home.*

Rosaria chorava alto, d'um modo ganido, com muitos soluços. O pae, vermelho de raiva até á raiz dos cabellos, quando Lindoria lhe chamou *bebedo e home perdido*, veiu para ella com uma enxada, na intenção criminosa de a matar. Mas alguns homens sensatos que ali estavam, agarraram-no moderadamente pelos braços e, recommendando-lhe prudencia, disseram que não fizesse caso do que dizia *aquella mulher*. Esta expressão sublinhada com despreso, irritou Lindoria que,

dando largas passadas theatraes e fazendo gestos rectilineos, os invectivava:

—Seus almas de demonios, que estão no inferno, vestidos e calçados! Olhae se os vedes n'uma egreja *estes malhados*!

E um dos homens sensatos, um dos agredidos, enchendo-se de paciencia, aconselhou Lindoria com um rosto sério e com um ar comedido:

—Vae-te embora Lindoria. Deixa lá o home que é senhor na sua casa.

—Tambem tu meu stafermo?! Olha... vae-a coser. É do do Agrella? Não fazes como eu que só bebo agua.

—Diabo de mulher que te parto a cabeça!—ameaça com suavidade.

—Ora vem p'ra cá se és capaz? Atreve-te meu cara de demonio, que já tens mesmo cara de condemnado!

E a figura de Lindoria era pallida, o seu grande nariz afilara-se-lhe, tinha os beiços roxos e certa escuma nos cantos da bôca.

N'esse momento chegou o regedor, *o Tenente*. A sua presença foi um sedante. Elle disse ás mulheres que fossem rogar as suas pragas no monte.

—Porque senão—acrescentou energicamente—a cadeia lá está á vossa espera.

Porém no outro dia de manhã, ainda era noute, Rosaria fugiu de casa e foi para Refuinho, com o proposito de lá ficar. Esta resolução enthusiasmou o temperamento apaixonado da fidalga, que estava offendida pelas respostas de Thomaz. Applaudiu incondicionalmente a rapariga, augmentou-lhe a indisposição contra

o pae, dizendo que o verdadeiro pae era Deus e terminando por affirmar:

— Olha, em quanto eu for viva, tens aqui uma casa. Não precisas nada d'elle.

E depois acrescentava com um sorriso vingativo.

— E que te venha cá tirar, se é capaz. Que se atreva.

Rosaria chorava muito, sentindo-se desgraçada.

D. Maria consolava-a:

— Não chores, para Deus é que tu deves viver.

N'este ponto começou para ella uma vida nova. Principiou a passar muitas horas do dia em oração; porque não tinha *obrigações* nenhumas. Ella porém varria as casas e arranjava o quarto do senhor missionario — unico serviço que a fidalga lhe lembrára. Mas isto mesmo, passado tempo, a cançava; porque a sua fraqueza ia-se pronunciando d'um modo evidente.

Rosaria alimentava-se mal. Os seus jejuns eram severos e os alimentos pouco substanciaes. Comia sómente duas vezes por dia — ao almoço *uma agua d'unto* deslavada e depois *afez-se a tomar chá*. Ao jantar umas garfadas d'arroz, duas codeas de brôa bolorenta que amollecia no caldo de hortaliça que destemperava com agua, para lhe *saber mal*, como José Cupertino deitava pó de absintho na comida para lhe *amargar*. E como isto podia ainda ser considerado, um banquete proprio de peccadores, tinha alguns dias em que reduzia esta alimentação, dando a hortaliça do caldo aos pórcos.

Porque ella tinha sempre deante dos olhos, os grandes exemplos de abstinencia que o padre Antonio es-

colhia para lhe dar força, para a guiar no difficultoso caminho da penitencia. O missionario contava-lhe essas cousas, em momentos de bom humôr, d'um modo intimo e com uma voz insinuante. Rosaria ouvia-o com os olhos muito abertos, com grandes dezejos de comprehender, de imitar, de seguir aquelles exemplos.

Elle recordava Santa Roza de Lima que, da edade de seis annos, passava tres dias na semana a pão e agua; e que depois dos quinze não tornou a comer carne. Os seus jejuns foram tão rigorosos que nas ultimas quaresmas da sua vida, despresando os saborosissimos fructos do Peru, sustentava-se sómente com *algumas sementes de laranja*. E pouco antes da sua morte, estava em oração permanente da quinta ao domingo, sem receber *uma sombra* de comida.

Em seguida fallava de Santa Catharina de Senna, que dos quinze aos vinte annos, se sustentou a pão e agua e depois não tornou a comer até á morte.

E por fim, além d'outros, vinha o exemplo mais frisante de todos, o nome celebre de Nicolau Deflue, que não comeu, absolutamente nada, durante os ultimos dezenove annos e oito mezes da sua vida milagrosa.

N'estas confidencias intimas, cheias de bondade e de conselho, vinham sempre os exemplos dos santos mais vulgarmente conhecidos — o de Santa Theresa que por seu proprio punho escreveu, que quando lhe *faltavam mais as forças é que melhor estava com Deus*.

O aspecto, as feições, a airosidade do corpo de Rosaria foram-se modificando rapidamente, d'um modo

concordante com as novas *condições* em que se achava, com o seu novo modo de viver. O nariz afilava-se-lhe n'aquella agudesa sinistra, que annuncia o começo de certas molestias profundamente desorganisadoras. Os olhos rasgavam-se-lhe romanticamente e, com o seu brilho irritante, destacavam-se n'aquella pallidez de santa, n'aquelle fundo escuro das olheiras que pareciam as d'uma velha duqueza *balzaquiana*. Os beiços, desbotados e seccos, tinham a mucosa com asperesas, como as escamas d'um peixe esquecido. A testa espalmada e de pelle fina e lisa, parecia mais alta; por que a raiz dos cabellos se distinguia nitidamente. No dorso de suas mãos, já senhoris, conheciam-se na transparencia da pelle, uns cordões azulados, volumosos, em direcções divergentes—eram as veias, por onde corria o seu mau sangue.

Rosaria tinha perdido, ao caminhar, aquelles movimentos pretenciosos, airosamente curvilineos—simples requebros desembaraçados e cheios de graça. Andava na acceleração de quem foge, com os olhos no chão, o passo incerto e um rosto de severa compostura.

O seu pescoço alto tinha os cordões caracteristicos da magresa. Na parte anterior e superior do peito, havia uma grande depressão. Os amplos movimentos das primeiras costellas, lentos e difficeis, mostravam uma respiração larga, mas trabalhosa—uma respiração asmatica. As ligeiras sombras de soffrimento que, evidentes nas linhas faciaes—a testa avincada, as sobrancelhas ligeiramente encrespadas e as palpebras com sombras indefinidas—indicavam um soffrimento resignado.

A posição expontanea dos seus braços era d'um grande

desleixo — deixava-os cahir ao longo do corpo. As extremidades dos dedos eram grossas e as articulações volumosas.

Bastaram tres mezes de jejuns prolongados e de resas aturadas, para que Rosaria não mostrasse nada do antigo vigor saudavel de peccadora, das suas graças vulgares, da sua expansibilidade e alegria nativa, que a tornava adoravel para os mundanos, que não pensam na salvação da sua alma.

Por este tempo, os missionarios resolveram partir. Já elles se tinham demorado muito mais do que podiam!... Deveres indeclinaveis os chamavam a outra parte. O dia de se despedirem chegou e esse foi o *dia de juizo* n'aquella egreja.

Nunca a dôr *da saudade e da separação*, se fez sentir mais alto, nem com maior desespero. As mulheres com vozes finas, deseguaes, asperas e repassadas de angustia acordavam sensibilidade e compaixão nos peitos mais duros. Homens pacificos e soffredores no trabalho, que nunca tinham vertido lagrimas, choraram muito, fazendo umas bocas quadradas, como as das creanças cheias de raiva.

N'esse dia da despedida, todos os missionarios fizeram a sua predica, com uma rhetorica inflammada e violenta. Tinham gestos aggressivos e com palavras energicas chamavam o povo á contrição e ás praticas religiosas. Primeiro alcunhavam-nos *de um bando de peccadores renitentes;* depois chamavam-lhes, com uma voz convidativa, *filhos dilectos de Jesus*. Tinham momentos de meiguice e de violencia — momentos quasi alegres, outros d'uma forte severidade.

A melhor das tres ultimas missões, sabiamente calculada para deixar lembrança, foi a do padre Antonio. Escolheu como thema *a conversão dos peccadores*, e tomou de S. Lucas o texto que diz respeito a Magdalena.

— *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum* — disse pronunciando nitidamente as syllabas.

Depois d'uma paragem, em que circumvagou o seu olhar pelo povo, com serena auctoridade, traduziu espaçando as palavras, para ser bem entendido.

— Perdoados lhe são os seus muitos peccados; por que grande foi o seu amor.

E em seguida exordiou em fraze cheia de brandura, com uma inflexão languia e subtil, como se um fio de azeite lhe escorresse pela garganta.

Era dentro da egreja; porque a chuva não consentira que a missão fosse no adro. A ventania, impellindo as gottas de agua, dava á atmosphera um aspecto ondulatorio, como o das vagas do mar; e produzia um som forte e extenso que se dilatava. No templo, este susurro monotono e prolongado da grande voz da natureza indomavel, reforçava-se d'um modo soturno e cavernoso produzindo echos na capella mór. Sentia-se, contra as vidraças, o bater crepitante do granizo. Havia uma torpe escuridade melancolica, uma luz embrutecedora, uma illuminação mediocre e um espaço estreito e limitado que não deixava respirar francamente, como se faz n'um dia claro e diante d'um largo horisonte.

Era um scenario conveniente e proprio, para apparecer n'um pulpito um missionario com a sua severa vestimenta negra, com o grande crucifixo pendente sobre o peito, e com a figura magra e imponente do padre Antonio. Estava muita gente — as senhoras de Refuinho e Rosaria.

Nunca a palavra do prégador teve mais convicções, nem o gesto mais auctoridade. Depois de narrar os factos heroicos do christianismo desde a conversão de S. Paulo, tendo-se demorado na vida da Magdalena dos evangelhos, cahiu habilmente em fallar de Rosaria do Monte. Contou longamente e com uma secura impertinente, como a encontrára filha de satanaz e como a deixava um das escolhidas do Senhor. Insistiu nas particularidades, nas circumstancias, nos accidentes dos ultimos tempos.

Enumerou os meios, verdadeiramente inspirados, que a Providencia lhe suggerira para prender aquella alma. E como era verdade, que a sua conversão principiára n'um dia em que ella por *divertimento* viera ouvir uma das missões, elle mostrou que o Altissimo tem d'estes meios simples, para chamar a si os *extraviados*. Por fim chegou a affirmar claramente, sem restricções, sem emphase, que em breve a egreja *contaria mais uma santa e que ainda a veriam fazer milagres.*

A alludida estava presente. O missionario olhava para ella e apontava-a á multidão. Todos alteavam a cabeça, pondo-se nos bicos dos pés, para conseguirem vel-a

n'aquelle momento superior, em que ella se cobria da maior celebridade, que se póde ter n'este mundo.

Mas n'um instante, as palavras auctorisadas do missionario, foram abafadas por uns gritos penetrantes, agudos, cheios de vibrações nervosas que atravessaram rapidamente o ar. Todas as attenções se voltaram para o logar d'onde esses gritos tinham partido e, o missionario no pulpito, ficou grave, austero, com o olhar firme, *para averiguar o que havia.*

Era Rosaria que estava com um ataque.

Houve, primeiramente, uma ondulação formidavel d'aquelle povo, cahindo para o logar, onde se tinham ouvido os gritos. D. Maria de Refuinho que estava ali proximo, principiou a ralhar forte e a bater com as mãos nas mulheres para que se afastassem.

O missionario, do alto do pulpito, compenetrando-se da situação, gesticulava, fazia recommendações aconselhando um copo d'agua. Mas como reconheceu que era impossivel ser ouvido n'aquella confusão, exprimia a sua ideia fingindo que bebia, mostrando um copo, com o braço estendido fóra do pulpito, e apontando para Rosaria.

Mas como o não percebiam, limitou-se a ficar olhando vagamente, levantando os hombros de um modo incomprehensivel e voltando-se de vez em quando para o altar mór, *esperava que aquillo acabasse.*

A fidalga, sem pensar, n'uma tremura involuntaria, principiou a rasgar o vestuario da rapariga, a despil-a e com gestos fortes — com murros — ordenava áquella gente que deixasse espaço, que lhe déssem ar.

O ataque era violento. Alguns camponezes alentados

que pretenderam agarrar nos pulsos de Rosaria, foram vigorosamente repellidos. Ella tinha a face vultuosa, congestionada e os beiços d'uma côr rôxa. As palpebras estavam cerradas, mas conservavam uma ligeira fenda, deixando ver a sclerotica, como acontece a algumas creanças quando dormem.

Porém os que a queriam segurar não podiam. Ella dava-lhes fortes repellões, firmando-se nos calcanhares, distendendo energicamente certos musculos e levantando-se n'uma curva, como se fôra uma serpente enfurecida.

E pouco depois, relaxando momentaneamente os musculos lombares, retesava os dos braços e pernas, para se levantar hirta, phantastica, cadaverica e deixava-se cahir, como morta, nos caridosos braços da fidalga que a recebia com orgulho.

Durante estes momentos tempestuosos tinha uma respiração forte; e repetindo os gritos sibilantes, pronunciava tambem distinctamente os nomes de *Santa Theresa*, de *Jesus*, — e dizia: — *Senhor padre Antonio acuda-me.*

No fim de alguns minutos socegou, rompendo n'um choro suspiroso, comprimido, com soluços e muitas lagrimas.

Quando lhe voltou o conhecimento completo, olhou serenamente para as pessoas que a cercavam, distrahida, *sem comprehender*. Mas de repente vendo-se descomposta, quasi despida, encolheu-se instinctivamente, continuou n'um chôro voluntario, occultando o rosto nas mãos.

Depois quizeram leval-a d'alli para fóra, aconselha-

vam-lhe amoravelmente que era excellente tomar um pouco de ar fresco. Porém Rosaria não quiz, pediu que a deixassem e perguntava quem a tinha despido. Todos lhe prodigalisavam as melhores palavras, lhe desejavam ser agradaveis, dizendo cousas tenues, de uma grande affabilidade.

Na opinião de toda a gente, o demonio tinha entrado em Rosaria do Monte.

O padre Antonio tambem assim pensava e depois de terminada esta revolução organica, conservou-se alguns minutos concentrado, recolhido, com os olhos fechados, como homem que se recorda, que coordena as suas idéas. Levantou em seguida a cabeça, olhou vagamente primeiro e depois, voltando-se para o altar mór, teve umas expressões faciaes, que indicavam admiração absoluta.

Por fim deu um geito aos braços, puxou as mangas da batina, deixando vêr os punhos, humedeceu os beiços com a lingua, deu um movimento ao tronco inclinando-o para deante, circumvagou novamente com socego a vista pela multidão, terminando pela fixar no altar-mór, e principiou a fallar d'um modo calmante, com voz persuasiva e gesto moderado.

A proposito do que todos acabavam de presenciar, narrou alguns factos da vida de Maria Moerl, seguindo a narração do padre Capistam. O demonio atormentou muito esta santa: lançava-a abaixo da cama, atirava-a contra as paredes, dava-lhe murros. Tanto de noute, como de dia, quando ella estava em oração ap-

aguas com ligeiras ondulações caprichosas. Sentia-se o som monotono d'uma pesqueira proxima. Um mocho principiou a chorar ao longe, lançando, os seus pios avulsos, n'aquella escuridade.

Não sei quaes eram os pensamentos de Thomaz do Monte, quando se encostou ao tronco d'uma cerdeira a olhar para o rio. O homem chorava com soluços e ia limpando as lagrimas ao canhão da sua vestia de saragoça. Depois deu-lhe vontade de se assoar, expremeu o nariz entre os dedos que limpou ás calças. Afinal fez um gesto com o punho fechado e disse voltado para as aguas murmurantes:

— Diabos me levem se eu lá não vou ámanhã. A filha é minha, não é de mais ninguem.

E foi para casa, n'um passo hesitante, cheio de contradições.

IV

No dia seguinte de manhã, disseram ao Thomaz do Monte, que Rosaria ia para Braga com os missionarios! Esta noticia insultou-o; sentiu um suffocamento, esteve para cahir no chão. O proposito, em que ficára no dia antecedente, de ir a Refuinho reclamar a filha, firmou-se definitivamente na sua alma rude.

O Cerqueira, homem franco e resolvido, que costumava chamar ás cousas pelo seu nome, que embirrava com padres, e com tudo que lhe cheirasse a maroteiras e patifarias, ouvindo egualmente dizer, que os missionarios *levavam Rosaria para um convento,* teve um forte accesso de colera e, esquecendo velhos odios, foi-se encontrar com Thomaz *para ver como aquillo havia de ser.* Deu com o lavrador a sahir de casa: levava a jaqueta ao hombro e um pau de carvalho na mão; tinha vestida a sua camisa lavada, de altos colleirinhos solemnes, tomara o melhor chapeo,

e calçara as botas de canos. Reconhecia-se que ia para fóra, que levava uma resolução — talvez um impeto de vingança!...

O *brazileiro* Cerqueira era cunhado de Thomaz; porém havia muitos annos que se não fallavam, por causa de umas vaidades do capitalista. O lavrador, com o seu orgulho plebeu, tinha resolvido n'essa occasião, *nunca mais lhe fallar*.

— Se tem muito, que se levante de noute para o comer — dizia elle com voz orgulhosa, despresando as riquezas.

Por isso, devia ser grande o seu espanto, vendo vir para elle o cunhado, altivo e com o rosto vermelhó, para dizer rapidamente, com desembaraço:

— Eu já cá vinha. Uma pouca vergonha d'estas, uma maroteira, que só mettendo-lhes esse carvalho. Quero ver, quero ver como isto fica!

Thomaz comprehendeu-o intuitivamente, como homem impressionado pela mesma ideia e disse:

— P'ra lá vou. Ainda os diabos me levem se não faço uma. Irei por uma barra fóra; (e apontava para o horisonte) mas faço uma!

— Barra fóra! Barra fóra o que?! Uns *malandros*. Faça lá sciente a elles que você tem dinheiro. Acaba-se ahi o mundo, digo-lhe eu.

E apopletico de instinctos generosos, mostrava a magnifica resolução de questionar, de fazer despezas, de vingar um ultrage! Depois metteu um dedo entre o pescoço e o colleirinho; porque se sentia esganado e deitou pela boca um fumo branco de colera.

O velho, assim aguerrido, instigado por esta atti-

tude resoluta de seu cunhado, pegou no pau por uma extremidade affirmando:

— É com este que elles se ensinam. É só vir a casa da gente e levar uma filha?! Estamos n'esta *mourama*?!

O Cerqueira que era fortemente sanguineo insistiu:

— É hoje mesmo aqui com ella. Vá indo que lá appareço. Sempre quero ver! Não falle sem mim; espere para chegarmos ambos. Entende você?

— Entendo, entendo. Eu cá vou.

O Cerqueira, depois de andar uns trinta passos em direcção de sua casa, voltou-se para repetir ao Thomaz que já ia no caminho de Refuinho.

— Olhe que é uma grande pouca vergonha! Mas não ha de ir assim, digo-lh'o eu.

Estes dous homens, incendiados por uma forte raiva, tinham um aspecto aggressivo e nobre. Como foram separadamente, faziam paragens repetidas, fallando comsigo mesmo e, voltando-se para os muros, gesticulavam vagamente. Colligiam os excellentes motivos com que reclamariam Rosaria; queriam ter, no momento de fallar, as palavras energicas, as fortes rasões indiscutiveis, para vencerem n'um momento, logo ao chegar. Sentiam-se, penetrados de justiça, de convicção e iam resolvidos a *jogar as ultimas*, a empregar os meios violentos.

Juntaram-se perto na egreja, antes de chegarem a Refuinho. Em frente do velho palacio de paredes musgosas, o Cerqueira disse ao cunhado:

— Agora é ficar callado, se lhe parece. Diga-lhes tudo. Eu cá estou.

A uma das janellas, que estava aberta, via-se, de costas voltadas para o quinteiro, a corpulencia abundante de fr. Anselmo, que fallava para dentro. Tinha um barretinho de retroz, e, o seu cachaço vermelho e saudavel, destacava-se acima da golla do capote. Ainda se viam outras carapuças, aproximando-se e afastando-se de fr. Anselmo. — Sentia-se um ruido de polemica.

— Corja! Ah bom marmello! Você falle-lhes rijo, ouviu? — relembrava o capitalista.

E o Thomaz, apontou dramaticamente para a terra, asseverando cheio de indignação:

— Ainda eu vá p'rás profundas do inferno, se lhes não disser tudo!

E principiaram a subir as escadas do pateo, quando appareceu, casualmente, á janella, o rosto insignificante do abbade da freguezia que veio cuspir sobre o quinteiro.

Os dois disseram unissonamente!

— Ó senhor abbade. A senhora fidalga?

O ecclesiastico teve uma pallidez rapida e, voltando-se para dentro, disse cheio de terror:

— Com mil e seis centos demonios! Temol-as. Ahi está o pae e o tio...

E depois respondeu para fora, aos que o tinham interrogado:

— Está, está. Subam que eu digo.

Retirou-se da janella e no meio da sala, com as pernas escachadas, as mãos debaixo dos braços e o forro

da batina á mostra, volta-se em toda a figura para os missionarios e para D. Maria que tinham tomado aspectos interrogativos:

— E agora? — pergunta.

Olharam-se irresolutamente, mudos, sem uma idéa! O abbade repetiu com semblante funebre:

— E' o pae e o tio dà rapariga!...

O padre Antonio, de meias pretas e chinelos d'ourelos, pergunta ingenuamente:

— Mas que dezejam esses homens?!

D. Maria, a velha fidalga, disse com modo resolvido:

— Deixem que lá vou. Em minha casa eu! (e batia com a mão no peito, orgulhosamente!) Ora essa!

E sahiu, quando o abbade certificava com voz mediocre:

— E então o tal tio, que é homem de mil demonios! Não deixa de trazer *um de seis tiros!* E de padres é que elle não gosta nem um bocado, nem tanto como isto!

E mostrava a extremidade d'um dedo.

Fr. Anselmo, sinceramente medroso, teve esta opinião que disse d'um modo urgente:

— O melhor é deixar-lhes ir p'ra ahi a rapariga.

Mas o confessor de Rosaria, pondo-se face a face com elle, diz-lhe indignado:

— Que diz o senhor?! Que está para ahi a dizer? Nem parece um missionario! Dar-lhes a rapariga para elles perderem?!

Mas fr. Anselmo, tomando uma expressão vulgar e fallando em voz discreta respondeu:

— Meu amiguinho, você falla bem! E' um rapaz novo; mas eu cá não estou para brincadeiras. Já dei, já dei.

E n'este momento, todos composeram o rosto d'um modo reservado e observador; porque entraram na sala os dous homens, precedendo D. Maria, que vinha atravessada por uma grande afflicção. Os ecclesiasticos, muito sérios, olharam uns para os outros, palpitando-se, e escarraram distrahidamente.

Fr. Anselmo aproveitou habilmente esta circumstancia para se encostar ao vão de uma janella, a distancia dos collegas, afastando-se como um estranho, como um indifferente. Principiou a olhar distrahido para umas gallinhas que esgaravatavam na terra do quinteiro.— Ellas tinham a liberdade invejavel de fugirem doidamente por aquelles campos! Como eram felizes as pobres gallinhas!... — considerava o ecclesiastico.

Fr. Thomaz, firme e resolvido, conservou-se no meio da sala, com o tronco inclinado para traz, com os pés para fóra e as mãos crusadas sobre os rins, arrotando n'um ar de provocação.

No semblante nervoso e contrahido, o padre Antonio mostrava-se disposto a questionar até á ultima, a provar que Rosaria pertencia á egreja, que o pae nada tinha com ella. O seu olhar era energico, audaz, penetrante. Tinha a mão esquerda n'um bolso e a outra entre o peito e a batina desabotoada.

A fidalga, continuava sem poder fallar, parecia que lhe apertavam o pescoço, não respirava bem.

O abbade, com um rosto prazenteiro, conciliador,

não dizia nada, olhando para o Cerqueira, bondosamente, como para um amigo.

Todos tinham uma grande oppressão cerebral, uma completa ausencia de idéas. Por fim o brazileiro disse bruscamente para o cunhado:

—Então?

Thomaz, com uma ligeira covardia, voltou-se para a fidalga:

—É que queremos a Rosaria...

Mas o Cerqueira achou-lhe uma moderação insoffrivel e por isso disse-lhe com ironia:

—Parece que tem medo!

E depois acrescentou, voltado para os missionarios, com altivez, rudemente:

—Este homem é o pae e eu sou o tio *d'essa pobre desgraçada*, que os senhores querem levar. Viémos cá, para que nol-a entreguem. Este é o caso.

Ninguem respondeu, ficaram cheios de difficuldades, em frente d'aquelle homem vermelho, que fallára com apparente serenidade, com uma voz clara e desempedida.

O pae de Rosaria, instigado por esta attitude, acrescentou ao que dissera o brazileiro:

—E é pôl-a já para aqui!

Foi então que Fr. Thomaz, olhou para a fidalga, que tinha os beiços seccos e exangues, dizendo n'uma voz offensiva:

—Se esta casa fosse minha...

O capitalista respondeu-lhe com arrogancia.

—Havia de a pôr para cá. Deixemo-nos de palavriados. Conheço muito mundo. É uma infeliz, que os

senhores querem tornar *mais desgraçada, ainda do que é.*

O padre Antonio, ferido intimamente pelo tom faceto e allusivo do capitalista, deu uns passos, interrogando-o com o rosto alto e olhar provocante:

— Desgraçada! Desgraçada quem?! Desgraça querem os senhores fazel-a, que são uns herejes, que não tem lei de Deus!

—Lérias, meu padre, lérias. O que você queria sei eu... Mas ha de encontrar. Eu lhe prometto que ha de encontrar.

— O que?! O senhor ameaça-me? Muito boas testemunhas. Os senhores ouviram? Sejam muito boas testemunhas.

E depois, sentindo que estava sendo covarde, voltou-se com intimativa, colericamente:

—Você não sabe com quem falla. Sim, não sabe com quem falla!

Fr. Thomaz, que estava no meio da sala, adianta-se e diz com gesto desdenhoso:

—Talvez o senhor cuide que está ahi a tractar com *alguem d'essa gente.* Engana-se, olhe que se engana, digo-lh'o eu.

E o abbade, com ar moderado, *porque devia duzentos mil réis ao Cerqueira,* interveio:

— Ora meu amigo e senhor, isso não são termos. As cousas fazem-se por bem. Esses não são os termos.

Fr. Anselmo, que não tinha animo para estas cousas violentas, repetiu do vão da janella:

—Não são os termos realmente, não senhor. As cousas por bem pódem arranjar-se; mas esses não são termos.

E o brazileiro, que concentrára mais o seu odio, volta-se para o velho lavrador de cabellos brancos, dizendo:

—Você a que vem aqui homem?!

Ao que elle respondeu firmemente, batendo no soalho uma sonora pancada, com o seu pau de carvalho:

—Quero que me deem minha filha e arrumou.

D. Maria sentindo-se com mais animo responde-lhe:

—Tua filha, se ella quizer ir. Ella já não é tua filha. *Tem muito melhor pae.*

E apontou para o céo, acompanhando-se d'um suspiro magoado, e acrescentou:

—Assim eu estivesse como ella.

Então o cunhado de Thomaz disse accentuadamente:

—V. Ex.ª tem em sua casa uma rapariga contra vontade do pae. É o caso. Se não fôr por geito vae por força. Temos a lei. Aqui, ainda ha de haver justiça. Ora ahi tem. Não olho a despesas.

O padre Antonio, o pallido missionario, cresce para o Cerqueira, com uma voz alta, nervosa, e d'uma triste commiseração:

—Ó homem de Deus! Você, sem o saber, é um instrumento do demonio. É uma alma que tira das mãos de Deus para as de Satanaz.

O brazileiro responde escarnecedor e sublinhando:

—Talvez me queira fazer uma missão. Isso não é para mim, que os tenho abertos (e arregalava um olho). A esse povo, ainda vocês poderão enganar; mas para mim *vem de carrinho.*

—Isso é injuria! Isso é injuria de mais. Então nós andamos a enganar alguem, seu pedaço...— cresce

para elle fr. Thomaz, com a sua enorme rotundidade.

N'esse momento a fidalga, com uma amarellidão de raiva, volta-se para o tio de Rosaria dizendo:

— O senhor sabe onde está?! Parece que é dentro das paredes de Refuinho! Se meu irmão ainda fosse vivo... Ai que a falta d'um homem n'uma casa!...

E suspirou dolorosamente.

O capitalista responde com accênto pausado e burguez:

— Se seu irmão fosse vivo, não consentia uma pouca vergonha d'estas em casa.

E depois com um gesto de enfado acrescenta:

— Mas deixemo-nos de contos. Venha para cá *ella* e está tudo acabado.

O padre Antonio, dando duas passadas theatraes, diz auctoritariamente, gesticulando com largueza:

— A rapariga não sae d'aqui.

— Não sae d'aqui!? — pergunta o Cerqueira indignado. Não sae d'aqui!? Se fosse em outra parte, você havia de engulil-a seu pedaço de maroto... seu pedaço de maroto. E os cabos de policia que estão alli fóra ás minhas ordens?!

Houve um silencio momentaneo e embrutecedor. Só fr. Anselmo, o medroso, é que teve coragem para dizer:

— Homem isso não vae assim. Por bem tudo se arranja. Nós não a levamos. Ella, aqui, está n'uma casa santa.

Estas palavras foram cortadas por uns gritos penetrantes, rapidos e agudos. Sentiram-se muitas vozes e um tropel na sala immediata. Todos correram para lá. Era Rosaria que estava com *a repetição do ataque.*

Entraram na casa de jantar.

A mesa de antigo castanho, via-se no comprimento da sala. Havia cadeiras de espaldar alto, solemnemente encostadas as paredes. Um historico relogio de latão, encimado por um risonho satyro, estava á direita, sobre uma caixa de carvalho com molduras. O pendulo, passava isochronamente, com uma monotonia impertinente, deante de uma abertura circular, produzindo duvidosos reflexos metalicos.

Da sala de visitas, onde os ecclesiasticos estavam, havia uma porta para a de jantar. Encontrava-se ordinariamente fechada e fôra d'alli, pelo buraco da fechadura, que Rosaria escutára, prolongadamente, o debate apaixonado, com o ouvido á escuta e o coração pulsando-lhe fortemente contra o magro peito. As criadas, juntas no corredor, riam muito, n'uma agglomeração de troça, fazendo-lhe acênos escarnecedores e de pirraça.

Ellas detestavam a *beata* por disfructar, em Refuinho, distincções e carinhos excepcionaes da parte da fidalga. Chamavam-lhe a *mosquinha morta*, a *lambisgoia*, a *calaceira;* diziam que tudo aquillo era para não trabalhar. No entender d'ellas, não era mais *santa* que as outras — o que a confessada do padre Antonio tinha, era muita *somma de mánha*.

Ás vezes diziam-lhe estas cousas na cara, sem delicadesas, sem condescendencias; mas n'um tom surdo e manhoso, para D. Maria não ouvir. A offendida não se queixava, entendia que aquillo entrava no numero dos seus martyrios, das afflicções purificadoras que lhe eram mandadas directamente por Deus. Em certos mo-

mentos, até sentia uma satisfação indefinida, um gozo interior; porque taes factos lhe provavam: *que o Todo Poderoso se não esquecera d'ella.*

Porém n'estas circumstancias especiaes, quando ali proximo se debatiam rijamente, colericamente, sentimentos que lhe passavam o coração, como finas agulhas, os gestos sarcasticos das criadas, que escutavam accumuladas no corredor, foram-lhe immensamente penosos. Quando ella espreitava para o interior da sala de visitas, via a figura atarracada de fr. Thomaz, silencioso e vermelho; ou, então, passava-lhe em frente, desembaraçado e cheio de justiça, com muitos gestos e um semblante pallido, o padre Antonio, o seu confessor, o seu amigo, a quem devia a felicidade incomparavel de antever n'este mundo, a eternidade de gozos infinitos, a bemaventurança que só pertence aos eleitos. Elle estava-lhe defendendo a santidade, pugnava para que lhe não tirassem a sua futura corôa de escolhida.

Por isso, no momento em que seu tio, o capitalista Cerqueira, ameaçava os missionarios com os cabos de policia, que Rosaria acreditou estarem alli fóra, para a levarem violentamente, com as suas mãos grossas de cavadores, ella, sentiu-se novamente atacada e caíu, dando gritos nervosos d'uma grande afflicção, no momento em que as creadas com os seus galhofeiros risos dilatados, lhe faziam mimicas insultantes.

Depois é que todos correram apressadamente, n'uma grande confusão, penetrando-se do inesperado e violento d'este quadro, em que uma rapariga nova se feria raivosamente contra as cadeiras, contra as pernas

da mesa, contra o soalho, como se estivesse possuida do velho demonio das lendas.

E o abbade, com o seu rosto secco, alterado e cheio de covardia, disse para o Cerqueira, com toda a timidez de um devedor:

— Vê?! Ora ahi tem!

E instinctivamente ajoelhou-se no chão, agarrando n'um braço de Rosaria, em quanto o velho Thomaz n'uma atrapalhação louca, desorientado, como um homem no meio de um incendio, corria pela sala, levantando os braços para todos, gesticulando a pedir *que lhe dessem alguma cousa!*

D. Maria com o seu rosto contrahido pela vingança, quasi gostando *d'esta revelação da Divindade,* applaudindo *este castigo celeste,* dizia accintosamente para o brazileiro:

— Deus não dorme! E' o que o senhor cá veio fazer!... Até hade sentir remorsos digo-lho eu! Sempre é não ter consciencia... Espere-lhe a volta — concluia propheticamente com um acêno de cabeça, ameaçando-o.

O pae de Rosaria, com o rosto cheio de lagrimas, puxava pelos seus cabellos brancos e dizia com expressão lacrimosa, repassada de angustias: — *meu Deus! meu Deus!*

E o padre Antonio, com um gesto desdenhoso e um riso que despresava, disse de relance, vagamente, para o capitalista, apontando triumphantemente para a sobrinha que se contorcia nos braços das creadas, dando gritos selvagens:

— Os castigos do ceo! São os castigos do ceo. Não

que não querem crer que ha um Deus, que nos ha de julgar...— ameaçava indirectamente.

Ao que e ex-commerciante, respondeu com um franzir de beiços e uns acênos de cabeça dubitativos; por que na verdade, elle teve a idéa exquisita de julgar aquillo *um ataque fingido*, alguma artimanha de mulher, que no seu conceito *eram todas o vivo demonio*.

No entretanto, o estado de Rosaria era d'um grande apparato. Ella tinha violentas contracções, que não podiam ser dominadas pela força das creadas, nem pelos ecclesiasticos que tambem a desejavam segurar. Fr. Thomaz, que se julgava homem de pulso, querendo deitar-lhe a mão, soffreu um desaire, indo de encontro, com a sua grande rotundidade, a uma cadeira providencial, que obstou discretamente, a que elle encontrasse repouso no soalho.

Fr. Anselmo, affligia-se com todos os quadros turbulentos e afflictivos; teve a serenidade especial dos medrosos no meio do perigo e lembrou-se de pedir um copo d'agua para Rosaria; — esta idéa teve, como as idéas excellentes e salvadoras, uma acclamação ruidosa, geral e todos pediam *um copo d'agua*.

Mas as convulsões continuavam e uma criada trouxe o copo de lata da cosinha, do qual D. Maria, cheia de tremura, tirava *manadas d'agua*, com que espargia o rosto livido e os labios roxos da padecente. Quizeram fazel-a beber, segundo uma indicação de fr. Anselmo, mas não poderam; porque tinha os dentes tetanicamente cerrados e molharam-lhe o seio.

Fr. Thomaz dizia para o brazileiro, com o rosto afogueado:

— Ora o senhor! Sempre o senhor!

Fr. Anselmo repetia:

— Sim, o senhor é que teve a culpa d'isto. Bem podia... Bem podia...— e assoava-se com grande ruido.

Mas o capitalista, ainda que subjugado, mostrava altivez, tornando-lhes, um tanto incredulo, com riso de superioridade:

— Ora historias, historias... Bem me fio. Não me fio...

Rosaria, depois de muitos gritos rapidos e de pronunciar em voz distincta: *Santa Thereza, Nosso Senhor* e *senhor padre Antonio accuda-me;* cahiu n'uma resolução muscular, n'um grande desleixo organico e terminou por um chôro surdo e lacrimoso, occultando o rosto.

Foi então que o confessor (que lhe ia dizendo palavras suaves de *minha filha, filha de Deus... deixa estar...*) se voltou vingativo e foi direito ao Cerqueira, para dizer com voz convulsa, ameaçadora:

— Olhe que tem de dar contas a Deus de tudo isto. Veja se se lembra, quando se ajoelhar aos pés do confessor!

O capitalista teve um riso de escarneo, levantando salientemente um canto da boca, abanando a cabeça e dizia moderadamente, para si:

— O que tu querias sei eu, grandissimo patife!

E ficou-se rindo com desdem.

Porém o missionario, sem o ouvir, foi para a janella limpando o copioso suor da testa a um lenço de paninho vermelho. Mas n'esta passagem, ao virar-se, um dos seus ourelos, escapou-se-lhe e elle ficou des-

calço, fazendo *xinquelapé*, com a perna dobrada sobre a côxa, e procurando geito de metter a meia preta no seu chinelo que estava a distancia. Porem o abbade, vendo isto, approximou-lhe o ourello e o missionario calçando-se, dizia attenciosamente:

— Oh abbade! obrigado, muito obrigado!...

D. Maria, mandando levar Rosaria em braços para a cama, ameaçou rancorosamente o brazileiro:

— Deixe que a sua religião!... Mas Deus não dorme.

E passando pelo velho Thomaz, que estava hirto, petreficado, n'uma insensibilidade bestial, agrediu-o com uma auctoridade forte e resoluta:

— Vê se te arrependes condemnado! Estás nas profundas do inferno!

E acompanhou Rosaria até á cama.

Na casa de jantar ficaram os padres, o brazileiro e o cunhado. Fr. Anselmo, com o seu instincto de se pôr fóra das polemicas violentas, foi-se encostar ao peitoril da janella, olhando certeiramente uns patos que bebiam agua, voltando para o ar o seu bico chato, aberto em tenaz. Ficou com as costas para o interior da sala, no comprimento da qual, parallelamente á mesa, passeava agitado o padre Antonio, murmurando palavras que os outros não percebiam bem.

N'esse momento, o abbade que desejava muito a conciliação, cortou o silencio compromettedor, dirigindo-se ao Cerqueira que franziu as sobrancelhas:

— Ora a historia. Ora a historia. Mas quem é que lhe metteu essa, meu caro amigo!

Fr. Anselmo concluiu do vão da janella:

— Sim quem lh'a metteu? Nós não levamos a rapariga.

O padre Antonio parou de repente, com um rosto reprehensivo e apostrophou, cheio de energia:

— E que levassemos?! Sim e que levassemos?! Que tem os senhores com isso?! Ella não é maior? Não fez vinte e um?!

E ficou olhando penetrantemente, altivamente o brazileiro que desconcertado com estas palavras, inclinou o corpo para diante, estendeu o braço d'um modo rapido e ameaçador, affirmando com uma voz de homem perdido e com os olhos muito abertos:

— Mas é que então ha outros meios, entende o senhor? Tenho muitos meios. A polvora e a balla... Entende o senhor isto?

E tomando um modo mais sereno e fixo acrescentou com a mão no bolso das calças:

— Entende perfeitamente. Sim estou certo, que entende perfeitamente.

O abbade entremetteu-se como verdadeiro elemento pacifico, dizendo com um semblante moderado, concordante, pondo a mão no hombro do capitalista:

— Ora venha cá o amigo e senhor. Quem é que lhe disse que a rapariga sahia d'aqui?

— Dil-o todo mundo. E' ir por ahi perguntar. E' uma pouca vergonha. O que mereciam é que lhes mettessem um pau.

— Não é assim amigo. Não se fazem assim as cousas, meu caro sr. Cerqueira. Sua sobrinha não vae tal, e está aqui como se fôra filha da casa. Honra seja á senhora fidalga.

E o Thomaz, que recobrára energia com a attitude presistente do cunhado, interveiu:

— Pois ficamos muito *agardecidos*, muito *brigados*, mas quero levar a minha filha, que me faz falta.

E o abbade que tomára definitivamente o papel de mediador disse:

— Ora venha cá o senhor Thomaz, entre na *resão* homem. Como ha de levar a rapariga estando ella assim doente?! Sim os senhores bem entendem as cousas.

— *Graces* a Deus, lá ainda ha com que se tractar — responde orgulhosamente o lavrador.

— Ninguem diz menos d'isso, homem de Deus.

— Pois está arrumado. Venha ella que eu gasto os ulitimos cinco réis para a tractar.

— E eu a dizer comsigo e você a não querer ouvir — continuava o abbade attenciosamente. Ora venha cá o sr. Cerqueira que é pessoa civilizada, que entende as cousas. Hoje como ella está não a podem levar, venham cá outro dia.

Os missionarios conservaram-se n'uma attitude reservada. O padre Antonio tinha sahido da sala.

O capitalista, cedendo n'este ponto moderou-se, dizendo para o abbade:

— Pois muito bem. O senhor responde por isso? Ella não vae?

— Não vae amigo, póde estar certo — acrescenta com um riso feliz.

Fr. Anselmo, disse do vão da janella, respirando melhor:

— Não vae. Póde ir descançado.

— Pois então — concluiu o Cerqueira — vamos lá

vel-a. Se ella quizer ir hoje, é porque vae. Se não, vem-se cá outro dia, ámanhã, por exemplo, traz-se o carro de bois com uma cama e toca por ahi abaixo que não é longe.

E acompanhados do abbade, foram á cama de Rosaria, tendo, em primeiro logar, o brazileiro mandado, cortezmente, pedir licença á fidalga.

Quando sahiam entrava novamente na sala o padre Antonio. Elle não assistira á promessa do abbade, mas quando lh'a communicaram pensou desde logo em lhe obstar, pelo imperio que exercia no espirito da sua confessada. E recorda aos companheiros todo indignado:

— E este maroto diz que embirra com os padres!

Fr. Anselmo acrescenta:

— E não tem bom focinho, não me agrada, nem cousa nenhuma.

Fr. Thomaz, tem esta opinião repassada de ironias.

— Aquillo é algum d'estes que enriquece em negocio de pretos.

— Seja o que for — diz o missionário mais novo — seja o que for, que me não puche. Ora queira Deus... — ameaça.

O receioso fr. Anselmo, vem para o collega, dizendo com muita confiança:

— Homem você tambem é exagerado, lá isso é. Nós fazemos a obrigação prégando as cousas. Quem quer, quer, quem não quer, vae para o inferno. E ahi está, — rematava.

O padre Antonio, com um ar revoltoso, de muita raiva, poem-se diante de fr. Anselmo apostrophando-o:

— Mas quem é que não quer?! Quem é que não quer? Diga. Elles? Elles governam?! Ella já fez vinte e um annos. Já fez vinte e um; se ella quizer ir para Braga, ha de ir digo-lhe eu, meu caro amigo. Olhe que lh'o digo eu (e batia sonoras pancadas no peito.) Ha muito lá onde a ter. Isto póde ser um grande exemplo para outros peccadores.

E o padre Antonio estava inflammado; os seus olhos tinham um brilho audacioso, as palavras eram convulsivas; um ligeiro rubor nas proeminencias malares, fazia sobresahir a magra pallidez do seu rosto, dando-lhe o tom magnifico d'um homem *inspirado* que sente uma grande fervura no craneo.

Fr. Anselmo volveu-lhe com um excellente modo incredulo:

— Pois sim, sim meu amiguinho. Eu louvo o seu zelo, lá isso louvo... mas se *a levamos* principiam por ahi a dizer cobras e lagartos... que tal sim senhor... que sei eu!... *et cetera*...

E voltando-se para fr. Thomaz, que estava muito sério, com um rosto pouco expressivo interroga-o:

— Que digo ó collega? Que digo eu? Não hão de dizer que nós levamos a rapariga para *alguma cousa?*

E tornando-se a dirigir ao padre Antonio, com uma voz meliflua, de quem deseja captivar pela expressão, acrescenta:

— Porque eu cá estou velho; mas você é um rapaz. E' preciso entender as cousas. Você, padre Antonio (olha com rosto desconfiado para a porta) é um rapaz

novo e por ahi hão de levantar *muita mentira*. Olhe que temos muito quem embirre com a classe.

O novo missionario, muito pallido, metteu as mãos nos bolsos, repuchando as calças e escachando as pernas, e atacou frente a frente, esta opinião, que podia ser a de muita gente:

— E então?! E então?! Que tem isso?!

— Pois bem, homem, eu bem sei que não é uma cousa do outro mundo! Mas parece mal...

Fr. Thomaz intervem, sem se mover do logar onde estava:

— Isso não lh'o acreditam fr. Anselmo, não lh'o acreditam; principalmente com o padre Antonio. Olhe que lho digo eu; se fosse você era mais facil, muito mais facil acreditarem-no.

O velho missionario rio d'um modo grotesco e sensual; depois disse com um rosto expansivo:

— Não digo menos d'isso; mas é bom evitar. E o tal traste do brazileiro não tem bôa cara! Vocês viram. Aquillo, é capaz de pregar um tiro n'um homem — rematava inclinando o tronco para diante.

O padre Antonio deu uma gargalhada sarcastica, que impressionou os collegas, que nunca lhe tinham ouvido outra.

— Você ri-se?! — pergunta o medroso fr. Anselmo. Ri-se?! Pois não lhe quero estar na pelle. E' uma gente damnada, sem consciencia; uns maçonicos que o podem matar, mesmo quando você está na cama, a dormir. Olhe que tenho ouvido muita cousa.

— Não ha medo fr. Anselmo — responde serenamente. Um homem é sempre para outro homem.

— Isso será você que é novo. Eu cá, confesso-o, não sou; não quero inquietar a minha alma.

Fr. Thomaz, diz-lhe n'um epigramma sentencioso, rindo-se seccamente, com um riso guttural:

— Você, o que não quer, é que lhe inquietem o corpo.

E com um tom de jactancia farçola, acrescenta dando uma vira-volta:

— O homem não ha de ser tão mau, como você diz...

Fr. Anselmo cresce animadamente para o collega:

—Não ouviu o abbade?! Olhe que elle conhece-o bem. O homem não tem bôa cara. Aquella cara não me agrada.

Os dois missionarios riram dilatadamente, d'um modo escarnecedor, chasqueando fr. Anselmo, pelos seus mêdos pueris.

Dizia fr. Thomaz:

— Compre um cão. Compre um cão homem.

E elle respondeu-lhe com alguma colera:

— Pois ainda hão de encontrar. Deixem que vocês, ainda hão de encontrar o seu homem.

N'este momento entrou D. Maria, dizendo *que se tinham ido embora*, com tenção de voltarem no dia seguinte, com uma cama n'um carro para levarem Rosaria; mas que ella não queria ir.

— E não vae. — disse resolutamente o padre Antonio.

Fr. Anselmo, distanciando-se, foi monologando desgostosamente: .

— Pois temol-as. Temol-as armadas!

E dirigindo-se á janella, ficou com o busto illuminado pela muita luz que vinha de fóra.

O padre Antonio, com o seu olhar apaixonado e vio-

lento passeava freneticamente na sala. Não era aquelle missionario, que apreciavam nos momentos de serenidade convencional, quando *passava* concentrado, mettido em si, n'uma sublime reserva. Era o homem, o temperamento, a paixão.

Fr. Thomaz, recostado n'uma cadeira, com a cabeça inclinada para traz, as pernas estendidas e os pés a prumo, tinha momentaneas gargalhadas de basofia.

A fidalga dava ais sentidos, e o abbade, no meio d'este silencio, escarrava e tossia alto.

TERCEIRA PARTE

I

No dia seguinte, de manhã cedo, ainda com escuridade, os missionarios partiram acompanhados do parocho. A prudencia de evitarem um escandalo, aconselhou-os a deixarem Rosaria em Refuinho.

Como sairam de noute, fr. Anselmo ia receioso, preoccupado, sempre vigilante, com a cabeça inquieta, olhando para os lados. O abbade e fr. Thomaz riam-se d'elle, chasqueavam-no, diziam-lhe,—quando viam ao longe algum penedo, ou alguma arvore destacando-se —*lá está o homem;* aconselhavam-no a rezar a *contrição;* faziam *pum* com a boca, fingindo tiros. O gordo ecclesiastico suava, ageitava-se no selim, resmungando palavras desgostosas, respondendo-lhes com ironia forçada, dizendo que tinham muita *chalaça* e chamou-lhes *bobos*. Elles riam-se mais, com fingidas gargalhadas de magica, apupando fr. Anselmo e repetindo *pum! pum!...*

O padre Antonio ia atraz, n'uma concentrada preoccupação, cheio de vingança contra o brazileiro, ran-

gendo os dentes e gesticulando silenciosamente. O abbade e fr. Thomaz desejavam distrail-o.

— Homem não pense n'isso — berrava-lhe de longe, o abbade n'um tom cordeal.

Mas o novo missionario não respondia. Fr. Thomaz, de cima da egua, voltava-se para elle; torcendo o tronco e firmando-se com a mão direita na anca, chamava-o:

— Homem! toque para *diente*. Venha ver o nosso fr. Anselmo que vae meio morto.

E, como o padre Antonio ainda não respondia, esperaram-no. Fr. Thomaz disse-lhe:

— Eu não fazia esse conceito de si! Palavrinha que o julgava outro!

— Que quer? — responde fatigado.

— Ai! elle é isso?! Deixe estar que voce cá chegará *á minha*.

E o padre Antonio disse n'uma voz rancorosa e n'um tom profundo:

— Pedaço de tratante! Senão fosse o respeito... — nem eu sei porque!... — eu te ensinaria.

O abbade quil-o distrahir:

— Deixe lá o homem. Demais você recommendou... Deixe que a não levam *tam facil*...

E continuaram a troçar fr. Anselmo, querendo involver n'isto o padre Antonio, mas como o não conseguiam, affirmavam-lhe com frequencia:

— Não a levam, homem. Você recommendou!...

Na realidade, o confessor de Rosaria, tinha passado, parte da noute da despedida, fortificando-a para a re-

sistencia aos desejos dos seus, que porfiavam em a levar á vida trivial, á vida dos peccados communs. A conselhou, impoz, arreigou, fallando em tudo que podia acontecer, formulando hypotheses com lucidez. Disse-lhe que lhes pedisse primeiro para ficar ali, que chorasse muito e que por fim *dissesse que não*. E acrescentou:

— Olha filha, para serviço do Senhor nada é peccado. Se elles teimarem finge um ataque. Finge até muitos ataques. Elles, vendo-te n'esse estado, deixam-te.

Rosaria estava n'uma cadeira, sentada junto do padre Antonio, olhando tristemente para o chão e passando com a unha a bainha do avental.

Elle dizia-lhe estas cousas, n'uma conversa intima, com a sua boca perto do ouvido da confessada, de modo que, ella sentia-lhe o seu halito tepido, como quando estavam no confissionario. D. Maria, que andava toda alterada pelos acontecimentos d'esse dia e pela proxima despedida dos missionarios, vinha de vez em quando, sentar-se junto do padre Antonio, perguntando sempre com uma voz arrastada:

— Mas não ha de ser por muito, não, senhor padre Antonio?

— O menos possivel. Desejo voltar breve. Por vontade nem ia agora. Mas... ordens, ordens, minha senhora.

— Pois a Senhora Santa Rosa permitta que volte brevemente. Todos nós bem precisamos.

Rosaria tinha um chôro opprimido e suffocado, e limpava-se ao avental. O missionario consolava-a dizendo-lhe affectuosamente:

— Eu já fiz cá uma recommendação ao abbade. Elle é bom, é bom. Tu confessas-te a elle, que é o mesmo que ser a mim.

Ella responde por entre lagrimas, com timidez:

— Ora... faz muita differença! Já estava affeita, não sei que é.

E continuava a chorar mais alto, com uma respiração forte, anciosa, suspirada. Ás vezes tirava do fundo do peito uns *ais* sentidos, lastimosos e levantava-se da cadeira para ir á janella, porque sentia uma forte estrangulação.

E com a cabeça encostada á mão, absorvia-se, na profundidade da noute immensa, com a sua vista humida. Depois vinham-na tirar d'ali, despreoccupal-a, dar-lhe consolações, desfazer-lhe aquella tristeza, com palavras bondosas, que lhe augmentavam o chôro.

N'um momento porém a afflicção que a fez levantar era maior. — Conheceu necessidade urgente de muito ar fresco e, quando ia para a janella, sentiu subir pelo peito acima *uma cousa* que a obrigou a encostar, instinctivamente, a cabeça á parede para não cair. Veiolhe depois uma ancia pronunciada que só terminou, quando lhe sahiram pela boca fóra, lufadas de sangue, por tres vezes.

N'essa occasião o missionario estava na sala, sosinho com ella, dando-lhe os seus conselhos, n'uma intimidade de conversa. Sobre a mesa ardia um candieiro amarello de tres bicos. A luz reflectia-se no metal polido dando brilhos inconstantes; porque a chamma se movia incongruentemente. Havia uma escuridade discreta, macia, penetrada de sentimentabili-

dade. O padre Antonio assustou-se e chamou alto, com uma voz espantada e afflicta.

Vieram D. Maria e as sobrinhas, precipitadamente, com o melhor ar de pessoas que tivessem visto o lobo, ou corressem para evitar uma desgraça desconhecida. Rosaria mostrou uma grande serenidade n'este lance e dizia, com o rosto innundado d'uma alegria suave e bondosa, que não era nada, que não fizessem caso, que com aquillo até se sentia melhor, mais alliviada. E n'uma palavra facil e com o semblante risonho da pessoa que vê consolações na morte, contava como já tinha tido aquillo mais vezes e que lhe passava.

Porém o Thomaz do Monte e o brazileiro Cerqueira, vieram logo na manhã seguinte, ás nove horas, quando os missionarios já tinham partido, com um carro de bois, onde traziam uma cama feita de lençóes lavados. Para livrar do sol, tinham armado um toldo, tambem de lençóes. O carro, puchado por uma bôa junta, entrou para o quinteiro e ficou vigiado por um rapazito. O tio e o pae de Rosaria subiram as escadas de pedra.

Logo á entrada, souberam da boca da propria fidalga, que a rapariga estava muito doente e não podia ir, ainda que quizesse. O velho respondeu com firmeza moderada:

—Ir ali, é o mesmo que estar na cama. A casa é perto.

O Cerqueira acrescentou, ouvindo dizer que Rosaria deitára sangue pela boca:

—Ah! isso já ella teve mais vezes.

E interiormente concluiu:

«— Corja de beatas! Cuidam que me enganam! O que vós merecieis é com um vergalho.»

E quando já estavam no quarto de Rosaria (um quarto pequeno, pouco illuminado, lugubre) o Cerqueira disse ao cunhado, com a intenção reservada d'um homem vingativo, d'um perverso filho d'estas delicadezas modernas:

— Deve agradecer á senhora, por lhe tractar tão bem sua filha.

D. Maria cortou rapidamente, n'uma voz tremula:

— O que lhe eu quero, é a salvação da sua alma!

— Isso depois de tractar da saude — acrescentou com mordacidade o ex-commerciante.

Rosaria estava na cama, não se tinha levantado n'essa manhã. O seu corpo, immovel e com a cabeça coberta, tinha o volume d'um cadaver. O Cerqueira disse-lhe n'uma voz clara, que a vinham buscar para voltar a casa. Acrescentou que ali fóra estava um carro com uma cama, para ella ir commodamente. Porém a confessada do padre Antonio oppoz resistencia, primeiro com desculpas, dizendo que estava muito doente, que não podia; depois, como elles insistiam, usando de modos persuasivos e de raciocinios, com muita brandura, com muito geito, mas tambem com muita tenacidade, Rosaria irritou-se, descobriu a cabeça, affirmando abertamente, com arrogancia, *que não ia, que não queria ir*.

Foi n'esse momento que o Cerqueira disse:

—Mas então, é que eu te metto um pau e tu hasde ir! Entendes isto?

Mas Rosaria principiou a chorar lamentosamente, em altos gritos sentidos, allegando que lhe queriam perder a alma, que a queriam metter no inferno.

O brazileiro, cujos olhos brilhavam e cuja face estava colerica, moderou-se e principiou a raciocinar novamente chamando em seu auxilio os sentimentos filiaes, os dotes da carne, a compaixão para com um um velho que estava só no mundo, sem auxilio, nem consolação. Mas dizia estas cousas n'um tom aggressivo, n'uma phrase brusca, pouco sympathica.

— *Isso* que manda separar os filhos dos paes, não é religião, é *pouca vergonha*. É o que é — concluia.

Ao que a fidalga, toda abespinhada respondeu, referindo-se aos brazileiros em geral:

— Os senhores não se confessam. Primeiro que tudo a salvação da nossa alma. A salvação da nossa alma primeiro que tudo.

— Ora senhora... — tornava o Cerqueira — Eu é que o não entendo assim. Ja viu? Isso não é religião é *maroteira*.

Rosaria então, com os olhos seccos, disse acintosamente:

— Pois deixe ser. Eu não saio d'aqui; porque não quero. A salvação da minha alma primeiro. Ninguem me pode obrigar.

O velho Thomaz, que já não tinha palavras e que delegára a defesa dos seus direitos no Cerqueira, ouvindo, com o semblante repassado de espanto, esta resposta firme e decisiva interrogou sua filha:

— Ó *Rosaira!* Tu que dizes rapariga?! Não queres ir comigo que sou teu pae?!

— Não quero — respondeu firmemente.

E o velho, com as lagrimas nos olhos, disse-lhe com segurança:

— *Pois ainda amaldiçoada tu sejas de Deus, como és de teu pae.*

E sahiu precipitadamente do quarto.

D. Maria, do outro lado da cama, perseguiu-o com a sua colera dizendo:

— Amaldiçoado és tu, meu cara do inferno!

E o Cerqueira, com um visivel aspecto de despreso, com um dos cantos da boca levantados, o que lhe dava ao semblante uma expressão desdenhosa, disse para a fidalga:

— Que tambem a senhora não a tem melhor. Eu cá vou para a justiça.

E sahiu, accrescentando no corredor:

— Canalha de padres! O que elles queriam é quem lhes botasse meia duzia de balas nos ouvidos.

E o ataque de Rosaria, ou o verdadeiro ou o recommendado, brilhou n'este momento, com um grande apparato de convulsões e de gritos.

D. Maria veio á porta, com um rosto irado increpal-os apopletica de raiva:

—Não veem isto?! Estão mesmo no inferno! Estes malvados não veem isto!

Da soleira da porta o brazileiro ainda ameaçou com os punhos cerrados:

— O que elles queriam sei eu. Se isto fosse no Pará...

E depois voltando-se para Thomaz disse-lhe com uma voz firme.

— Faça de conta que morreu. Se ella morresse você

não lhe dava remedio. Pois é o que é. E não chore que isso não é de homem. Entende isto?

Pelo caminho ia resmungando:

—Isto só n'umas gazetas. Se fosse lá no Pará eu mandava deitar.

E depois o capitalista Cerqueira, com uma indignação honrada, principiou a dizer, publicamente, o diabo, dos padres. A maioria do clero das visinhanças encolerisou-se. Alguns escreveram-lhe cartas anonymas, cheias de indecencias, escriptas n'um papel sujo e amarrotado para o despresarem. Mandavam-nas cautelosamente deitar no correio de Braga e n'ellas ameaçavam-no com um fueiro, com um estadulho, e fallavam muitas vezes nas suas espingardas, na certeza das suas pontarias, affirmando que não era elle o primeiro maroto, o primeiro pedreiro livre que ensinavam. Outros, mais circumspectos assignavam as cartas, com os seus nomes ecclesiasticos ou diziam-lhe directamente, de *viva voz*, que o inferno e a excommunhão, tinham sido feitos para alguma cousa—faziam-lhe a simples ameaça de o pôr fóra do gremio da egreja, e; referindo-se ao evangelho, disseram-lhe que elle era o membro gangrenado que podia communicar o mal ao resto do corpo e, por isso, que devia ser cortado.

O velho negociante, com a rudesa d'um homem d'uma vida de trabalhos, com a impetuosidade d'um sanguineo, vendo nos padres uns *parasitas*, atacou-os directamente com insultos, com potentes ironias, com ameaças:

— Corja de mandriões! — dizia — Corja, que é mesmo uma corja. Só ahi a namorar as moças, a mandarem filhos nas rodas, e a papar hostias. Um vergalho, um vergalho!

E d'ahi por diante, principiou a affirmar, descomedidamente, que todas as mulheres que se viam em casa dos padres eram amazias, raparigas desfloradas, concubinas mettidas na immoralidade pelos reverendos. E com um riso onde transparecia o despreso accrescentava:

— Dizem que vou no inferno. Bem me fio, bem me fio no inferno.

E quando, um certo clerigo, trocou com o Cerqueira insolencias malcreadas, no meio d'um caminho, á vista de muita gente que os escutava, o brazileiro respondeu, com um ar sarcastico, com um modo de superioridade, ao sacerdote:

— Tomára eu. Tomára a tal excommunhão que dizem que é bôa para abrir a vontade de comer.

E depois riu muito a este respeito com alguns dos seus parciaes; porque os havia na aldeia, que embirravam de morte com as batinas, por causa de *certas maroteiras*.

Comtudo Rosaria continuou a viver em Refuinho, completamente entregue á religião. Desde o momento em que o seu confessor sahiu, ella nunca mais se levantou da cama. Recebia ali mesmo, todos os dias, a santa communhão e fazia escrupulosas e demoradas reconciliações com o abbade, ou com o seu cura, na falta d'este.

N'essa epoca já estava notavelmente enfraquecida. Não conservava no estomago o pouco alimento que tomava — tinha muitos vomitos que foram algumas vezes acompanhados de sangue.

Os seus hysterismos, as suas luctas com o demonio, repetiam-se com frequencia. Tinha desesperadas dores, que lhe provocavam muitos gritos. Dormia pouco e com um somno agitado em que havia sobresaltos e mêdos. Tinha sonhos mysticos d'um encanto sublime, em que fallava alto em santa Thereza—a sua adorada protectora — em Jesus crucificado!...

Em certos instantes sentia-se afflicta, atacada por phantasmas crueis que lhe perturbavam o socego e, com palavras desesperadas, chamava pelo missionario que lhe valesse contra estes demonios, que lhe apertavam a garganta para a esganar.

Vinham-lhe, porém, uns momentos de calma, umas intermittencias em que se sentia bem, fallando com D. Maria e tendo sempre umas lembranças dulcissimas para o nome d'aquelle, que a encaminhára para o ceo, para a bemaventurança eterna. Elle não era como os outros homens, nem como os outros padres — tinha umas palavras doces, de uma doçura celeste, que produziam no cerebro a sensação tenue, o desfallecimento suave, do sangue escorrendo d'uma veia; ou do pêllo macio d'um gato sobre as costas da mão.

Ás vezes, Rosaria, com a sua natural intelligencia facil e comprehensiva, fazia comparações e collocava sempre o padre Antonio no melhor logar, n'um logar eminente, n'um ponto elevado, d'onde elle dominava sobranceiramente todos os padres conhecidos.

Mas tambem tinha occasiões em que uma infinita tristeza, um desespero incomprehensivel, um frenesi organico lhe absorvia o pensamento. Desejava-o perto, para ter a consolação das suas palavras, o forte arrimo da sua alma delicada e energica. Ás vezes cubiçava-o intensamente, com paixão e, se adormecia, vinham-lhe sonhos carnaes em que ella lhe dava beijos. Mas não se arrependia d'isto, nem o confessava; porque n'estes sonhos havia um perfume de puresa religiosa — estes eram os intimos segredos do seu espirito exaltado.

Quando estava só, no meio das suas resas, com os olhos cerrados, recordava aquellas confissões, que antes eram intimas confidencias. Relembrava, repetindo-as, essas palavras cheias de communicabilidade que tinha ouvido ao missionario. Como ella fora, durante o tempo que elle estivera em Refuinho, a sua creada, a pessoa que lhe arranjava o quarto, vinham-lhe baixos desejos de continual-o a servir, a obedecer-lhe absolutamente. Achava distracção em recordar mentalmente as cousas insignificantes que constituiam os grandes factos da vida do missionario — a agua que ella lhe levava para a barba, as botas engraxadas que punha juncto da commoda, as meias, cuidadosamente ponteadas, que ficavam na gaveta do lado esquerdo, e as *voltas* que eram lavadas e engomadas por ella mesma. E n'este ponto, trazia á memoria que pedira um dia *ás meninas,* para lhe ensinarem a bordar *umas,* para os cabeções do padre Antonio, como já lhe tinham ensinado a engomal-as.

E se n'um d'estes momentos lhe entrava no quarto

alguma das sobrinhas da fidalga, ella repetia o pedido, queixando-se muito da sua educação rude de lavradeira, da sua ignorancia, e dizia tristemente, com uma ambição ideal, que desejava ter estado no convento, a aprender como as meninas. Por fim concluia com um modo resignado e de muito paciencia:

— Mas eu... não me ensinaram!... Ninguem nasce ensinado.

II

A fidalga de Refuinho recebia frequentemente cartas do missionario, que eram lidas por qualquer das sobrinhas, na presença de Rosaria. Esta pedia que lhe respondessem certas cousas e chorava muito, queixando-se de não saber escrever para se communicar directamente com elle.

As respostas levavam dous dias a fabricar; porque D. Maria, pela falta de habito, sentia-se preguiçosa no pensamento. As sobrinhas escreviam, o que ella dictava, n'uma lettra demorada, meticulosa, oval, irreprehensivel, lançada com finos e grossos apropriadamente.

O padre Antonio, pelo contrario, tinha um escrever nervoso, agatanhado, contrahido — lia-se muito mal, tinha a lettra de um sabio. As meninas, encontrando-o n'esta inferioridade, diziam com um riso de triumpho.

— É um homem muito sabio, mas de lettra!... A lettra é que não presta para nada! Custa a ler, Santo Nome!

A tia Miquinhas acudia impaciente:

— Isso é dos estudos. Tambem o dr. João Xavier, era d'esse modo...

N'estas palavras ia uma velha reminiscencia, amarrotada como um papel despresado.

— Mas eu, é que nunca vi uns gatafunhos assim!

— Calla-te Tilde — dizia imperiosamente a fidalga. Calla-te que as paredes tem ouvidos.

— Ora isto que tem tia Miquinhas? Não é mal nenhum...

— Seja, não seja. Já fallei — indicava com uma auctoridade irrespondivel.

Porém ellas, a sós com o seu mestre de escripta, o José Fortunato, continuavam n'este chasquear deprimente.

José Fortunato, era um homem de carnes molles, muito flacidas, tinha as mãos polpudas, dedos curtos e com monticulos de cabello nas costas das phalanges. Ia visitar as suas antigas discipulas muitas vezes e ficava para jantar. Era um homem de ambições limitadas, d'um mundo estreito e acanhado, muito timido e quieto; mas que seria uma fera e que mataria precipitadamente, sem reflectir, o primeiro homem que elle visse que *escrevia melhor*. O seu espirito alegrava-se, espandia-se, gracejava hostilmente diante de todas as lettras. Quando, as sobrinhas da fidalga, lhe mostraram, acintosamente, a do famoso missionario, elle com os oculos na ponta do nariz e olhando a carta á distancia de um braço, sorriu com um desdem triumphante dizendo:

— Ih! que lettra, Santo Nome! Que geringonças!

— Não é feia sr. José Fortunato?! — perguntava Clotilde.

— Feia! Isto não é lettra; isto é um gato a arranhar.

E ria-se deliciosamente, expansivamente, com enorme felicidade!

D. Joaquina affirmou:

— Até nos custa a ler, Santo Nome!

José Fortunato intervem com um rosto sério, compondo-se na sua gravidade professoral:

— A ler não custa. As meninas correm pela lettra mais ruim. Ella é pessima, lá isso vae dito; mas as meninas leem-na.

Depois acrescenta:

— Isto é a falta de um bom *professor*. Não percam o talho da lettra, que é uma riqueza, minhas freirinhas.

Minhas freirinhas, era o termo mais amavel que José Fortunato, antigo *egreso*, encontrava para uma menina fidalga.

D. Maria entrou n'este momento:

— Ahi estão, ahi estão as meninas com essas cousas. Deixe fallar José Fortunato. Eu já lhes disse...

— É só ao senhor José Fortunato — desculpam-se.

— Pois sim, sim; mas se o senhor missionario vem a saber?! Ora quero que me digam, se elle o sabe?... É uma vergonha.

José Fortunato disse aprumadamente, compondo o nó da gravata de chita:

— Mas senhora fidalga, é uma lettra pessima!...

E depois accrescentou, com jactancia, n'um tom escarnecedor:

— Isto não foi professor que o ensinou, foi por ahi algum *mestre*.

N'este *mestre* iam todas as ironias e todas as amarguras da sua alma; porque elle não queria que lho chamassem, e havia uma insistencia publica, quasi uma conspiração, para todos lhe dizerem, acintosamente, *senhor mestre*.

Mas nas cartas do padre Antonio, apesar da *pessima* lettra, havia todos os perfumes inebriantes d'uma santidade astuciosa. Elle desejava prevenir todas as hypotheses que podiam alterar as suas recommendações. Occupava-se, principalmente, de cousas religiosas e divagando, como um phantasista, dirigia-se a Rosaria em phrases especiaes. Assegurava-lhe a bemaventurança, pedia-lhe conformidade no soffrer, chamava-lhe filha de Nossa Senhora, anjo do ceo, santa creatura...

N'uma d'essas cartas fallando, n'um *a proposito*, das faculdades excepcionaes, dos modos de sentir extraordinarios que possuem os eleitos do Senhor, e que n'elles já indicam uma evidencia da santidade, escrevia o seguinte:

«Olha, minha bôa Rosaria, meu anjo, os hereges, os peccadores, aquelles que nunca verão, em toda a eternidade, a face do Grande Deus, exhalam de si um cheiro que um santo não pode soffrer. S. Pacomio, conhecia-os com o seu nariz de santo; e, a d'este, foi uma alma tão pura, que os seus exemplos de austeridade e reclusão em espirito com o Seu Deus, attrahi-

ram á Thebaida, no momento da sua morte, mais de cinco mil cenobitas, que eram seus discipulos e viviam, como elle, no deserto e na mais rigorosa penitencia. Que bons tempos, esses, de santa religião, em que havia santos como o grande Pacomio, e em que havia cinco mil homens de ardente fé em Christo que lhe seguiam os exemplos! Hoje, as vaidades d'este mundo transitorio, as riquezas insensatas, adquiridas por meios illegaes, alimentam os vicios e com elles a ausencia das praticás religiosas.»

«Santa Brigida, a bôa Santa Brigida, padroeira da catholica Irlanda, sentia um cheiro desagradavel e offensivo, quando tinha a infelicidade de ver commetter um peccado. A grande Santa Catharina de Senna, ao entrar n'uma cidade celebre (por mais que me tenha querido recordar, não te posso dizer o nome d'essa cidade; porque me esqueceu) mas que era celebre, somente pelas suas iniquidades e pelos seus vicios, e onde se tinha offendido ao Altissimo de toda a sorte, sentiu, a muitas milhas de distancia, um odor, verdadeiramente insupportavel. O grande S. Filippe Nery, fundador da congregação do oratorio, e que se punha á porta dos templos chamando o povo á oração, distinguia milagrosamente o cheiro da castidade. A presença do *inimigo das almas* era conhecida de Santa Thereza, da tua querida Santa Thereza a quem imitas, por um cheiro de enxofre que é o do fogo dos infernos. *Sotanaz*, como te tenho dito, atormentou muito esta santa, bem como a S. Francisco d'Assis; mas foi vencido pela santidade de ambos. Elles tinham Deus por seu lado, que é quem tudo póde.»

«Ves tu, minha boa filha, que os vicios, tem um cheiro repugnante?! Pois a Infinita Sabedoria Divina não pára aqui. Do mesmo modo tem os odores mais deliciosos e inebriantes para dar a conhecer a santidade. Muitos são os escolhidos, que exhalavam de si esses balsamos suavissimos, superiores aos das mais esquisitas flores e que eram a delicia das pessoas que d'elles se aproximavam. Tiveram-no S. Venturini, S. Francisco de Paula (o grande apostolo da Humildade) Colletta de Gand, Santa Thereza (a tua querida Santa Thereza), S. José Cupertino e ainda outros que a minha fraca memoria não conservou.»

Estas cartas, mostrando sempre a grande felicidade dos que se salvam, expunham, tambem, claramente as difficuldades que se deviam passar, os martyrios, as afflicções que se deviam soffrer, para o conseguir. Isto lançava enormes desconsolações, no espirito preoccupado da fidalga, que se sentia proxima da sepultura com os seus pés frios. Cheia de suspiros, interrompia a voz feminina, fresca e moça, da sobrinha que estava lendo, para dizer:

— Santo Nome de Maria! Se isto assim é, quem se salvará?! E ainda ha ladrões que não acreditam! Ah! que o inferno lá vos espera! — concluia ameaçadora.

Porém os exemplos, os conselhos, as palavras optimas, entravam subtilmente, brandamente no espirito, como um miasma entra n'um organismo. Estas cartas eram relidas muitas vezes, commentadas e ficavam finalmente em todas as memorias. Ás vezes Rosaria perguntava o que queriam dizer certas palavras e, se as meninas o não sabiam intelligentemente, recorria-se

ao abbade, que nunca trepidou diante de nenhuma difficuldade.

A proposito da significação de *odor* e *odores* havia uma grande confusão! Não se sabia o que era e produziram-se explicações disparatadas. O abbade chega, é interrogado impetuosamente pelas meninas, uma das quaes entendia que era o nome de uma *musica*, outra o de um *anjo*, e responde com a rapidez convincente e o semblante desdenhoso d'um sabio:

— Nada, não é isso. As meninas não podiam adivinhar; porque vem do latim. *Odor, odoris* o odor, que é uma cousa como cheiro — conclue n'um tom grave, dando uma reviravolta sobre o calcanhar direito.

E depois, ainda accrescentou n'uma voz ordinaria de melancolia, ficando a olhar pela janella fora:

— Ah! tempos, tempos. *Vae pela terceira!*

E conjugou *odor, odoris,* mentalmente, até ao ablativo, para experimentar a memoria.

Porém as cartas do missionario, tinham um formidavel poder que subjugava. O proprio abbade o confessou n'uma, escripta a fr. Thomaz:

«Vocês estão longe; mas cá a cousa continúa. As cartas do nosso padre Antonio são missões. Toda a gente as quer ler; são pedidos e mais pedidos. A cousa vae bem. Ha aqui uma mulher que faz um negocião, copiando as cartas e vendendo depois. A rapariga, como já vos disse n'outra, não foi com o bregeiro do tio, que a queria talvez para creada. O pedaço de maroto lá me *obrigou* pelos duzentos mil réis.»

«Já se principia a rosnar que ella é santa, e a cousa é principiarem; porque eu sei que alguem se tem apegado com ella e o resultado excellente. *Gaudio* padre mestre, *gaudio*. Escrevo-vos depois de jantar. Sempre estou com um somno... Já borrei duas folhas de papel e esta é a terceira. A carta dos cheiros era famosa, famosissima fr. Thomaz. Já ha muito quem diga, que a rapariga já *cheira.*»

Fr. Thomaz e outros clerigos, a quem este mostrou a carta, riram fartamente com as suas bocas escancaradas, do sentido sublinhado do verbo cheirar. E por entre as risadas repetidas, acompanhadas de gestos largos e de movimentos de tronco em que se curvavam sobre o ventre, iam dizendo:

— É o diabo, o vivo demonio este abbade. Ora a rapariga já cheira! Que lembrança!

— Sempre tem cada uma!...

— Tem muita pilheria, tem bôa chalaça, tem.

Dizia um ecclesiastico grosso e corpulento:

—Lá isso não ha, estando elle em maré! Estivemos na mesma patrôa em Braga. Era elle calouro; mas já se via, que havia de ser bom!...

E fr. Thomaz disse com prudencia, d'um modo confidencial:

—Não digam nada ao padre Antonio, que elle afina com estas cousas. É o seu fraco. Leva o negocio a sério...

Na realidade, principiavam uns vagos rumores de santidade a respeito de Rosaria. A fidalga de Refuinho

contava certas maravilhas, as sobrinhas contavam outras. D. Maria affirmou que, entrando no quarto de Rosaria em certo momento em que ella estava em oração mental, lhe parecera que a vira suspensa no ar. Referiu isto n'uma carta ao padre Antonio que respondeu cathegoricamente que era um signal positivo de santidade. A proposito dizia «que acontecera o mesmo a José Cupertino e a muitos santos e santas, entre as quaes se podia citar o nome afamado de Maria Moërl que, segundo Goerres, foi vista depois d'uma procissão solemne, a que assistira, suspensa no ar e *linda como uma rosa.*» Estas citações do missionario, tinham um valor imprevisto e eram repetidas, consideradas como a plena confirmação do facto alludido.

Por isso todas as pessoas que cercavam Rosaria, desejavam o exclusivo de ver alguma cousa de extraordinario, na vida d'esta rapariga. Um dia houve uma altercação violenta, com palavras de colera e gestos descomedidos de baixeza, entre D. Joaquina e D. Clotilde. A primeira asseverava que Rosaria tinha conversas divinas com Nossa Senhora, a segunda entendia que eram com Santa Thereza. O padre Antonio, n'uma carta, resolveu a difficuldade dizendo «que podiam ser com ambas.»

A tia Miquinhas não se contentou e, dando-se a firme arrogancia d'um juiz, prometteu espreitar, para dizer a verdade. Depois das averiguações affirmou circumspectamente que era com o Espirito-Santo. Disse-o com a seriedade e com o aprumo d'uma pessoa que possue o pleno conhecimento d'um facto positivo, incontestavel. Passou-se o caso d'este modo:

Um dia entrou a fidalga no quarto de Rosaria. Ella estava em oração mental com olhos languidos voltados para o ceo, como as virgens de Dominico. Ajoelhada sobre a cama, fallava alto soluçando e gemendo dolorosamente. D. Maria não lhe percebera as palavras; mas o que era verdade, é que ao entrar viu sair pela janella do quarto de Rosaria, uma linda pomba *branca como a neve*. Nunca tinha visto uma cousa assim! Era uma pomba tão branca, que parecia que cegava a gente. Não podia ser senão o Espirito Santo! O missionario n'uma carta dava este facto como podendo ser verdadeiro.

A fidalga contou isto a quem a quiz ouvir. Muita gente vinha-lh'o perguntar directamente; algumas suas amigas, que moravam a distancia, escreveram-lhe. Ella a todas respondia asseverando-o d'um modo triumphante e orgulhoso.

D. Clotilde, ouvindo um dia Rosaria a fallar alto, aproximou-se para escutar e ouviu estas palavras que lhe lançaram o espirito n'uma grande perpelexidade:

— Não me abandones — dizia ella soluçando — não me desampares, que não alcanço a *salbação*. Vem depressa, esposo da minha alma, e livra-me d'esses demonios, que vejo acolá, para me atormentarem.

«Quem será o esposo? — pensava mentalmente Tilde. Será o missionario?!»

E ficou a reflexionar longamente!...

«E quem serão os demonios?»

Disse-o a D. Joaquina que ficou egualmente indecisa e scismatica, sem poder responder. Não consultaram ninguem n'este ponto. Não o contaram á propria fidalga.

Tempos depois começou a vir gente de longe, interceder perante a fidalga de Refuinho, para lhes conseguir um beneficio celeste por intermedio de Rosaria. Um que tinha os seus bois doentes; outro que padecia d'uma velha enfermidade; outro que perdera o cevado; outro que tinha as sementeiras mal promettedoras...vinham pedir á santa, *áquella bôa alminha do ceo*, para que lhes valesse, curando-lhe os bois e a enfermidade, fazendo-lhe apparecer o porco, e dando-lhe bôa colheita. Muitos obtiveram prompto remedio: — as sementeiras frutificaram bellamente com o beneficio de chuvas copiosas... Por estes factos comprovantes, a fama de santidade, em Rosaria, principiou a crescer como uma grande columna de poeira, que se levanta ao longe, n'uma estrada, por effeito de fortes ventos contraditorios. Muita gente depois d'um certo numero de provas, já não pedia para Rosaria interceder diante do Todo Poderoso ou diante da Virgem, ou de Santa Theresa — pediam-lhe simplesmente para que *fizesse o milagre*.

N'este tempo, o corpo da santa, estava n'uma magreza esqueletica; o seu sustento era d'uma exiguidade, para muita gente, milagrosa. Dormia pouco e sempre uns somnos agitados, repellidos, nervosos, cheios de visões terriveis. Tinha, frequentemente, sangue pela boca, e o seu corpo estava chagado em diversos pontos. No semblante, d'uma viveza nervosa, havia a expressão de todas as doenças que tem um fundo verdadeiramente anemico — a pallidez da cêra branca, a mobilidade das linhas faciaes, o extraordinario brilho dos olhos, que dardejavam scintillações in-

commodas, insupportaveis. Tinha um pulso pequeno e rapido, a pelle quente, e, com frequencia, uma sêde infernal — estava sempre a beber agua.

Passava os dias resando, em communicações celestes, em elevadas contemplações dizendo palavras destacadas, incoherentes, ás quaes, as pessoas que lh'as ouviam, davam uma interpetração caprichosa, de phanthasia. Em certos momentos vinham-lhe os ataques, com uns gritos de rebellião organica, que se ouviam longe, na murmurosa extensão dos campos. No meio das convulsões demoniacas, atirava-se abaixo da cama, ferindo-se doidamento contra o soalho, contra os amarellos da commoda, sobre a qual se via a imagem de Jesus, defumado e soffredor, tendo ao lado, em posição ascetica e contemplativa, a da milagrosa Santa Theresa, com esta inscripção por baixo, que é a legenda de sua vida tormentosa e que ali fora escripta, a tinta, por mão ignorada: *Talvez que fosse Deus!... talvez que fosse o demonio, que me inspirou esta resolução.*

Quando estas tempestades organicas passavam e que ella se sentia mais serena, pedia a imagem da celebre freira hespanhola e conversava muito com ella. N'uma fervorosa intimidade, beijava-a com sofreguidão, com amor, com um prazer dilatado, como certas mães extremosas beijam os seus filhos adorados. As suas palavras eram cheias de calor, de lagrimas e d'uma ascetica paixão pavorosa. Tinha-as aprendido, decorado, nas intimas confidencias com o seu confessor, com o seu discreto amigo. N'estes momentos é

que a fidalga, ou alguma das meninas, lhe pediam carinhosamente, com timidez, como se pede a uma imagem, os *milagres* de que precisavam.

Ella oppunha difficuldades com um modesto semblante de constrangimento, de pouca valia, dizendo sempre voltada para a imagem:

— Ora virgem mãe Santa Thereza! que vos posso eu pedir, uma miseravel peccadora!

E com um sorriso benevolente certificava:

— Resarei, resarei. Assim ella me ouça!...

III

Um anno depois da sua primeira confissão geral, Rosaria chegára lentamente a um enfraquecimento penivel. Tinha uma repugnancia teimosa para os alimentos e os poucos que ingeria, vomitava-os ordinariamente. A impressionabilidade esquisita do seu organismo, conservava-lhe, principalmente em certos momentos, uma vitalidade postiça, enganadora, que todos queriam tomar por uma saude milagrosa. Porém as hemorragias frequentes; os ataques repetidos, durante os quaes se atirava abaixo da cama ferindo-se desesperadamente; as suas longas insomnias, em que lhe appareciam phantasmas que pretendiam estrangul al-a; e as fortes nevralgias erraticas, acompanhadas por gritos desesperados, desmentiam estas esperanças lisongeiras.

Desde o dia em que o missionario sahira de Refuinho, ella conservára-se sempre na cama; não tornou a ver a luz franca do sol alegrar a paisagem que se derrama por aquelles logares accidentados das cercanias. O seu rosto e os seus pulmões, nunca mais foram rea-

nimados pelo ar fresco e batido que vem das terras altas — um ar vitalisador e d'um cheiro agradavel e penetrante, rico em oxygeneo e em principios resinosos, que tivesse passado nas rumurejantes corôas dos pinheiros, arvore d'uma côr e d'um aspecto melancolico e rude, como o d'um forte batalhador. Esse rosto osseo e amarello-palha, que fazia lembrar um velho pergaminho ou a testa reprehensiva d'um asceta, era simplesmente illuminado pela perpetua vela de cera, que ardia respeitosamente diante das imagens macilentas, que estavam sobre a commoda d'aquelle quarto, lugubre e silencioso como um tumulo.

As suas resas tornavam-se mais accentuadamente fervorosas e demoradas—fazia oração mental, pensando com uma paixão cheia de lagrimas, nos grandes tormentos que Jesus soffreu por nosso amor. Penetrava-se d'aquelle espirito exaltado e dominador, do verdadeiro espirito do amor divino, que santificou todos os mysticos.

Depois, as frequentes recommendações que o seu missionario fazia nas cartas escriptas para Refuinho, prendiam-na com intensidade frenetica á sua cruz: — parecia que quanto mais fortes eram os seus tormentos corporaes, mais vivo e arreigado era o seu desejo de soffrer por amor de Christo.

Porém havia momentos em que lhe vinham grandes desconsolos e fortes duvidas. O abbade com sua voz aspera e com uma linguagem syllabada e offensiva, desagradava-lhe á sua organisação delicada e doente! Ella chegava a ter desesperos, coleras, explosões de genio violento que depois chorava amargamente, porque lhe

deviam ser inspirados pelo demonio, pelo eterno inimigo legendario dos que seguem a estrada do martyrio. E então, para se punir satisfactoriamente d'este peccado; confessava-o em voz alta, diante do abbade, e chamava muita gente para lhe ser mais doloroso o arrependimento.

Porém o ecclesiastico, com a sua organisação rebelde d'um camponez, não comprehendendo a profunda sensibilidade da sua confessada, e ouvindo-a chorar, confessando, diante de todos, que o tinha offendido por pensamentos, respondia-lhe n'uma voz desgraciosa, cheia de impetos naturaes:

—Ora historias; deixa-te d'isso! Qual offensas, ou qual asneira! Tu não me offendestes nada rapariga. Resa, resa e encommenda-te a Deus, que é o que deves fazer.

E saia bruscamente deixando as mulheres a chorar com Rosaria, sinceramente interessadas na sua dôr.

Porém um dia o missionario, o seu confessor, dizia n'uma carta, que brevemente chegava a Refuinho. Recommendava, ao mesmo tempo, grande prudencia no revelar-se esta noticia: elle chegaria de noute, com cautellas preventivas e, como se demorava pouco tempo, desejava que fosse ignorada a sua presença ali.

Disseram-no rudemente a Rosaria, sem delicadesas. Atiraram-lhe esta noticia, como se atira, n'um momento nervoso, uma pedra contra um muro. Ella, porém, ficou n'uma grande insensibilidade, com os olhos abertos e fixos, e a boca ligeiramente tor-

cida, descrente. Depois oppoz resistencias, contradisse, repelliu aquella novidade, amarrotou-a, pol-a de lado com desleixo como se faz ao objecto delicioso, desejado por muitos annos e que se adquire no momento em que se não espera.

Mas, ao mesmo tempo que lh'o iam affirmando com mais insistencia, com mais energia, com mais clareza, o rosto ia-se-lhe animando d'um modo esquisito como se fosse illuminado pela luz electrica. As pupillas estavam contrahidas n'uma fixidez spasmodica; os beiços, pallidos e com uma tremura convulsiva, exprimiam um riso incredulo, nervoso, allucinado. Com a impertinencia d'uma creança que tem somno e não quer dormir, principiou a esfregar os olhos para se dar o sentimento da realidade.

Porém tantas vezes lhe affirmaram que seria no dia seguinte á noute, que o padre Antonio chegava, que ella se foi convencendo insensivelmente, tomando um vigor artificial. Queixando-se menos e com uma vivesa communicativa fallava com animação.

Depois teve uma grande alegria infantil e principiou a chorar. Affirmava que se sentia mais forte e vigorosa. Queria levantar-se para ir ver da janella os campos, as arvores, os montes que estavam além, muito longe com a sua phantastica corpulencia. Queria vestir-se com a melhor roupa, pentear-se cuidadosamente com requintes e pedia banha para o seu cabello. Finalmente desejava compôr-se n'um estado apparente de saude para receber a pé o senhor missionario, para lhe agradar, para elle ficar satisfeito. Disse-o claramente, com uma simplicidade de creança.

Fizeram-lhe objecções. Disseram-lhe que elle a veria ali mesmo com agrado, que não era de ceremonias, que saberia desculpar tudo.

— Bem vês rapariga — dizia bondosamente a fidalga — que não podes. Sim, se podesses, não te dizia que não; mas até és capaz de pilhar alguma que te leve.

E o abbade, com os seus poucos conhecimentos da vida dos santos, affirmou que os melhores viveram na pobreza e na mizeria, e que a patria celeste os limpava e purificava. Lembrou uma phrase de Pascal, muitas vezes repetida pelo proprio missionario, dizendo-a d'este modo:

— Tu deves-te lembrar muito bem. Não sei se te lembras, mas hasde lembrar por força. O padre Antonio dizia muitas vezes isto, que é d'um santo muito grande, um doutor da egreja, S. Pascual. Acho que é assim: «o estado natural de todo o christão é estar doente» ora tu estás doente e por isso está tudo acabado.

— Mas quero-me pôr a pé — insistia teimosamente. Ora deixem-me experimentar.

E depois acrescentou:

— E hei de ir á sala, sentar-me n'uma cadeira, como a outra gente.

Rosaria mostrava-se n'estes momentos muito impaciente, muito irascivel. Não lhe fazendo promptamente a vontade, puchava pelos cabellos e tinha raivas de que, depois, recordando-se, se arrependia muito.

Vendo que ella não cedia, trouxeram-lhe a roupa

para se vestir. D. Maria e as sobrinhas ajudaram-na caridosamente. Custou muito; porque a sua fraqueza era extraordinaria. Mas afinal sempre a sentaram perto da janella, com largo horisonte á vista: — havia uma extensão de paisagem cheia de animação; o fundo escuro era formado pelos arrogantes cabeços das montanhas com o seu esfumado azul; por cima de tudo estava um ceo infinito e claro.

O frio cortante que vinha de fóra arroxeou-lhe ligeiramente a cara, impressionou-a desagradavelmente, fel-a retrahir, encolher, conchegar-se ao chale que tinha pelos hombros. Porém continuava a dizer que se achava melhor, que estava mais forte e que gostava muito d'aquelles campos, por onde já não andava, havia muito tempo. E pouco depois fechou os olhos e principiou, involuntariamente como n'um sonho, a recordar o seu passado, a vida forte da lavoura, as suas travessuras de rapariga, a sua energia muscular, os divertimentos nos trabalhos campestres com uma alegria natural e expontanea. Lembrou-se do Agrella com as suas malicias picantes de velho faceto; de Zé Maximo com as suas simplicidades de homem importante; do Simão do cura que era um rapaz espadaudo, valente, bom e generoso. Lembrou-se das raparigas da sua amisade, a Zefa do Agrella, a Clara do Sebastião da Eira e das vivas conversas da fonte. Que fariam ellas? A Clara ouvira dizer que tinha casado com o Thomé Barbante — um primo, que gostava d'ella havia muito tempo.

Mas este devanear foi, como a dormir, sem responsabilidade, sem intenção de se desviar do caminho ditoso que o missionario lhe tinha indicado. Pensou vagamente em seu pae, um velho de cabellos brancos, sempre respeitado e que a via como a sua unica cousa. Recordou alguns factos do seu viver — as bondades generosas d'este velho para com ella que era sua filha. E caminhando de vagar, docemente, como um barco levado por uma corrente branda, chegou aos ultimos acontecimentos, aos factos pungentes da sua vida, recordando aquelle momento em que seu pae, como um enviado do demonio, a queria roubar aos braços da religião. Abriu os olhos rapidamente, esfregou a testa para expulsar aquellas ideias antipathicas e pediu que a ajudassem a ir novamente para a cama.

D. Maria estava só com ella; dormitava n'uma cadeira proxima. Lembrou-se de que a poderia ajudar, levando-a encostada a si; porém, quando iam no meio do quarto, Rosaria sentiu-se suffocada, levantou a cabeça para o ar, endireitou o tronco para respirar mais amplamente, e veiu-lhe uma tosse seguida de sangue pela boca.

Aos gritos da fidalga, vieram as creadas, que ajudaram a metter Rosaria na cama.

O padre Antonio chegou de noute, haviam de ser dez horas. A fidalga tinha-lhe mandado, com certa discrição calculada, uma cavalgadura, que o esperou na mesma taberna, onde os missionarios, quando vie-

ram com o abbade, tinham encontrado as *bestinhas*. Ali passava a diligencia que vinha de Braga. O missionario, logo que desceu da diligencia, perguntou ao creado que lhe levára a egua, por todas as pessoas de casa, especialisando-as. O rapaz respondeu-lhe com uma grande abundancia de palavras, com uns rodeios fatigantes, com umas incidencias desnorteadas; porque se perdia no labyrintho confuso das suas poucas idéas e das suas muitas noticias.

—Muito bem João, muito bem—corta o ecclesiastico—vejo que todos tem saude e graça de Deus. É o que é necessario. Então vamos lá, para não fazermos muito caminho de noute.

—Lá isso, é como vossa senhoria quizer. A senhora fidalga mandou-me ás *ordes* de vossa senhoria.

E o padre Antonio, que não era perito cavalleiro, mandou chegar a egua para junto d'uma banqueta de pedra, que estava á porta da taberna, para montar com mais segurança.

O creado com o seu bom riso camponez, galhofeiro e ingenuo, disse:

—Ih! senhor que é tão medroso, Santo Nome! Cá eu, de dez annos, já andava sem selim, nem estribos. Estribos é cousa que me não entra nos pés. Quando vou levar a burra, assim como a vossa senhoria, deito os estribos p'ra cima.

O missionario respondeu com benevolencia:

—Pois isso és tu. Eu depois que cahi uma vez e quebrei uma costella, não me tornei a arriscar.

E como estava communicativo e feliz, contou este caso da costella terminando por perguntar:

— Olha lá. A burrinha é mansa?

É um cordeiro senhor. Nunca precisou de espora. E andar? É assim como... como uma senhora. Parece á gente que vae de liteira.

— Ella não é a da outra vez? — indaga o clerigo, recordando-se.

— A russa? morreu. Coitadinha, parecia mesmo um christão. Sempre lhe dava cada urro...

— Não digas isso, tolo — reprehende o padre Antonio—Os burros não são christãos!...

O rapaz responde com um riso intelligente:

— Não que isto é uma comparança. Mas ha muitos christãos, que não tem tanto juizo como os *alimaes*. Esta burra, que foi comprada ha tres mezes, estou que tem alma senhor. É um entendimento... que nem faz uma idéa.

O missionario, conceituando esta loquacidade, como originada por algumas horas que o rapaz o esperou na taberna, terminou a conversa olhando intelligentemente para o conhecido ramo de louro e disse:

—Então vamos lá.

E subiu para o selim, mettendo cuidadosamente o pé esquerdo no estribo, atirando parte da roda do seu amplo capote azul para a anca da egua, e fazendo passar a outra perna sobre o dorso do animal, até ficar sentado sobre o lençol. Depois puchou as pontas do capote para diante, crusando-as; mexeu-se apropriadamente, dando um movimento pendular ao tronco; e como sentisse, depois d'um minuto de experiencia, que estava bem sentado, pegou na redea que repuxou brandamente e concluiu:

— Então vamos.

O rapaz, chibatando a egua, mandou:

— Arre burra demonio.

E principiou a correr a par da besta, d'um modo esgalgado, com um passo largo, mostrando repetidamente a sola do pé. Levando o seu páu ás costas, continuava conversando com o missionario, que lhe respondia evasivamente.

Ás dez horas entraram o portal de Refuinho. Estavam todos á espera, n'uma reflectida suspensão de espirito, escutando o menor ruido, quando a hora provavel se aproximava. D. Maria tinha feito prevenções, recommendado um segredo absoluto ás creadas a respeito da chegada do missionario. Para as suas palavras terem acceitação, inventava motivos, dava rasões, esclarecia confidencialmente cada um dos que deviam sabel-o. Este facto espalhou, por todos aquelles semblantes, uma expressão de desconfiança, um tom scismatico de preoccupação, e esperavam o missionario com uma intensa curiosidade, concedendo-lhe de antemão um interesse romantico, alguma cousa de profundo, de extraordinario!

Porque afinal de contas sempre era um individuo, que se via na situação de ter motivos para não *ser visto*, de se occultar, de fugir aos olhos curiosos. Esta prevenção, este segredo entendiam que devia ser motivado por alguma importancia excepcional, por alguma razão que todos desejavam conhecer, examinal-a miudamente, approprial-a, possuil-a como um objecto caro.

D. Maria, a velha fidalga, incutira esta idéa palpitante, curiosa, magnetica mais pelo seu rosto sibyllino, mais pelo modo por que dizia as cousas, do que pelos fortes motivos que apresentára. Ella simplesmente dissera, com muito cuidado, que *elle* se demorava poucos dias e que não queria confessadas. Acrescentou, com verdadeiro accento importante, que ia de passagem para umas missões recommendadas pelo sr. Arcebispo, rematando por umas rasões banaes, que muito concorreram para todos suspeitarem que os motivos eram outros. E ao mesmo tempo que dizia estas cousas, ia preparando o quarto, designando tudo que devia formar-lhe uma vida confortavel, appetitosa, e até demorada.

Quando o missionario chegou, quando se sentiu o bater das ferraduras na entrada do portão, o corpo de D. Maria recebeu um choque de pilha forte. Levantou-se da cadeira com um castiçal na mão e disse rapidamente, com a solemnidade d'um personagem de tragedia:

— Elle ahi está.

O abbade, que dormitava ligeiramente, acordou dizendo:

— O que?! Elle? É elle?

E logo que se restabeleceram d'este abalo, sentiram duas pancadas na porta do pateo. Todos caminharam para lá, com semblantes preoccupados. Em differentes pontos da casa ouvia-se:

— É elle?

— É.

— Já chegou?

— Cá está.

Abriu-se a porta e appareceu um homem alto, pallido, magro, com barba feita, coberto com um amplo capote ecclesiastico que tinha a larga gola voltada para para cima.

Era o padre Antonio. Trazia um ligeiro riso satisfeito, como d'um homem que chegou ao seu destino. O seu rosto, contra o que seria licito esperar, era d'uma expressão familiar e não de mysterio, de segredo, de circumstancias theatraes.

Elle comprimentava affavelmente ao mesmo tempo todas as pessoas, dizendo:

— Ora Deus Nosso Senhor entre n'esta casa. Como está vossa excellencia, minha rica sr.ª D. Maria; e você meu abbade; e vossas excellencias, minhas senhoras...

E assim foi na roda das pessoas, estabelecendo em todas ellas a cordialidade, o bem estar, a satisfação do momento. Todos respondiam, com uma ligeira alegria, com bondade, penetrados da grande satisfação de o verem.

Rosaria não se tinha podido levantar; não estava ali a esperal-o. O missionario, calculando isto mesmo, pelo que lhe diziam as cartas da fidalga, não fez nenhuma pergunta desnecessaria. Por um estado tacito e concordante de todos aquelles espiritos, foram-se encaminhando para o quarto d'ella, movidos por um sentimento harmonico. A doente que escutára attentamente todos os pequenos ruidos d'aquella noute, tendo o organismo cheio de impaciencias nervosas, chegou ao

immediato conhecimento da chegada do seu confessor, do seu amigo, pelo borborinho excepcional do momento da chegada.

Sentiu um repellão energico, um abalo instantaneo! Ajoelhou involuntariamente na cama d'um modo rapido e nervoso, ficando com o tronco n'uma posição firme, direita e com o rosto voltado para o tecto. Tinha as palpebras notavelmente abertas, os globos occulares, vivos e salientes, n'um ligeiro estrabismo como o dos contemplativos e como o de todos aquelles que se sentem profundamente absorvidos por uma idéa fixa, dominante e impenetravel.

N'um certo momento deu um grito estridente e rapido que atravessou o ar como uma flexa, até chegar aos ouvidos das pessoas que rodeavam o missionario. Depois abriu os braços, como se fôra obrigada por uma imperiosa vontade estranha.

Foi n'esse momento que o missionario entrou no quarto de Rosaria. Viu-a n'aquella posição firme e austera, no aspecto classico dos personagens mysticos e teve a intima sensação d'um facto extraordinario! O seu organismo impressionavel, sentiu-se fortemente estremecido, abalado. Parou instantaneamente á porta do quarto, dominado e confundido! Depois foi aos pés da cama e olhou com fixidez a sua confessada. Elle tinha um olhar prescutador, desconfiado!...

D. Maria, irreflectidamente, vendo que Rosaria não dava pela presença do missionario, tocou-lhe ligeiramente e disse:

— Ó rapariga, olha o sr. padre Antonio!

Ella, immovel, rigida, cadaverica, sem indicio de

que ouvira esta observação, não respondeu, não teve um simples movimento! O missionario fez silenciosamente, com a palma da mão, signal para que D. Maria não fallasse. Depois indagou elle mesmo, brandamente, n'uma voz moderada, cheia de tom familiar:

— Filha, Rosaria, sabes que está aqui o teu confessor, o teu amigo?

Ella respondeu automaticamente, n'uma voz clara:

— Sei... vem-me salvar a alma... Traz ao pescoço uma cruz...

Todos olharam para o missionario! Não lhe viram a cruz. Elle percebendo o sentido d'este movimento, abriu a batina no peito e mostrou o classico crucifixo de páu preto, com o seu Christo de latão.

— Minha filha, o teu espirito está em Deus.

— Crucificam-no... Batem-lhe os pregos com um martello muito grande e fazem-lhe sangue. A sua santissima chaga do lado, bem a vejo...

O missionario ajoelhou, curvando-se solemnemente sobre o pavimento.

As pessoas presentes imitaram-no. Rosaria na absoluta immobilidade d'uma estatua, conservou a posição primitiva — tinha o pescoço ligeiramente torcido para a esquerda, o rosto voltado ao céo, os braços abertos e estava de joelhos sobre a cama, com o tronco firme. O missionario disse n'uma voz pausada:

— Rosaria, filha de Deus, prostra-te deante da sua omnipotencia. Agradece-lhe a ventura de o veres em todo o explendor da sua gloria!

Ella passiva, obedecendo a uma vontade que não estava n'ella, recolheu os braços crusando-os sobre o

peito, baixou a cabeça com uma rapidez nervosa e caiu de bruços, sobre a cama dizendo estas palavas desligadas:

— Tambem viu... Santa Thereza... Verdadeiro pae... Muitos peccadores...

O missionario, levantou-se d'um modo solemne e dirigiu-se para a porta, n'um passo lento e sentimental. Todos o seguiram.

Elle ainda disse, voltado para Rosaria, com voz respéitosa e prophetica:

— Fica na presença do teu Deus, ditosa creatura!

D. Maria com os olhos cheios de lagrimas, voltou-se para o missionario n'uma grande effusão admirativa:

— Que grande milagre, ó senhor padre Antonio!

Elle respondeu brevemente:

— É uma santa de que resará um dia a Egreja!

O abbade, que se conservára n'um silencio incomprehensivel, accrescentou:

— Até já podia andar nas folhinhas.

O missionario respondeu moderado:

— Tempo virá, tempo virá!

D. Clotide disse abysmada:

— Aquillo nunca ella teve!

O missionario illucidou:

— É um extasis divino, minhas senhoras. Agora está Deus na presença d'ella!

Esta simples explicação, dada em voz natural, lançou aquelles cerebros na mais complicada confusão! Depois, em muitos momentos socegados, todos desejaram penetrar aquelle facto, significal-o mentalmente, dar-lhe uma representação humana. E então viam Deus

de modos contraditorios—umas vezes era uma creança adoravel, formosa, como Jesus na infancia; outras, era um velho com uma solemnidade tradicional, austero e bondoso, como o Padre Eterno.

Rosaria era definitivamente uma santa. O padre Antonio disse-o ao abbade n'um contentamento reprimido, lançando-lhe aos hombros as mãos esqueleticas.

—Temos uma santa, uma santa meu amigo!—affirmou elle.

E o abbade respondeu com o rosto do homem confundido, que soffreu um logro!

—É verdade, com mil demonios!

E sem fallar, com os beiços intimamente apertados, ficou a olhar para o chão, com o verdadeiro aspecto lugubre de quem não comprehende uma cousa alta e sublime!

IV

Dias depois, como a noticia d'este extasis divino circulou, via-se, em direcção a Refuinho, o optimo e o afamado da cleresia dos arredores. Eram sacerdotes de todos os feitios, gordos e magros, que iam saber d'aquelle caso, reconhecel-o nas particularidades, inspirarem-se no exemplo vivo.

Muitos d'estes ecclesiasticos tinham uma fama accentuada — eram homens respeitados e temidos pelo gesto largo e pelo calor imperativo dos seus sermões, bem gesticulados.

Outros, reverendos abbades, eram tambem conhecidos pelo seu cantar imponente em qualquer missa de festa, com uma voz estrondosa e magnifica, que enchia a capacidade d'um templo.

Ainda havia outros, que não sendo abbades, nem prégadores, tinham a sua influencia estabelecida pelo côro — cantavam em tiple, com um falsete coado por um funil; tinham uma branda reputação entre as meninas devotas, que, á competencia, lhes pispontavam col-

leirinhos e punhos postiços — os seus melhores mimos d'agulha — ou, então, lhes compravam abotuaduras d'osso da côr das meias dos conegos.

Estes ecclesiasticos que iam todos no proposito apparente de visitar o famoso missionario, ficavam alguns dias em Refuinho. A fidalga dava ordens dilatadas para serem bem recebidos os seus hospedes. O seu velho palacio ostentoso, transformára-se n'uma hospedaria. Em alguns quartos havia duas e tres camas. Os hospedes mais amigos, os antigos condiscipulos do seminario, combinavam-se para dormirem juntos, no mesmo quarto. Porque assim podiam de noute, antes de adormecerem, conversar como no tempo de estudantes, contar partidas, narrar historias cheias de gargalhada e de malicia, com o tronco encostado á travesseira de moinha, as camisas desabotoadas n'um desleixo familiar e os rostos voltados para o tecto seguindo o fumo espesso dos cigarros.

Assim o fizeram alguns, e quando na conversa, qualquer palavra obscena lhes escapava, principiavam a tossir alto, a fazer perguntas incoherentes e a rir muito para abafar a expressão criminosa. Depois continuavam com mais recato, para que os não ouvissem fóra, nos corredores: — fallavam em surdina, ajudando-se de gestos particulares, inclinando reciprocamente, de cama para cama, os troncos volumosos, e firmando-se nos cotovellos que faziam covas nos enxergões.

Em certa noute combinaram-se para dormirem no mesmo quarto tres clerigos conhecidos — o abbade d'uma freguezia proxima chamado o *Neves*, homem

mediano e vulgar; o Simplicio, que já tivera a missa suspensa por tres mezes e que passava uma vida livre, andando sempre na villa a fumar cigarros; e um presbytero recente, sahido do seminario havia oito mezes, rapaz com barba mal feita e com nodoas acobreadas na testa e no queixo.

Este é que narrava, com vivacidade, certo caso, que os outros ouviam absorvidos. Tinham os rostos cheios de curiosidade, estavam n'uma attitude suspensa. E quando elle ia no palpitante, no momento nervoso da narrativa, os seus ouvintes olharam-se interrogativamente, com os rostos opprimidos de sensações e disse o abbade Neves para o Simplicio:

—Ein?! Que te parece?!

Ao que o Simplicio respondeu:

—Ninguem t'o havia de dizer d'este mosquinha morta, que parece mesmo um sonso!

E levantou-se, tirando os pés d'entre os lençóes. Depois calçou os sapatos de liga e foi-se sentar sobre a cama do ex-seminarista para ouvir mais de perto, para empregar melhor a attenção. Ao mesmo tempo passava-lhe a mão na cabeça, arripiando-o e disse:

—Seu calouro!... seu sucio!

E em seguida completou, para justificar a simplicidade do vestuario, porque estava em ceroulas:

—Diabo, acho calor...

O novo presbytero ficou na dilatação da sua pessoa orgulhosa, fumando subtilmente, deliciosamente, como um mandarim. Mas depois d'um silencio, disse com certo desleixo sublime e despertencioso:

—Pois que diabo! A natureza, não se deve contra-

riar. Isto de celibato... É o que tem o celibato, obriga a muita cousa...

O Simplicio interrompe, francamente, com rudeza, rindo-se ás gargalhadas:

— Ora, não venhas com essas. Tu ias agora lá casar com ella! Arreguila-lho!

E todos tiraram as suas fumaças, d'um modo substancial e silencioso.

— Homem, eu gostava da moça — remata o mais novo dos tres.

E o abbade Neves, homem de quarenta e cinco annos, imitou o Simplicio. Levantando-se da cama, n'um vestuario simples, veio tambem sentar-se na do ex-seminarista, cossando presistentemente uma barriga de perna cabelluda.

— Vocês constipam-se — observa o narrador.

— Deixa — responde o Simplicio com ligeira impaciencia. Mas tu ainda não acabastes... Ias dizendo que o irmão... Eu conheço-o, é violeiro na rua de S. Marcos.

O outro certificou:

— Sim, um rapaz alto... Esse mesmo. É o irmão d'ella.

O Neves, pondo-se á escuta, impoz-lhes silencio, com a palma da mão aberta.

— Calla-te! — disse em surdina — Deixa ouvir... Parece que sinto passos...

E todos ficaram a olhar para a porta, com as espessas sobrancelhas contrahidas, n'uma attitude inquieta e com interrogações.

Pouco depois, repetiu-se duas vezes, uma ligeira pancada na porta.

Olharam-se suspeitosos.

— Quem é? — pergunta o Neves com voz hesitante.

— Abre — disse alguem pelo buraco da fechadura.

O mais novo, com a satisfação do homem que adivinha disse:

— É o abbade. Abram lá.

Logo que abriram entrou realmente o abbade da freguezia, em chinelos d'ourelo, esfregando capríchosamente as mãos, todo curvado. E disse com modo intimo:

— Seus maganões! Á conversa!?... Ein?!

— É verdade, ao cavaco — emenda, com superioridade, o novo presbytero, conhecedor do recente calão de estudante.

O Simplicio pergunta suspeitoso:

— Mas, para que diabo estás tu, a esta hora, cá em casa ó abbade? Dormes cá?!

— Não homem, venho de estar com o padre Antonio, com o missionario — responde-lhe com uma simplicidade convincente.

— Ah! — pronunciou o Simplicio satisfeito.

Isto trouxe-lhes á lembrança fallarem do facto interessante, da santidade de Rosaria. Foi o ex-seminarista que entrou bruscamente, sem rodeios, no assumpto, perguntando:

— É verdade, ó senhor abbade, e cá a rapariga?

— Quem a Rosaria? — indaga o reverendo, com seriedade ordinaria.

— Sim — responde o que perguntára.

— Lá está — evade-se seccamente o abbade.

Tiveram um d'esses momentos em que a gente olha para o chão, reflectindo mediocremente no que os outros pensarão, sobre um dado assumpto. Nenhum queria ser o primeiro a levantar a cortina além da qual estava alguma cousa que todos conheciam, que todos desejariam ver minuciosamente, atravez de opiniões differentes; mas que nenhum se atrevia a mostrar entregando indiscretamonte *o seu modo de entender*. Houve um resfriamento na conversa, uma perguiça na palavra. Por fim o abbade, para dizer alguma cousa, soltou uma d'essas phrases desleixadas, que abrem irreflectidamente um assumpto:

— O padre Antonio é que sabe. Olhem que está banzado!

O Neves acrescentou com uma compostura facial vulgar:

— É um caso sério! O missionario sempre vos é um rapaz que m'as enche! Com elle os hereges não fazem farinha.

O abbade da freguezia affirma com vivacidade, com um gesto largo:

— Se todos fossem como aquelle, não andava esta cousa da religião tão abandalhada. E que cabeça?! E que cabeça meus amigos! — repete o abbade dando uma sonora palmada na testa.

O Simplicio recorda com desleixo, quebrando a cinza do cigarro na sola do chinelo, e sorrindo ligeiramente, d'um modo desdenhoso:

— Conheci-o no seminario em Braga... Era calouro de mil demonios! Todas as noutes fugia pela janella. Ti-

veram de o pôr fóra. Depois foi lá p'ra Coimbra...

O abbade teve esta opinião sincera:

—Aquillo foi toque.

O recente presbytero rindo d'um modo natural, mas francamente, olhou primeiro para o abbade com attenção. Depois disse:

— Ora meu abbade, lá isso de toque é uma historia.

—É uma historia o que?! Então como explica você *a conversão?!*

— Eu não explico nada — responde o ex-seminarista continuando-se a rir — Mas bem vê que isto de estroinice tambem cança, meu amigo.

— Lá como você quizer. Mas o que eu lhe digo, é que é um rapaz muito fino, muitissimo fino e que você não estranhe, se lhe vir um dia uma mitra na cabeça!

O Simplicio, que não era dos extremamente affeiçoados ao missionario, observou, rindo cordialmente; mas d'um modo trocista:

— Talvez seja esse o toque...

O novo clerigo augmentou o escarneo das suas gargalhadas, como homem que se sentia applaudido. O Neves disse com o rosto cheio de satisfação; porque, já quando estudou no seminario, elle applaudia com enthusiasmo todos os argumentos *de tarracha:*

— Apanha lá essa á unha, ó abbade! É dos taes de *tarracha.*

O amigo do padre Antonio, sem despeito, respondeu voltando-se salientemente para os collegas:

— Que diabo! Vocês, quando podem arranjar uma pechincha, não a arranjam? Ora é bôa!

O abbade Neves insistiu:

— Então, não venhas com os toques. Foi de tarracha, homem, foi. Apanha.

E estava contente e nervoso.

O ex-seminarista teve esta opinião:

— Essa, meu caro abbade, é como a dos milagres da rapariga.

O Neves, pondo-se rapidamente sério, voltou-se e retorquiu-lhe:

— Essa é gôrda! Então você não acredita no milagre, sr. Pereira?

E fitou-o presistentemente, com muita severidade.

— Perdão, meu caro, eu não fallo no milagre em these, n'isso não fallo. N'este caso, na hypothese, o meu amigo acredita, que essa rapariga faça milagres?!

O abbade da freguezia, que tinha sido confessor de Rosaria, atacou vivamente esta opinião irreverente:

— Acredito eu, acredito eu, sim senhor. E então?!

O presbytero Pereira respondeu simplesmente:

— Bem...

E tirou uma fumaça, fazendo refluir pelos narizes o fumo, que se alargou no espaço, como a agua d'um repuxo.

O Simplicio, que conhecera o missionario calouro e estravagante, affirmou:

—Eu não discuto esse ponto. O milagre é uma cousa que não discuto. Se a egreja manda — com mil demonios! — acreditemos.

E teve neste modo de dizer, a simplicidade indifferente d'um homem, que dá a um pobre que lhe pede

dormida n'uma noute de chuva, licença para ficar n'um palheiro. Mas depois acrescentou:

— Agora o tal padre Antonio...

— Que tem! — interroga altivamente o abbade que era um sincero partidario.

O Simplicio affirma d'um modo incisivo, com um rosto energico, mas terminando por se rir:

— Não me entra... Que quer você?!

O abbade, que não era homem de opiniões inabalaveis, disse-lhe com muita cordura:

— Meu amiguinho, eu tambem desconfiei d'elle, mas hoje, digo-lhe que estou convencido.

O outro torna-lhe com um riso conciliador:

— Homem... eu conheci-o muito bem em Braga. Era um batoteiro e andava-me sempre n'aquellas *travessas* com violão e pandigas...

O abbade, estendendo os braços horisontalmente e com as palmas das mãos abertas disse-lhe:

— Então você, não acredita que um homem se possa emendar?! E S. Paulo?! E Santo Agostinho?! E o proprio S. Francisco d'Assis?! É preciso ignorar as causas!

E deu dous passeios no quarto, a toda a largura, com as mãos nos bolsos.

O Simplicio, com uma gargalhada banal recommendou-lhe:

— Não compare, não compare pelo amor de Deus.

O abbade pára de repente no meio da sala e diz com intimativa, olhando-o firmemente:

— Comparo sim senhor, comparo.

O ex-seminarista entremetteu-se:

— Olhe, meu abbade, elle é de carne e osso...

O abbade respondeu sarcasticamente:

— Ai! que os outros eram talvez d'outra cousa!...

O abbade Neves, que assistira ao debate, levantou-se da cama do Pereira e, ao metter-se entre os lençóes, fez esta reflexão isoladamente, n'uma voz mediocre:

— Sim, elle bebe vinho e come pão, logo *et cetera.*

E o abbade da freguezia, com um visivel despeito, affirmou:

— Mas fallemos d'outra cousa. Que diabo! Embirro de questões religiosas. Só servem para zangar. Cada qual acredita no que quizer.

— É melhor, é — disse o Neves.

E passaram a fallar em assumptos profanos com sympathia e cordialidade.

A permanencia do missionario em Refuinho, não pôde conservar-se no segredo planeado. Um movimento de opinião popular, sympathico a este clerigo, propagava-se longamente, como o vago murmurio gemebundo d'um pinheiral. Chàmavam-lhe *o santo* e, os proprios collegas, na sua maioria, o consideravam, como o verdadeiro creador d'uma virtude classica e imponente, n'uma rapariga que todos conheceram tão vaidosa e peccadora. O abbade, cada dia mais dominado e convencido, dizia com um gesto triumphante para outros ecclesiasticos que o ouviam:

— É para verem que a religião ainda vale alguma cousa!

— E hade valer sempre — certificava com forte convicção outro padre.

Mas apezar d'esta corrente, ainda havia algumas pessoas, visivelmente captivadas pelo demonio, que se não tinham deixado arrastar. O pae de Rosaria, sentindo imperiosamente o seu amor paterno e talvez — quem affirmará o contrario?! — instigado pelo brazileiro, continuou a dizer *cousas* contra os missionarios, protestando, n'um domingo, publicamente, com uma enorme raiva, *que, áquelle maroto que estava em Refuinho, elle o ensinaria.*

E como foi visto, depois d'esta ameaça, ao profundo entardecer d'um vistozo dia de maio, andar mysteriosamente, com cara de homem suspeito, perto da caza de Refuinho, n'esta occasião em que lá estava o missionario, alguem que lhe sabia das pessimas intenções, avizou immediatamente o abbade. Este foi depressa, offegante, dar parte do successo. Porém como andava no campo a sachar um milho, foi mesmo com os seus tamancos do trabalho, tendo só tempo de lançar um velho capote pelos hombros e de pôr na cabeça o chapeo alto das jornadas.

N'este momento, o padre Antonio, estava com o seu espirito muito socegado, fallando com D. Maria, n'uma suave conversa, penetrada de confidencias religiosas. Expunha-lhe a fidalga, as enormes confusões da sua alma, a terrivel preoccupação que a dominava, por se não julgar digna de ver a face do Senhor. Tinha a boa consciencia carregada de escrupulos; uma inquietação febril, um mal-estar tenebroso a dominava, por não adquirir fortemente a certesa, de que não perderia o reino do ceo.

O abbade entrou no quarto do missionario, onde o

encontrou n'esta conversa familiar e deleitosa com D. Maria. Abriu a porta d'um modo brusco, fechando-a immediatamente, logo que se viu dentro como um homem que se deseja esconder. Trazia o semblante enormemente afflicto, os beiços roxos, uma côr amarellenta e a testa suada. Da parte da fidalga e do padre Antonio, que estava encostado com desleixo ao vão da janella tendo as costas para o quinteiro, houve um silencio interrogativo, com as caras altas e as testas enrugadas. O abbade disse bruscamente, com uma voz tremula, voltando-se corpo a corpo para o missionario:

—O diabo! Isto só pelo diabo!

D. Maria benzendo-se disse comsigo:

—Ora este costume do abbade!... Sempre com aquelle nome...

Mas elle andou por duas vezes no comprimento do quarto e os seus sócos davam no soalho pancadas sonoras e repetidas. Procurava a palavra urgente para começar, o que tinha para dizer.

Porém como elle não fallava, pergunta-lhe serenamente o missionario:

—Que ha?!

—O diabo. Tire-se você d'ahi, que o homem é maluco.

E puxou-lhe pela manga da batina, obrigando-o com muita cordialidade, a sahir da janella.

—Mas que é?!—indaga com firmeza e rosto severo o missionario.

Porém como o abbade não respondeu logo e continuou monologando d'um modo inintelligivel, passeando

no quarto, o padre Antonio interrogou-o imperiosamente, pondo-se diante d'elle:

—Mas que vem a ser isto?!

—Diga lá, que ninguem o entende—acrescenta D. Maria completamente subjugada pelo semblante funebre do abbade.

Este responde:

—Pois não é preciso ser muito fino para entender!...

O missionario encolheu os hombros ironicamente e voltando-se para o quinteiro disse com desdem:

— Alguma cousa do brazileiro. Pois tenho visto muito homem.

D. Maria, que n'este momento comprehendeu o fundo tenebrozo da situação, exclamou com o seu rosto magro, piedosamente voltado para o tecto:

—Ó meu Deus, que condemnado do inferno!

— Se não é o brazileiro, é o diabo por elle—esclarece o abbade.

—Não falle no diado abbade—reprehende a fidalga.

—Ora, eu não o conheço por outro nome—remata com rudeza.

E voltando-se para o collega acrescenta:

—É esse Thomaz do Monte que anda ahi amórado e que não é por bom. Já me disseram que o homem está maluco e que tem a mania de lhe dar uma chumbada em você. Oça veja a brincadeira!

O padre Antonio ouviu-o com a cara levantada, piscando os olhos d'um modo suspeito. E disse:

—Lá com doidos é mais sério.

O abbade affirma convencido:

—Sim, com doidos, nem para o ceo! Está como eu carissimo amigo.

D. Maria, subjugada por esta noticia, pronuncia com rosto afflicto:

—Ora os nossos peccados!...

E ficaram mudos, olhando vagamente, desejando cada um encontrar a idéa salvadora. O missionario com o seu corpo austero, o seu rosto pallido e as pupillas fixas olhava, pela janella, a paisagem que lhe ficava em frente, limitada no horisonte por uma corôa de pinheiros. A côr profunda e triste d'esta arvore absorvia-lhe os pensamentos vagos, incertos, indefinidos. A fidalga com semblante piedozo, esperava d'este homem que ella collocava n'uma distincção ideal, uma resolução suprema. O abbade rufava com os dedos sobre a commoda, d'um modo inconsciente. Depois levantou o rosto e principiou a desejar intimamente, uma optima rede de camoesas que estavam no tecto. Afinal cahiu de novo no pensamento da situação e disse para o missionario n'um tom vulgar:

—Meu amiguinho, você retire-se d'esta caza; porque o homem está maluco e prega-lh'a.

Ao que o missionario respondeu frouxamente, sem despregar os olhos do pinheiral:

—Hão de ser cousas do tal brazileiro.

O abbade affirma com o ligeiro sorriso, de quem julga ociosa aquella reflexão:

—Podéra! Quem havia de ser?!

E depois concluiu com accento energico:

—Olhe que é um mau homem. Pediu-me aquelles duzentos mil réis!...

A fidalga acrescentou indecisamente:

—É um pedreiro livre!...

Mas o padre Antonio, tomado d'uma raiva explosiva e expontanea, uma raiva de temperamento, disse rapidamente:

—Pois não lhe tenho mêdo nenhum! Sim, fiquem certos de que lhe não tenho mêdo nenhum!

E terminou com aspecto vingativo:

—Eu o ensinarei!

E bateu fortemente com os nós dos dedos na commoda.

Este traço de paixão humana absorveu as pessôas que o presenciaram. O abbade disse-lhe com effusão, com enthusiasmo:

— Pois olhe que é bem ensinado, que é um grande marôto. Se você o endireita faz uma *africa*. Ninguem ahi se tem atrevido com elle.

Estiveram alguns minutos sem fallar; mas depois principiaram uma conversa sensata, sem exaltações, todos sentados em cadeiras. O abbade entorpecido nos seus rancores contra o Cerqueira, fallou muito cordialmente dizendo o que entendia:

—Isto é uma canalha que você não conhece meu padre Antonio. Levantam-nos por ahi cousas, que nem você faz uma idéa!

O missionario, que se tinha dominado, disse, já com os pensamentos sensatamente ordenados:

—Só Deus é que nos conhece bem meu amigo. Deixe fallar o mundo.

E depois d'uns momentos acrescentou:

—Talvez seja essa a punição dos nossos peccados. Deus permitisse que o fosse; porque bem pequena é.

A fidalga, n'uma voz que parecia a do missionario, continuou authomaticamente:

—E quem sabe? Póde muito bem ser!

Disse o abbade:

—O que sei é que lhes não escapa ninguem.

E curvando-se para o missionario, revelou confidencialmente, n'um relance:

—Nem mesmo você! Ora vejam a pouca vergonha!

O missionario, com um braço lançado para as costas da cadeira, fez um movimento de indifferença com os hombros e olhando o velho capote do abbade respondeu:

—Ora.....................................

....

Mas afinal entenderam, prudentemente, que o melhor era o missionario saír de Refuinho n'esta occasião. N'aquellas redondesas todos eram por elle; mas devia-se evitar qualquer mau successo.

—Porque—dizia o abbade—ás vezes lá vem uma perdida da baralha. Ninguem se póde livrar d'um inimigo. Você entende padre Antonio. Creio que me entende perfeitamente!

O missionario, sentiu-se abalado por uma energia occulta e levantando-se da cadeira disse vigorosamente, principiando a passear da porta do quarto até ao fundo:

—Nós precisamos cumprir a nossa obrigação ainda que seja com risco. Somos escravos *d'isto* (pegou com

dous dedos n'um bocado de batina). Se não, é melhor não *a* vestirmos.

E continuando a andar a largos passos como homem que se sente dominado por uma idéa energica, ainda repetiu, muitas vezes:

— Precisamos cumprir a obrigação... Precisamos cumprir...

O abbade observou n'um tom moderado e covarde:

— Tambem assim o entendo...

E depois restringiu rapidamente:

— ... Mas isso, quando for necessario.

E passado um minuto, durante o qual todos estiveram callados, rematou n'um tom familiar de inferioridade:

— Esta está ganha, meu amigo. Foi você e mais ninguem; heide-o dizer em toda a parte. Vê todo esse povo, que vem ahi pedir milagres a essa santa?

D. Maria entremetteu esta exclamação:

— E oh! que milagres!

— Vê você tudo isso? — interroga novamente o abbade com mais intimativa:

(O missionario olhava-o aborrecido, como quem sabe o que vae ouvir).

— Pois meu amiguinho — conclue — deve-se-lhe. Heide dizel-o em toda a parte, que se lhe deve a você. Oh! se hei!

O padre Antonio deu esta resposta facil:

— Cumpro o meu dever. As boas inclinações lá está quem as dá (apontou para o ceo.) Nós só podemos aproveital-as e dirigil-as. É a nossa missão. Sabe Deus quem a cumpre como deve!

A fidalga olhava o missionario com submissão.

O abbade cheio d'um rizo triumphante considerou:

—Não é tanto assim. Se não fosse você esta rapariga era do demonio. Você faz lá idéa! D'antes ninguem cabia com ella, era o vivo diabo. Agora é aquillo!...

E com um sorriso dulcissimo, apontou para o angulo do palacio, para onde ficava o quarto de Rosaria.

A fidalga confirmou com gestos approvativos.

—Lá isso é uma verdade.

—Esta é nossa!—conclue victoriosamente o abbade, batendo com a mão espalmada sobre o sterno.

—Assim o espero—respondeu com simplicidade o missionario, olhando pela janella fóra.

E conforme convencionaram, o padre Antonio saíu de Refuinho, n'uma manhã cedo, antes de romper o sol. Acompanhava-o o abbade e um primo d'este—um homem valente e temido, que levava nos coldres um par de velhas pistolas de cavallaria e que, pelo caminho, olhava indagadoramente para todos os lados. Porém o pae de Rosaria, se é que tinha algumas intenções malevolas, não as pretendeu realisar n'esta occasião e o missionario entrou em Braga são e salvo, acompanhado pelos seus amigos.

V

Era no fim do mez de novembro.

Tinham-se passado mais de cinco annos, sobre a primeira confissão geral de Rosaria. Durante este periodo, a sua fama de santidade, de creatura *escolhida*, crescera enormemente.

A sua penosa vida de penitencias, de jejuns rigorosos e de continuadas orações, tinha-lhe garantido o desejado epitheto de santa.

Quasi todas as pessoas que conheceram de perto este facto, que ficou circumscripto a algumas povoações gallegas limitrophes de Portugal e a algumas terras minhotas, acreditaram resolutamente na existencia milagrosa d'esta rapariga, que se sustentava d'uma alimentação imperceptivel e que vivia n'um constante padecer.

A noticia d'este acontecimento excepcional, não veio á luz publica com o brilho impertinente, com que, nos ultimos tempos, tem andado um analogo que se dá na

Belgica. O caso de Bois-d'Haine, a mystica Luisa Lateau, tem agitado vivamente o mundo sentimental-catholico e o mundo scientifico. D'elle se tem occupado os crentes, com uma eloquencia impetuosa e adjectivada; e os sabios com uma friesa sagaz, atrevida, cheia de superioridades e de sarcasmos.

O caso *da santa de Refuinho,* por muitas rasões obvias que dependem do temperamento e, mais do que d'isso, da educação scientifica dos tantos milhões de lusitanos que se distrahem sob este puro céo anilado, chegou, como disse, ás mais proximas freguezias da Galliza e mais não avançou. Porém, n'esses logares foi muito fallado e o successo impressionou, commoveu, dominou as almas bôas e de crenças rudes. Não cahiu, sobre elle, o frio exame scientifico escalpelisando-o com miudos cuidados reflectidos, discutindo-o audaciosamente com uma auctoridade imponente e caustica.......................................

....

Mas, no fim d'esse mez de novembro, o dia 27 appareceu com um sol animador.

A natureza vegetal morria apressadamente — via-se a todos momentos, cairem das arvores folhas amarellentas, com nodoas escuras, que, depois de fluctuarem na incerteza dos movimentos aerios, iam parar no sulco antigo das rodas dos carros, nas bordas dos caminhos, ou sobre um velho muro musgoso, onde acabavam de apodrecer.

Enfileiradas methodicamente, nas divisorias dos cam-

pos e nos lados das estradas tortuosas, viam-se as arvores com os seus delgados braços nús, os quaes esperavam passivamente a foice do podador. Ellas estavam quasi despidas das suas folhas e tinham uma austeridade tradicional e monastica, um aspecto submisso, pobre e resignado.

A côr dos campos era, n'umas partes, ainda o verde amarellento, desbotado, prenuncio de morte; mas nas maiores extensões, nas grandes áreas, havia já a côr escura-terrosa, sem vegetação, signal de morte completa. Ainda assim, n'um ou n'outro ponto descobriam-se uns pequenos quadrilateros de terra revolvida, que promettiam alguma nova plantação de hortaliça.

Alguns pequenos cerros dos montes sobranceiros tinham plantado no alto, um pinheiro ou um carvalho isolado, que se destacava nitidamente no puro horisonte das manhãs; outros conservavam no cimo uma accumulação irregular de penedos; outros estavam isolados, cobertos da sua meuda vegetação de tojo silvestre, o que lhes dava um singular aspecto de rigidez.

Nas tardes d'este mez, apparecia, quasi sempre, um vento rude e cortante, que trazia uma nuvem redonda e fofa, como um grande pedaço de algodão em rama. Esta nuvem, apparecia do lado do sul, destacando-se claramente; porque vinha só. As pessoas scismaticas, apprehensivas, d'um temperamento reservado, diziam em voz baixa, n'um tom concentrado e receioso:

— Temol-a, agora é que a temos.

E esfregavam as mãos, em quanto ouviam esta resposta de que não gostavam:

— Deixal-a. Vem no seu tempo. Ha de ser precisa.

Era a chuva que elles previam como um acontecicimento necessario.

E, ficando silenciosos, recordavam mentalmente, os longos dias nevoentos e frios; e aquellas noutes eternas com os trovões sobre o telhado e a chuva cahindo acintosamente.

O dia 27 nasceu com sol claro e até, para o meio dia, d'uma quentura agradavel. Porém a nuvem que nas manhãs precedentes tinha vindo só, veio n'este dia mais cedo e acompanhada de muitas outras, que o vento espalhou desenrolando-as. Pouco depois o sol desappareceu por detraz das nuvens que se multiplicaram, e a paisagem ficou d'um aspecto mais triste, d'um acabado mais circumspecto.

Por este tempo Rosaria tinha chegado ao extremo da fraqueza organica, a sua vivacidade, a sua alegria e a propria saude tinha-as dissipado, nas profundas tristezas de religião!

Os soffrimentos nevralgicos, os extasis, as hemorragias pela boca e a repugnancia pelos alimentos, foram-lhe crescendo continuadamente.

Porém, apesar da sua debilidade profunda, pareceulhe, no dia de que fallamos, que se achava mais desopprimida... Pela volta das dez horas dà manhã sentiu vontade de se levantar da cama, quiz roupa lavada, pediu que a penteassem e vestiu-se de fresco. Teve taes lampejos da sua antiga vaidade humana, que ella chegou a perguntar se seria alguma tentação do *inimigo.*

Depois, como se julgava mais alliviada, achando-se mais agil e com movimentos mais faceis, lembrou-se de ver os campos por onde havia tanto tempo que não andava. Quiz ir á varanda respirar, a pulmões dilatados, o ar fresco e balsamico que vinha dos montes.

Levaram-na. Não tinham chegado as nuvens, e ella ainda pôde apreciar aquella natureza triste e desfallecida, aviventada por um sol claro. Mas como depois, quando ella estava na varanda, as nuvens se espalharam, o sol encobriu-se e o ceo ficou d'uma côr de cinza, tornando a extensão dos campos mais escura e a paisagem aborrecida e monotona. Com esta mudança no ceo e nos campos, coincidiu outra no semblante de Rosaria que se transformou rapidamente d'um modo caracteristico e notavel.

O nariz tornou-se-lhe afilado; os olhos encovaram-se-lhe arroxeando-se as palpebras; as orelhas frias e transparentes, destacaram-se mais do osso. A pelle da testa, dura, retesada e secca cubriu-se d'um suor viscoso. A côr da face apresentou-se d'uma lividez que fazia lembrar, promptamente, a d'um moribundo. Em certo momento o labio inferior descahiu e viu-se-lhe um longo fio de baba, escorrer imperceptivelmente.

Rosaria conservou-se assim algum tempo, sentada n'uma cadeira, com o tronco inclinado para traz e a cabeça para o seio n'uma curvatura oppressiva. Os seus braços, notavelmente descarnados cahiam indifferentemente, n'um grande desleixo, aos lados do corpo. As pernas, tinha-as muito juntas, perfiladas, com a saliencia dos joelhos sobresahindo, e os pés unidos encostados ás grades da varanda. De vez em quando abria

os olhos que tinham um brilho baço, d'uma humidade pegajosa. Tinha-se passado meia hora e Rosaria fatigada d'aquella posição, acordou d'este entorpecimento quasi mortal e pediu n'uma voz tenue que a levassem para a cama.

Sentiu-se tomada d'uma inquietação interior, teve uma anciedade, quiz dizer mais alguma cousa; mas não pôde.

Com todos os cuidados presumiveis, quizeram-na levar nos braços. D. Maria e as creadas combinaram no melhor modo de o fazerem. Porém, n'um certo momento, Rosaria sente mais uma vez, subir uma cousa por ella acima; faz exforços para gritar mas não pode. Quer levantar-se da cadeira, leva a mão á garganta por que se sente abafada e lança duas golfadas de sangue sobre a pedra da varanda. O sangue, d'um vermelho-escuro, escorreu e foi cahir sobre a lama subjacente do quinteiro, onde fuçavam uns porcos.

Foram as suas ultimas hemorragias. Como Lidwine de Schiedam e Colleta de Gand ella não chegou a ter *stigmas*.

Quando D. Maria e as creadas a iam amparar, julgando que algum extasis divino illuminaria, mais uma vez, aquelle rosto de santa, receberam nos braços um corpo sem energia, n'uma completa resolução muscular, com os olhos quasi cerrados e os beiços tintos de sangue. A fidalga teve a revelação instinctiva, a sensação d'um cadaver encostado nos seus braços. Chamaram apressadamente o abbade, que veiu sem chapeo na cabeça. Ao ver o corpo estendido sobre a cama, disse n'uma voz usual, mas com um accento melancolico.

— Coitadita. Tomaram vocês estar como ella.

Todos os presentes choravam d'um modo resignado, junto do cadaver de Rosaria. Houve quem se lembrasse de que, talvez de noute, nas horas do mysterio, viessem os anjos para a levarem em alma e corpo para o céo; porém tal hypothese, aventada por Lindoria, não se verificou.

O enterro de Rosaria foi excepcionalmente concorrido, tanto de clerigos, como de povo.

Pequenos ajuntamentos de homens e de mulheres commentavam o caso no adro, em quanto corriam os officios. Na sachristia os ecclesiasticos almoçando, tambem fallavam d'isto e d'outras cousas. Tinham mandado a Braga um proprio dar parte do acontecido, ao novo missionario; mas elle não estava na cidade e por isso não pôde vir abrilhantar, como a fidalga desejava, com a sua sympathica figura, a festa mortuaria *da santa de Refuinho*.

A egreja tinha sido armada com uma sumptuosidade pobre. Havia simplesmente, uns pannos pretos, agaloados de branco em volta dos altares. As paredes caiadas appareciam claramente e o sol entrava pelas janellas alegrando o templo.

Os padres, com as suas amplas sobrepelizes brancas, entravam e sahiam da sachristia para a egreja, por uma porta lateral. Vinham aos pares, conversando e remoendo o ultimo pão do almoço. Dirigiam-se para a capella mór e, collocando-se em qualquer ponto, abriam

ao mesmo tempo, por uma convenção tacita e habitual, as suas bocas para cantarem. A maioria, espalhava-se em pequenos grupos, outros estavam sentados em bancos de um modo indifferente.

As creanças, brincando e rindo, entravam na egreja, sem preoccupações respeitosas, com os seus vestuarios sujos e rotos. Buliam com irreverencia nos ossos que tinham saido da sepultura aberta e misturavam-se aos ecclesiasticos, sentando-se no chão junto d'elles. Depois levantavam os seus pequenos rostos vivos e animados, abrindo os olhos desmesuradamente, para verem como os padres cantavam o seu latim.

Mas de vez em quando, o tio Domingos, saia da porta lateral da sachristia, e corria-as pela egreja abaixo com um pau, perseguindo-as até ao adro e dizendo-lhes n'uma voz ameaçadora:

— Pedaços de tratantes! Vindes roubar os tocos dos altares? Ora vinde cá?!

Elles, de longe, faziam uma enorme algazarra e ameaçavam-no com pedras. O sachristão, recolhia-se novamente á egreja. Atravessava irrespeitosamente os grupos dos ecclesiasticos que cantavam. Arrastando o pau sobre as pedras das sepulturas, ia para a sachristia.

Mulheres, com os braços escondidos nos aventaes de riscas, e homens, com as mãos atraz das costas n'uma attitude ociosa, entravam na egreja, conversando baixo,

e iam espargir agua benta sobre a defunta, resando distrahidos. Acabada a resa retiravam-se para o adro, saindo pela egreja abaixo, depois de terem reverenciado o altar mór.

O cadaver estava no seu esquife, pobre e vestido com uma mortalha de panno roxo, lustroso, fortemente engommado e agaloada de amarellos relusentes. Atravez da mortalha, não se lhe conheciam os contornos, mas os pés sobresahiam, levantados no fundo do esquife. Tinha-os calçados com uns ordinarios sapatos de defunto. Viam-se tambem as meias de linha fina, cobrindo as pernas; mas estas não as enchiam com a sua magreza.

O rosto do cadaver, que se via dentro do capuz da mortalha, tinha a côr do limão maduro. Notavam-se-lhe numerosas manchas escuras, que eram signaes de putrefacção. Os beiços seccos e de um roxo triste, afastavam-se, deixando ver os dentes grandes e amarellos. Muitas das particularidades anatomicas da superficie externa dos ossos da face, conheciam-se atravez da pelle. As mãos, presas no peito com uma fita roxa, sustentavam um crucifixo de marfim defumado.

Quatro tochas, uma em cada angulo do esquife, ardiam serenamente. A caldeira de agua benta, estava aos pés, com o hyssope dentro.

Quando os officios estavam a terminar, entrou na egreja um homem que fez levantar um murmurio saliente, a ponto de que os ecclesiasticos que cantavam,

voltaram-se para a porta principal com as suas caras vermelhas e as suas bocas abertas.

Atraz d'esse homem entrou muita gente, dominada por uma curiosidade banal.

Era um velho de cabellos brancos, que se dirigiu ao esquife, com um olhar indifferente por todas as outras cousas. Aproximou-se do cadaver, olhou-o demoradamente, buliu-lhe na mortalha. Os padres que celebravam os officios, continuaram a cantar, olhando para aquelle velho, d'um modo interrogativo, e sempre com as bocas abertas. O homem de cabellos brancos, depois d'um espaço de tempo, em que pareceu reflectir, tocou com um dedo na cara da morta e disse com naturalidade:

— Não é esta.

N'este momento, o sol que entrava pela janella, cahiu sobre o cadaver, dando-lhe um parecer quasi phantastico.

O velho saiu na mesma indifferença em que entrára. Era o Thomaz do Monte que tinha enlouquecido.

Quando elle se retirava, disse a Lindoria, n'uma voz clara, para um ajuntamento de homens e mulheres que estavam no adro:

— Vêdes os castigos do ceo?! São os castigos do ceo!

E apontou para o pae de Rosaria, que se distanciava n'um passo natural.

O Coruja, o coveiro das visinhanças, que esperava, cantarolando, sentado á porta da egreja, o momento de enterrar a defunta, ouvindo Lindoria, disse-lhe com um accento prophetico:

—Não digas soberbas, mulher! Olha que te póde acontecer o mesmo!

— Calla-te borrachão — responde-lhe desdenhosamente Lindoria.

Dos restantes personagens diremos o seguinte:

O padre Antonio vive doente, com dores nocturnas nos ossos. Dizem que vae em caminho de santidade. Elle toma remedios especiaes que lhe ministra um medico, bom amigo e seu antigo condiscipulo no lyceu de Braga.

D. Maria, a fidalga de Refuinho, continua a viver de receios, de escrupulos e de hypotheses crueis ácerca do destino que terá depois de morta e fallando constantemente, como um maniaco, *no caso da santa*. Sobre estas cousas tem correspondencia com o missionario. É uma senhora mortificada pela enxaqueca e pelos receios infernaes. Ao vel-a, uma pessoa tem fatalmente a idéa d'uma pobre figo doente.

D. Clotilde casou, entrou na vida vulgar e faz excellente marmellada e ginja para o inverno. D. Joaquina espera destino parecido d'um primo, a flor dos rapazes, um caçador de bôa perna, que arranjou em Coimbra uma fama terrivel de homem valente, espancando futricas, nas romanticas noutes de troça, com o gorro pela cara, e ares sinistros da velha data.

O brazileiro Cerqueira vive actualmente no Porto na opulencia do seu dinheiro, cheio de commodidades e de rendimentos; mas sempre com um rancor progressivo contra os padres.

Fr. Anselmo morreu. Teve quarenta e sete fruncu-los, durante mez e meio em diversas partes do corpo. Lancetaram-lhe vinte e nove; os outros levou-os intactos para a cova.

Fr. Thomaz teve, ha tempos, uma colica por indigestão; mas não morreu, felizmente.

FIM

ERRATAS

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
30	29	tom de confidencial	tom confidencial
99	27	soffrimento que	soffrimento
139	7	com um	com

N. B. Outras faltas de revisão devem apparecer, as quaes serão facilmente corrigidas pelo leitor.

ADVERTENCIA

Os dois volumes da **COMEDIA DO CAMPO**, já publicados, pódem ser lidos e comprados separadamente, porque os entrechos dos romances n'elles comprehendidos são independentes.

O 1.º volume vende-se em casa dos editores Mattos Moreira & C.ª, e em todas as livrarias do costume.

O 2.º volume vende-se na livraria de Pacheco & Carmo, rua do Ouro, Lisboa, e em todas as livrarias do costume.

Os dois volumes da **COMEDIA DO CAMPO**, já publicados, pódem ser lidos e comprados separadamente, porque os entrechos dos romances n'elles comprehendidos são independentes.

O 1.º volume vende-se em casa dos editores Mattos Moreira & C.ª, e em todas as livrarias do costume.

Typ. Universal — 1877